

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MÔNICA MARIA SILVA

Trauma e Solidariedade  
Um estudo psicanalítico

Maringá  
2014

MÔNICA MARIA SILVA

Trauma e Solidariedade  
Um estudo psicanalítico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Epistemologia e Práxis em Psicologia

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Regina Perez Christofolli Abeche

Co-Orientador: Dr. Eduardo Augusto Tomanik

Maringá  
2014

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MÔNICA MARIA SILVA

### Trauma e Solidariedade Um estudo psicanalítico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

#### BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Regina Perez Christofolli Abeche  
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik  
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Paulo José da Costa  
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dra. Débora Patrícia Nemer Pinheiro  
Universidade Positivo - Curitiba

Aprovada em: 29 de agosto de 2014.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118 (sala de vídeo do DPI)

## DEDICATÓRIA

A memória de minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Landulfo Assis Silva e Dirce Milani Silva (*in memoriam*) por tudo.

Aos meus filhos Mariana Silva Franzim e Thiago Silva Franzim, primeiro por fazerem parte da minha vida e por a tornarem mais feliz e iluminada com as suas presenças. E pelo incentivo e paciência.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realização deste mestrado.

A professora Dra. Regina Perez Christofolli Abeche e ao professor Dr. Eduardo Augusto Tomanik por me aceitarem e me acolherem como sua orientanda. Pela disponibilidade, respeito e generosidade com que conduziram as orientações. E por me ensinarem que um salto pode ser tão belo quanto o voo. Aprendizado libertador, que me permitiu aceitar com mais tranquilidade as minhas possibilidades e limitações, fazendo com que a pesquisa pudesse fluir.

Ao Prof.Dr.Paulo José da Costa e a Profª Dra.Débora Patrícia Nemer Pinheiro por aceitarem participar de minha banca examinadora e pela leitura atenta de meu trabalho;

A todos os meus amigos de mestrado especialmente a Ana Céli Pavão, Josani Campos, Edinei Hideki Suski, Isabelle Maurutto, Vivian R.Prestes , por compartilharem comigo os percalços desse caminho.

As minhas amigas Fabiana F. y F. Tkots, Camila A. Antonio, por escutarem as minhas angústias e especialmente a minha irmã/amiga Crisley Maria Assis Silva pelo apoio incondicional em todos os momentos.

A Zeila Facci Torezan pela coerência e seriedade na transmissão da psicanálise e por todas as contribuições ao longo desses anos.

Aos professores do mestrado, especialmente a professora Dra. Sonia Maria Shima Barroco pela disponibilidade e respeito que sempre demonstrou nos momentos em que precisei de suas orientações.

A Tânia Regina Gasparelo, secretária do PPI, pela generosidade e alegria com que se dispõe a ajudar.

Ao escritor Mauro Ventura, primeiro por compartilhar com todos, através de seu livro, o fruto de um trabalho que foi despertado por sua curiosidade e interesse, e por sempre se dispor a ajudar em todas as vezes que fizemos contato.

Ao Laboratório da História Oral e Imagem do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, pelo material cedido.

Às vítimas do incêndio do Gran Circo Norte Americano por compartilharem as suas histórias.

MEMÓRIA

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

*Carlos Drummond de Andrade (2002, p.252).*

# Trauma e Solidariedade

## Um estudo psicanalítico

### RESUMO

Este estudo buscou uma compreensão psicanalítica acerca do sofrimento psíquico ocasionado por um desastre e de como a solidariedade pode contribuir para sua elaboração. De acordo com Freud (1920/1996s) um desastre pode ser traumático ocasionando sofrimento quando desestabiliza a economia psíquica em tal proporção que dificulta a sua elaboração. Diante do sofrimento, Freud (1914/1996m) afirma que o homem pode procurar proteção no isolamento, mas se não for capaz de amar pode adoecer. A partir dessas considerações desenvolvemos uma pesquisa teórico-conceitual privilegiando os textos freudianos que versam sobre a constituição do psiquismo, além da concepção de trauma e dos elementos envolvidos na sua elaboração. Discorremos sobre o conceito de solidariedade, entendido pela filosofia como ajuda mútua, a partir de sua articulação com a teoria freudiana. Embora a solidariedade não seja um conceito da psicanálise, através de um levantamento realizado nas obras de Freud, foi possível identificar a utilização desse termo em diferentes textos, o que permitiu articular os argumentos enunciados sobre a ajuda mútua que pode ser estabelecida nessa relação humana. Com base na vertente de pesquisa em psicanálise, denominada por Mezan (2006) como interface psique/sociedade, tomamos como referência o incêndio ocorrido no Gran Circo Norte Americano, em 17 de dezembro de 1961, empreendendo uma análise psicanalítica de relatos de envolvidos naquele evento, para ilustrar como um desastre pode acarretar sofrimento psíquico para as pessoas que foram envolvidas, e como a solidariedade pode constituir ajuda para a elaboração de tais sofrimentos. Uma situação dessa natureza pode causar sofrimento psíquico tanto para as suas vítimas diretas quanto para aqueles que se mobilizam através da solidariedade. Para as vítimas diretas a solidariedade pode ajudar na elaboração das perdas através do trabalho de luto. Para quem presta auxílio, essa ação pode se configurar como uma tentativa de elaboração da angústia suscitada diante da transitoriedade da vida.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Trauma. Solidariedade. Desastre.

# Trauma and Solidarity

## A Psychoanalytical Study

### ABSTRACT

This study aims a psychoanalytic understanding on suffering coming from a disaster and on how solidarity can contribute for its psychic elaborations. According to Freud (1920/1996s) a disaster can be traumatic bringing suffering when makes psycho economy unstable in a proportion to make elaboration difficult. Facing suffering, Freud (1914/1996m) says that one can search for protection through isolation, but if one is unable to love he can become sick. From this statement we have developed a theoretical-conceptual research, focusing on Freud's texts that discuss on psycho constitution, together with trauma conception and the elements involved in its psychic elaborations. We discuss over solidarity concept, understood by philosophy as mutual help, from its articulation with Freud's theory. Even though solidarity is not a psychoanalytic concept, it was possible to identify the use of this term in different texts throughout Freud's work, which allowed the construction of the argument that mutual help can be established within human relations. Based on psychoanalytic researches, named by Mezan (2006) as the interface psyche/society, we've taken as reference the fire in the Gran Circo Norte Americano, December, 17 1961, starting a psychoanalytic analysis from what was reported by the ones involved in that event, in order to illustrate how a disaster can bring psycho suffering to those involved, and how solidarity can be helpful to elaborate such suffering. Solidarity may help the victims directly involved to elaborate their losses through mourning work. This action may be an attempt to elaborate the anguish that life transitoriness brings to those who are in their assistance.

**Key-words:** Psychoanalyis. Trauma. Solidarity. Disaster

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. O INCÊNDIO DO GRAN CIRCO NORTE AMERICANO</b> .....	19
1.1 Personagens .....	21
1.1.1 Nelli Rocha Gomes .....	22
1.1.2 Maria Pérola Sodré .....	23
1.1.3 Luis Gomes da Silva .....	25
1.1.4 Luis Carlos Pereira Rodrigues .....	28
1.1.5 Doracy Campos (Palhaço Treme-Treme) .....	28
1.1.6 Ivo Hécio Jardim de Campos Pitanguy .....	29
1.2 A memória do circo .....	30
<b>2. TRAUMA: DO ADOECIMENTO PSÍQUICO A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA</b> .....	33
2.1 Do afeto estrangulado a sexualidade infantil .....	34
2.2 Do recalque como defesa ao recalque na constituição do aparelho psíquico .....	38
2.3 A Sexualidade infantil e as pulsões .....	48
2.4 A libido e o narcisismo .....	53
2.5 O psiquismo e as identificações .....	57
2.6 Trauma: uma ferida narcísica .....	63
<b>3. SOLIDARIEDADE</b> .....	72
3.1 - Identificação e luto .....	72
3.2 Solidariedade – um auxílio mútuo .....	75
<b>4. DA TRISTEZA DO DESASTRE À AJUDA DA SOLIDARIEDADE</b> .....	83
4.1 Uma situação potencialmente traumática .....	83
4.2 O corpo queimado e o apagamento das diferenças .....	86
4.3 As perdas do corpo e da alma .....	87
4.4 O tratamento e a solidariedade .....	89
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	98
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	102

## INTRODUÇÃO

O sofrimento humano é tão antigo quanto a própria humanidade; várias são as ciências que já se dedicaram ou se dedicam a trabalhar na busca de seu alívio. A psicanálise, como uma dessas ciências, nasce no final do século XIX e início do século XX a partir dos esforços de Freud para encontrar um alívio para o sofrimento das histéricas. De acordo com Maurano (2010), o criador da psicanálise logo cedo percebeu que o que fazia o homem sofrer era um mal implacável, o mal de amor, pois ao escutar as histéricas ele pode compreender que elas falavam de um afeto que não podia ser integrado à sua existência e se convertia no corpo.

Em um texto já mais tardio, *O Mal estar na civilização*, Freud (1930/1996w) afirma que o sofrimento chega ao homem por três lados: pelo próprio corpo, que ao longo dos anos se deteriora pelo envelhecimento e doenças; pelas forças da Natureza que causam destruição em nosso mundo externo; e através das relações com os outros homens. O sofrimento gerado por essa última fonte é situado por Freud (1930/1996w) como sendo possivelmente o mais doloroso. Paradoxalmente, se a relação humana pode ser a fonte de maior sofrimento, ela pode também ser o caminho para que o homem não sucumba a esse sofrimento em sua forma mais drástica, que é o adoecimento. Para Freud (1914/1996m), se diante das frustrações nas relações o homem buscar proteção no isolamento do egoísmo, o seu destino será mais sofrimento. O autor afirma que: “um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.” (Freud1914/1996m, p.92).

As fontes de sofrimento apontadas por Freud (1930/1996w) estão presentes em nosso cotidiano. Se o contexto em que elas acontecem mudou muito da primeira metade do século passado até os nossos dias, não podemos dizer o mesmo das consequências que produzem. Os aspectos psíquicos que levam o homem a sofrer diante dos fatos apontados por Freud (1930/1996w), é o que nos interessa no presente trabalho. Assim, o objetivo de nossa pesquisa é analisar como, diante do sofrimento humano, causado por uma situação de desastre, a solidariedade, como uma forma de manifestação da capacidade de amar do homem, pode contribuir na elaboração do trauma.

Enunciamos como concepção de trauma, nesta pesquisa, aquela desenvolvida por Freud (1920/1996s) no texto *Além do princípio do prazer*. Nele o trauma psíquico está relacionado à vivência de uma situação externa que pode ocasionar um abalo no psiquismo, desorganizando a sua economia. Isso acontece quando as defesas psíquicas falham, pois não

conseguem conter a intensidade de excitação que invade o aparelho psíquico. Porém a noção de trauma perpassa toda a obra de Freud, presente e imprescindível também no que diz respeito à constituição subjetiva. Por essa razão, para discorrer sobre a constituição psíquica, retomamos conceitos desenvolvidos pelo autor em textos anteriores, do período entre 1895 e 1920. Considerando o nosso interesse levantamos as seguintes questões que nortearam o desenvolvimento do trabalho:

1. O que faz com que um desastre se constitua em uma situação traumática?
2. O que pode dificultar ou impedir a elaboração do trauma?
3. Diante do traumático, como as relações humanas, estabelecidas no ato solidário, podem auxiliar na elaboração do trauma?

Começamos por definir o que, nesta pesquisa, entendemos como desastre. De acordo com o dicionário Michaelis (Michaelis, 2013) desastre se refere a: “1 Acidente funesto. 2 Desgraça, sinistro. 3 Fatalidade. 4 Grande revés”. Com base nestas definições, o conceito de desastre pode ser aplicado nas três fontes de sofrimento humano apontadas por Freud (1930/1996w). Diante disto, nossa escolha inicial foi realizar a pesquisa tomando como base os desastres causados pelas forças da Natureza. Porém ao iniciarmos o trabalho, encontramos dificuldades em obter material que pudesse contribuir para nossa proposta. Nesse momento, outra possibilidade nos pareceu interessante: tomar como base um evento ocasionado pela ação humana. O interesse surgiu a partir da divulgação na mídia do lançamento do livro de Mauro Ventura, *O espetáculo mais triste da terra: o incêndio do Gran Circo Norte Americano*, publicado em 2011. Nele o autor relata o incêndio do circo, ocorrido na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, no dia 17 de dezembro de 1961, que segundo dado oficial<sup>1</sup>, ocasionou a morte de 503 pessoas, entre adultos e crianças.

As pessoas que sobreviveram ao incêndio do Gran Circo Norte Americano experimentaram uma situação potencialmente traumática, como a descrita por Freud (1920/1996s), em *Além do princípio do prazer*, vivenciando uma ameaça externa para a qual não estavam preparadas. Essa vivência teria sido potencialmente traumática pelo excesso de excitação que invadiu o aparelho psíquico dos sobreviventes, sendo esse excesso provavelmente sentido internamente como uma pressão pulsional. O fato de terem se passado 50 anos desde o desastre nos permite analisar, *a posteriori*, as possíveis consequências traumáticas e as possibilidades que os sobreviventes encontraram para supostamente elaborar o trauma. Outro aspecto que caracteriza esse desastre, e que nos interessa, diz respeito à

---

<sup>1</sup>Conforme divulgado em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/12/17/incendio-no-gran-circo-em-niteroi-completa-50-anos-relembre/>

solidariedade que mobilizou em um primeiro momento a comunidade mundial e, durante muitos anos, a comunidade de Niterói (Ventura, 2011).

Nessa pesquisa, para realização dos estudos sobre a psicanálise, utilizamos tanto a bibliografia produzida por Freud como a de autores brasileiros e estrangeiros que desenvolveram os seus trabalhos amparados neste mesmo referencial teórico. Optamos por esses autores no que foi possível que eles contribuíssem para a interpretação dos textos freudianos. Além destas fontes, utilizamos artigos psicanalíticos sobre o traumatismo atual, localizados através do Portal da CAPES, EBSCO e do banco de dados PsycInfo, da Associação Americana de Psicologia (APA). As buscas foram realizadas a partir das palavras-chave: trauma; solidariedade; queimados. Com relação ao desastre, tomamos como ponto de partida, além do próprio livro, as demais fontes citadas por Ventura (2011). Isso nos levou a vários materiais, como vídeos, documentários, notícias e artigos. Também tivemos acesso ao material cedido pelo Laboratório da História Oral e Imagem, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, constituído pelas transcrições das entrevistas, realizadas entre janeiro e março de 2002, com Maria Pérola Sodré (chefe dos escoteiros que trabalhou como voluntária na ajuda aos feridos), Luis Carlos Pereira Rodrigues (tinha treze anos na época do incêndio, não estava no circo, mas chegou logo que o fogo começou, testemunhando a tragédia), Luis Gomes da Silva (estava no circo e sobreviveu ao incêndio), Doracy Campos – o Palhaço Treme-Treme – (já havia trabalhado no circo, não estava lá no dia do incêndio; porém, seu irmão foi um dos primeiros acusados de ter ateado fogo ao circo), Ivo Hélcio Jardim de Campos Pitanguy (médico – cirurgião plástico que ajudou no atendimento aos feridos) e Nelli Rocha Gomes (dentista, que ajudou no tratamento dos feridos; seu marido e filho estavam no circo e conseguiram sair sem ferimentos).

Ao utilizar a psicanálise como referencial teórico na investigação de acontecimentos sociais, pretendemos que o conteúdo resultante de tal estudo possa alcançar também o coletivo, se estendendo além do espaço da clínica individual. Porém vale destacar que não se trata de um afastamento ou mesmo uma desvalorização de sua aplicação no campo da clínica individual, mas ao apontar para os efeitos que uma situação traumática vivida no coletivo produz nesse indivíduo, esperamos que isso possa também contribuir para ressaltar a importância do atendimento clínico individual com vista à melhora da saúde. Esse tema vem ganhando destaque nos últimos anos dentro do campo de atuação da psicologia, o que levou ao surgimento, no Conselho Federal de Psicologia (CFP), de uma nova frente de atuação do psicólogo, a Psicologia das Emergências, que tem entre seus objetivos: “incentivar a produção, sistematização e difusão de conhecimento; produzir referências conceituais, e

metodológicas de atuação; além de promover a inserção do tema na formação acadêmica” (CFP, 2011, p.5).

Em pesquisa preliminar, realizada em artigos publicados e disponibilizados em bancos de dados como PsycInfo, EBSCO e CAPES, além de centros ligados a instituições de ensino superior que se dedicam ao estudo dos desastres e suas consequências, como o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres na Universidade Federal de Santa Catarina, dos laboratórios de estudos sobre a morte ligado à Universidade de São Paulo ( Laboratório da Morte do Instituto de Psicologia ) e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto da Faculdade de Psicologia), pudemos constatar a existência de trabalhos sobre o tema no Brasil. Pretendemos, com essa pesquisa, contribuir com a ampliação da produção deste conhecimento fundamentado na psicanálise.

O trabalho aqui desenvolvido pode ser caracterizado como uma pesquisa em psicanálise na vertente denominada por Mezan (2006) de interface psique/sociedade. De acordo com o autor, esse tipo de pesquisa procura analisar questões socialmente importantes através da utilização dos meios conceituais oferecidos pela psicanálise. Figueiredo e Minerbo (2006) afirmam que neste tipo de pesquisa é possível aplicar o método psicanalítico através de uma investigação e interpretação psicanalítica. A investigação e a interpretação psicanalítica estão amparadas nos métodos desenvolvidos por Freud e por aqueles que vieram após ele, e dizem respeito à forma como o inconsciente se manifesta. De acordo com Figueiredo e Minerbo (2006) interpretar, nestes casos significa, “(...) olhar para o fenômeno investigado fora de seu campo habitual [fazendo com que ele reapareça] (...) diferente, desconstruído, transformado” (Figueiredo& Minerbo p.260).

Temos então alguns métodos, como a associação livre, a escuta flutuante e a interpretação, estabelecidos pela psicanálise, e que levam em conta o campo conceitual a que se referem e que podem guiar a investigação psicanalítica. Eles são aplicados na clínica individual, e podem ser aplicados na análise de processos sociais, desde que feitas algumas ressalvas e consideradas as particularidades dos objetivos de tais pesquisas. Se na clínica individual a interpretação é realizada a partir dos conteúdos produzidos pela associação livre do analisando, movido pela transferência com o terapeuta, ao tomar o processo social para análise, o pesquisador, que usa como referencial teórico a psicanálise, pode realizar seu trabalho movido pela transferência com a teoria que o ampara e com o material que utiliza.

Lembramos também que o próprio Freud em alguns momentos realiza esse tipo de interpretação, como podemos observar em textos como *Gradiva de Jensen* (Freud,

1907/1996h), *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (Freud, 1910/1996i1), e *O Caso Schreber* (Freud, 1911/1996j). Nesses casos, ao produzir as interpretações que dão consistência aos textos, Freud está também demonstrando como podem ser desvendados os processos psíquicos que estão latentes nos relatos de tais histórias. Esses casos também são exemplares pela diversidade de materiais em que as análises realizadas por Freud se amparam, e pela importância que possuem dentro do corpo teórico em que foram desenvolvidos e que auxiliaram a desenvolver. Assim, consideramos que a contribuição resultante deste tipo de pesquisa pode ir além da clínica individual, pois a lógica dos processos psíquicos que operam no sujeito individual se reproduz também no coletivo, a partir dos laços que os indivíduos estabelecem no social.

Sobre os materiais que podem ser utilizados em tais pesquisas, Figueiredo e Minerbo (2006) incluem, dentre outros, as formações culturais e os textos, que ao serem lidos, podem ganhar novas possibilidades de interpretação. Assim, ao tomar os diferentes materiais; sobre o incêndio do Gran Circo Norte Americano-procuramos analisar, no seu conteúdo manifesto, os conteúdos latentes que desvendam os processos psíquicos relacionados ao trauma e a sua possível elaboração pela via do ato solidário. Para isso, nos amparamos em Green (1994), quando este afirma que mesmo os textos mais realistas podem ser associados à fantasia, pois permanecem como “um ser de ficção” (Green, 1994 p.24). Ao aproximar o texto literário do texto do sonho e da fantasia, Green (1994) afirma que esses dois tipos de textos possuem apenas um ponto em comum: são apresentados através do processo secundário. Porém, mesmo no texto literário existem vestígios dos processos primários que são revelados na construção do texto, captados e registrados pelo inconsciente do leitor/pesquisador. De acordo com Green (1994) no texto literário existe a marca de uma ideia e de um afeto. Enfim, sabemos que não há pureza nem na ficção, nem nos relatos produzidos pela memória, um se imbrica com os traços da outra. Para analisar e interpretar o texto, Green (1994) diz que, assim como o analista escuta o paciente através da técnica da escuta flutuante, o pesquisador ouve o texto através da leitura flutuante. Através da leitura flutuante o pesquisador realiza uma interpretação sobre o texto apresentada através do material que produz. Green (1994) adverte que, pelas características do método utilizado, tal interpretação deve ser posta à prova através de sua comunicação, o que no caso da pesquisa que realizamos será feito pela dupla exposição do trabalho a uma banca e posteriormente por sua publicação.

Para atingir o objetivo aqui proposto, iremos realizar uma pesquisa teórico-conceitual em psicanálise, guiada principalmente pela temática do trauma e da solidariedade. Ao tomar os diferentes materiais sobre o incêndio do Gran Circo Norte Americano, nosso interesse é

estudar como os processos psíquicos, que dizem respeito às questões que levantamos anteriormente e que demarcam o objetivo dessa pesquisa, podem ser ilustrados a partir de uma situação de desastre. Vale acrescentar que não pretendemos realizar uma análise dos personagens ou dos produtores destes materiais. Acerca dos personagens aqui citados, somente temos a dizer a respeito da gratidão por tão generosamente terem emprestado as suas histórias para os nossos estudos, mesmo sem o saber diretamente. O nosso agradecimento também se estende para aqueles, que, antes de nós se interessaram por essas histórias e as transcreveram nos materiais que vamos analisar.

Optamos por iniciar o primeiro capítulo com a apresentação do desastre do incêndio do Gran Circo Norte Americano a partir de informações levantadas nos materiais já citados. Em seguida fizemos um recorte na obra de Freud dos textos em que o trauma contribui para a compreensão do tema elencado, descrito no segundo capítulo intitulado “Trauma: do adoecimento psíquico a constituição subjetiva”. Partimos da concepção freudiana de que o trauma está presente desde o início para o pequeno humano, que frente às exigências da vida, sente-se desamparado e sem recursos para lidar com uma excitação excessiva, a qual ele não consegue metabolizar/elaborar. Para trabalhar com essa concepção de trauma, na seção 2.1 “Do afeto estrangulado à sexualidade infantil”, selecionamos os textos do período de 1893 a 1897, nos quais Freud articula o trauma com uma experiência de sedução sexual vivenciada pelo sujeito no início de sua vida. A partir de 1897, a ideia de uma experiência real de sedução é abandonada por Freud. Como consequência, o trauma perde importância nos textos escritos entre 1900 a 1920. Por essa razão, após trabalharmos esses textos iniciais, focamos no conceito de trauma discorrido no texto *Além do princípio do prazer*, pois é sobre essa concepção de trauma que nosso trabalho encontra-se pautado. Freud (1920/1996s) resgata neste texto o aspecto econômico da situação traumática, afirmando que a desorganização da economia psíquica, pela vivência de um acontecimento externo, ocasiona o trauma. Essa experiência, vivenciada pelo sujeito, já na fase adulta de sua vida, faz com que ele reviva o sentimento de despreparo e desamparo de uma fase anterior.

Um desastre, como o que vamos analisar, seria potencialmente uma situação desse tipo. Porém antes de tratar das consequências dessa vivência, entendemos a importância de discorrer sobre a relação entre a economia psíquica e o psiquismo na forma de um aparelho de captura e transformação desta energia. Sendo assim, na seção 2.2 “Do recalque como defesa ao recalque na constituição do aparelho psíquico” elegemos os textos *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, *A carta 52* de 1896, e a *Interpretação dos sonhos* de 1900, uma vez que neles Freud (1895/1996a1-1896/1996d4-1900/1996f) desenvolve a ideia de aparelho

psíquico inicialmente como um aparelho neuronal, em 1895, depois como um aparelho de memória, em 1896, e por fim, em 1900, como um aparelho psíquico, distinto de qualquer concepção anatômica. Apesar destas mudanças, Freud não abandona totalmente as concepções desenvolvidas anteriormente, essa é a razão de trabalharmos estes textos conjuntamente, demonstrando suas articulações teóricas.

Desde o texto *Projeto....*, Freud (1895/1996c1) concebe o psiquismo na forma de um aparelho constituído por instâncias. Essa divisão é operada por um processo defensivo, sobre o qual Freud irá desenvolver o conceito de recalque. Escolhemos utilizar o processo de recalque, compreendido pelo recalque primário e secundário, a fim de tratarmos o modo de divisão do psiquismo em instâncias constituintes da primeira tópica freudiana, a saber: Ics – Pcs/Cs. Para isso utilizamos as articulações realizadas por Freud sobre esse processo expressas nos textos já citados, considerando os acréscimos do texto *Repressão*, de 1915.

A sexualidade, assim como o trauma, é um tema recorrente na obra de Freud, e está diretamente relacionada com a constituição psíquica e sua economia. Sendo assim, para tratarmos da economia psíquica, que é abalada na situação traumática, entendemos que é necessário discorrer sobre essa importante relação. Isto é feito na seção 2.3 “A sexualidade infantil e as pulsões”. Nela privilegiamos os textos freudianos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, *O instinto e suas vicissitudes*, de 1915 e *O inconsciente*, de 1915, articulado com concepções teóricas, desenvolvidas por Freud, em textos anteriores como *Projeto...* de 1895.

Freud (1914/1996m) postula que a energia psíquica é sexual, representada pela libido. Essa energia é investida pelo psiquismo, sendo que a partir desses investimentos é que se construirão as representações que formam a malha psíquica. O abalo energético, ocasionado pela situação traumática, está relacionado com o rompimento dessas representações. Sendo assim, na seção 2.4 “A libido e o narcisismo” discorreremos sobre a relação entre a construção das representações e a formação da malha psíquica. Optamos por trabalhar a partir do texto freudiano *Sobre o narcisismo: uma introdução* de 1914, pois nele Freud articula o investimento libidinal às fases constitutivas do ego. Trazemos também a concepção freudiana de ego desenvolvida a partir da segunda tópica presente no texto *O ego e o id*, de 1923.

Seguindo a ideia de Freud, entendemos que o ego é constituído como uma representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo, por essa razão na seção 2.5 “O ego na segunda tópica e as identificações”, consideramos pertinente trabalhar com o processo de identificação. Para tanto, partimos dos textos *Psicologia de grupo e análise do ego* (Freud

1921/1996t) e o *Ego e o Id* (Freud 1923/1996u1) optando por acompanhar a interpretação proposta por Cruglack (2001), sobre o processo de identificação primária, e as concepções desenvolvidas por Freud nos textos *Totem e Tabu* (Freud 1913/1996l) e *Projeto...* (Freud 1895/1996c1). Esta direção teórica nos possibilitou discorrer sobre a influência do outro nesse processo, articulando o desenvolvimento teórico realizado por Freud sobre o Complexo de Édipo e os conceitos de ego ideal e de ideal de ego. Avançamos discorrendo sobre os aspectos inconscientes do ego e a formação do superego. Para tanto utilizamos principalmente os textos freudianos *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, *Luto e melancolia*, de 1914, e o *Ego e o Id*, de 1923.

A importância de trabalhar estes conceitos está em conceber a situação traumática como o rompimento das representações de identificações narcisistas constitutivas da trama egóica. Pois, seguindo Freud, postulamos que não é o acontecimento externo que é traumático, mas a desorganização da economia psíquica que ele acarreta. Para explicitarmos o que se passa no psiquismo, nessas situações, utilizamos na seção 2.6 “Trauma: uma ferida narcísica” o texto freudiano *Além do princípio do prazer*, de 1920, articulando os processos psíquicos que acontecem com o rompimento das representações. Com a articulação entre externo/interno, discorremos sobre as perdas ocasionadas por esses rompimentos. Sobre essas perdas, decorrentes da vivência traumática, afirmamos que podem ser reais, expressas pelos ferimentos no corpo e pela perda de pessoas queridas, ou podem ser uma ameaça de perda, como por exemplo, a ameaça de morte, mas de qualquer forma para o psiquismo o perigo é sempre interno. Para trabalharmos sobre os perigos internos que a situação traumática acarreta para o psiquismo utilizamos, além dos textos já citados, *Inibições, sintomas e ansiedade*, de 1926.

Seguimos discorrendo sobre a concepção proposta por Freud (1939/1996z) no texto *Moisés e o monoteísmo*, de que na constituição psíquica podemos encontrar os elementos que podem impedir ou dificultar a elaboração do trauma. Optamos por acompanhar a proposta feita por Cruglack (2001) de analisar as possíveis falhas constitutivas do psiquismo através dos elementos do processo de identificação. Esse direcionamento teórico nos permitiu articular dois aspectos que nos parecem importantes: os elementos do processo de identificação e a presença do outro. Isto nos abriu um caminho para analisarmos como, na elaboração das perdas ocasionadas pelo desastre, os laços amorosos estabelecidos nas relações humanas podem se constituir como ajuda.

Iniciamos o terceiro capítulo, intitulado “Solidariedade” discorrendo sobre a elaboração das perdas, ocasionada pelo desastre, através do trabalho do luto. Na seção 3.1

“Identificação e luto”, partimos da proposta feita por Cruglack (2001) de dividir o processo de luto em dois tempos e incluir um terceiro momento em que a presença do outro aparece como suporte para a sua elaboração. Esse caminho permitiu fazer uma articulação entre os elementos do processo de identificação e a presença do outro na elaboração dos aspectos traumáticos entendidos como uma ferida narcísica. Ao trabalhar com a ideia, proposta por Cruglack (2001), de um terceiro tempo no processo de luto, foi possível realizar uma articulação com a relação humana estabelecida no ato solidário. Seguimos na seção 3.2 “Solidariedade: um auxílio mútuo” discorrendo sobre este conceito, apresentando inicialmente algumas definições existentes pela perspectiva filosófica, ressaltando que em todas elas é contemplada a ideia de uma ajuda mútua em que se preserva a dimensão da alteridade. Embora a solidariedade não seja um conceito da psicanálise, é na articulação com esta teoria que seguimos argumentando como essa relação humana pode constituir uma ajuda mútua.

No quarto capítulo intitulado: “Da tristeza do desastre a ajuda da solidariedade” apresentamos a análise realizada sobre o incêndio do Gran Circo Norte Americano para ilustrar como diante do traumático as relações humanas, estabelecidas no ato solidário podem auxiliar na elaboração do trauma.

## 1. O INCÊNDIO DO GRAN CIRCO NORTE AMERICANO

Em dezembro de 1961, de acordo com Ventura (2011), ao chegar à cidade de Niterói, o Gran Circo Norte Americano trouxe consigo a expectativa de muito divertimento para toda a família, mas, principalmente para as crianças. Em uma época em que as opções de lazer eram restritas, as famílias viam na vinda do circo um grande acontecimento social. Foi assim que, na tarde de 17 de dezembro de 1961, de acordo com Knauss (2007), cerca de 2.500 pessoas lotaram a matinê de um domingo de intenso calor em Niterói. Com o circo lotado, o inesperado aconteceu: o palco da alegria virou a arena de uma tragédia, quando o fogo aos poucos consumiu o circo e matou cerca de 503 pessoas. Além dos mortos, muitas pessoas ficaram feridas<sup>2</sup> e foram encaminhadas aos hospitais.

De acordo com Ventura (2011), após o alarme sobre o incêndio ser dado pela trapezista, as pessoas correram para a entrada principal tentando escapar. Além dos mortos por queimaduras, algumas pessoas não conseguiram se salvar, pois foram pisoteadas ao tentar sair pela entrada principal. Knauss (2007, p. 28) afirma que, nos dias que sucederam a tragédia, a imprensa explorou o fato em suas reportagens destacando detalhes como a “mamadeira” e os “sapatos perdidos” que nunca mais seriam usados pelos seus donos e, o picadeiro destruído, além da descrição das pessoas como “tochas vivas se arrastando”, “rasgando roupas aos gritos”, enfatizando o desespero das vítimas.

Diante da perplexidade provocada pela violência e destruição do incêndio, inicia-se um trabalho de ajuda aos sobreviventes. A dimensão da tragédia, noticiada na imprensa internacional como “a maior tragédia circense da história” (Ventura, 2011, p. 11), comove e mobiliza a comunidade mundial. A atriz italiana Gina Lollobrigida doou sangue, o Papa João XXIII rezou uma missa e enviou dinheiro para ajudar no tratamento dos feridos. Médicos argentinos chegaram ao Brasil para trabalhar na ajuda aos mesmos.

De acordo com Knauss (2007), com a grande quantidade de mortos, foi preciso utilizar o estádio esportivo Caio Martins para a identificação dos corpos, e era no próprio estádio que os caixões eram fabricados, possibilitando assim que o sepultamento fosse providenciado imediatamente após o reconhecimento. Os feridos foram encaminhados aos hospitais da cidade, principalmente o Hospital Antônio Pedro, os quais não dispunham de estrutura suficiente para atender a tantas pessoas. Ventura (2011) afirma que a comunidade mobilizou-se para realizar, desde o transporte das vítimas, até ajuda para o seu tratamento. Algumas

---

<sup>2</sup> Não foi possível identificar no material consultado o número exato de feridos.

peças prestavam trabalho voluntário nos hospitais, outras providenciavam material necessário para o socorro às vítimas.

Com os mortos sendo sepultados e os feridos atendidos, um inquérito policial foi iniciado dois dias após o incêndio. Segundo Knauss (2007), enquanto a polícia prosseguia com as investigações, a imprensa afirmava que, de acordo com informações de um perito, o circo não tinha condições de funcionamento, devido à precariedade de suas instalações elétricas, falta de equipamentos e condições para se combater o fogo, acusando, assim, as autoridades de negligência, por terem permitido o seu funcionamento. Enquanto isso, a polícia estava atrás de suspeitos e, depois de terem sido acusados dois funcionários do circo, um ex-funcionário, Adilson Marcelino Alves, conhecido por Dequinha, foi oficialmente acusado de ter provocado o incêndio de maneira criminosa. Dequinha havia sido contratado pelo circo para realizar um trabalho temporário e, ao ser despedido, prometeu botar fogo no circo. De acordo com o inquérito policial, Dequinha não teria agido sozinho, tendo como cúmplices Walter Rosa dos Santos, Regina Maria da Conceição, José dos Santos, chamado Pardal, e Dirce Siqueira. A não ser Dequinha, os demais envolvidos a princípio negaram a participação no crime, mas acabaram confessando posteriormente.

Embora Dequinha tenha sido condenado, havia dúvida quanto à sua responsabilidade pelo crime. De acordo com Knauss (2007), após ser realizado um exame de sanidade mental, a pedido da promotoria de Justiça Estadual, Dequinha foi considerado como “oligofrênico do grau médio” (p. 38), caracterizado como “imbecil” (p. 38). A mãe de Dequinha ainda afirmou na imprensa que seu filho tinha mania de se culpar e que já teria feito isso outras vezes, assumindo crimes que não havia cometido, conforme Ventura (2011). Essa dúvida persiste até hoje e, Ventura (2011) afirma que a “maior parte da opinião pública” (p. 289) aposta que o incêndio tenha sido provocado por um curto-circuito; e, de acordo com Knauss (2007), algumas pessoas, como jornalistas que cobriram o episódio na época, duvidavam da culpa dos condenados, acreditando que eles serviram como “bodes expiatórios” (p. 45); outras, como Doracy Campos (2002, citado por Knauss, 2007, p. 45), o palhaço Treme-treme, afirmam até hoje que “não foi ninguém”.

Além da explicação resultante da investigação oficial, Ventura (2011) relata que, cinco anos após o incêndio, o médium espírita Chico Xavier psicografou uma mensagem, oferecendo o que Ventura (2011) chama de uma “explicação divina” (p. 229). A mensagem psicografada explica que os mortos na tragédia estavam resgatando uma dívida passada. Esta estaria relacionada a outra cena trágica passada em 177 D.C. em Lyon, na Gália, onde Álcio Plancus, ao organizar festejos para receber Lucio Galo, decidiu, junto com os cidadãos de

Lyon, promover uma perseguição e capturar cristãos que no dia seguinte seriam reunidos na arena, onde foram molhados de resina e incendiados. Segundo a explicação espírita, a “justiça da lei” teria reaproximado os responsáveis pela tragédia de Lyon, para que no incêndio do circo em Niterói pudessem expiar sua culpa.

Embora as explicações divinas tenham sido incluídas em um capítulo do livro de Ventura (2011), elas não foram mencionadas por nenhum dos sobreviventes. Ventura (comunicação pessoal, 25 de maio de 2013) declara que, quando iniciou o trabalho de pesquisa para escrever o seu livro, a informação sobre a mensagem espírita foi uma das primeiras que chegaram a ele através de comentário postado em um blog.

Ao realizarmos a pesquisa de materiais sobre o circo, encontramos na internet um blog criado pelo Jornal do Brasil em 17 de dezembro de 2007. O blog traz um artigo sobre o incêndio do circo e logo a seguir disponibiliza um espaço para os leitores postarem os seus comentários. O blog permanece ativo, e comentários têm sido incluídos desde 2007, alguns se referem à mensagem espírita. Muito embora alguns sobreviventes tenham postado diferentes tipos de mensagens e depoimentos, nenhum deles faz qualquer observação sobre a mensagem espírita. Diante disso, optamos por não aprofundar este tema específico em nossa pesquisa, por considerarmos que ele não foi relevante para os sobreviventes.

Outro fato que marca este desastre é a relação entre o incêndio do circo e o surgimento de uma figura, que ganha repercussão nacional, chamado Profeta Gentileza. Seu aparecimento foi popularmente justificado por ter perdido toda a família no incêndio do circo, muito embora isso não fosse verdade (Ventura, 2011). José Datrino era um empresário, casado e pai de cinco filhos, que, ao ouvir a notícia do incêndio, foi abalado por uma sensação estranha. Seis dias depois, afirmou ter recebido um aviso divino para que representasse Jesus de Nazaré na terra, devendo, a partir de então, perdoar toda a humanidade, ensinar a perdoar uns aos outros e mostrar o caminho da verdade, que é o nosso Pai. O Profeta Gentileza deixou a sua marca através das frases escritas nas pilastras do viaduto do Caju no Rio de Janeiro, sendo a mais conhecida “gentileza gera gentileza”. Consideramos que abordar a relação do Profeta Gentileza ao incêndio do Gran Circo Norte Americano se constituiria um trabalho de dissertação por si só. Por isto também não vamos nos aprofundar nesse tema, pois ele não está diretamente relacionado aos aspectos que pretendemos focar nesta pesquisa.

## 1.1 Personagens

Passamos agora ao relato acerca de alguns personagens que vivenciaram o desastre direta ou indiretamente. As informações aqui contidas foram extraídas principalmente das transcrições de entrevistas realizadas pelo Laboratório da História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense e de Ventura, 2011. Em algumas transcrições de entrevistas, realizadas pelo LABHOI, temos disponível um caderno de campo onde foram registradas as impressões dos entrevistadores. Por considerarmos esse material importante ele também será utilizado no relato sobre os personagens.

### 1.1.1 Nelli Rocha Gomes

O marido e o filho de Nelli Rocha Gomes estavam no circo no momento do desastre e conseguiram se salvar sem ferimentos, mas a sua relação com o incêndio do Gran Circo Norte Americano é marcada principalmente pela solidariedade. Em entrevista concedida ao LABHOI contou um pouco de sua história, de como chegou a Niterói, e do seu envolvimento na Associação Fluminense de Reabilitação.

No dia 17 de dezembro de 1961, Nelli comemorava dez anos de formatura do curso de Odontologia na Universidade Federal Fluminense e estava reunida em um almoço com os colegas de faculdade. O seu marido havia levado o filho de seis anos de idade ao circo, e Nelli soube do incêndio quando o marido, já em casa, ligou para o local onde ela estava para avisá-la. Embora ele e o filho tenham conseguido se salvar, sem ferimentos, Nelli afirma que o marido, após o episódio, ficou com os cabelos brancos.

No dia seguinte ao desastre, Nelli começou o seu envolvimento na ajuda aos sobreviventes, através de sua atuação na Associação Fluminense de Reabilitação, que já existia desde 1958, e funcionava até então precariamente em uma sala do estádio Caio Martins. Nelli afirma que a associação é a sua outra casa, a filha que não teve. Com o incêndio a Associação passou a ajudar os sobreviventes diretamente no Hospital Antônio Pedro e em 1962 foi inaugurado um centro de reabilitação que, segundo Nelli, atendeu vários sobreviventes do circo. Nelli afirma que o seu trabalho foi mais externo, ajudando na obtenção de materiais necessários para o atendimento dos queimados e ressalta a solidariedade que foi manifestada não só pela população, mas também pelos profissionais de saúde, como enfermeiros e médicos.

Embora não saiba precisar quantos sobreviventes do incêndio foram atendidos pelo centro de reabilitação, nem por quanto tempo, Nelli lembra alguns pacientes, como Lenir (uma das personagens que será destacada a seguir) que, além de permanecer em tratamento

durante alguns anos, quando recebeu alta passou a trabalhar na Associação até a sua aposentadoria. Nelli afirma que as perdas de Lenir não foram só físicas, mas emocionais, pois perdeu o marido e os dois filhos, sendo que a única parte de seu corpo que ficou sem queimaduras foi uma parte do peito onde estava recostada a cabeça de sua filha. Quando questionado se o incêndio deve ou não ser lembrado, Nelli afirma enfaticamente que não deve ser lembrado. Acredita ainda que as pessoas não lembram, a não ser que lhes perguntem, mas ao mesmo tempo diz que ela e outras pessoas que vivenciaram direta ou indiretamente o desastre nunca mais foram ao circo.

De acordo com as impressões registradas no caderno de campo pelos entrevistadores, foram marcados dois encontros com Nelli. O primeiro deles foi realizado com o objetivo de se conhecerem e para que ela pudesse entender melhor do que tratava a entrevista. De acordo com a percepção dos entrevistadores Nelli mostrou-se mais solícita ao telefone do que pessoalmente, preocupando-se com as perguntas que seriam realizadas, mostrando-se pouco a vontade para respondê-las, destacando a solidariedade dos médicos e da população, o que levou os entrevistadores a acreditar que talvez a Associação Fluminense de Reabilitação não tenha tido um papel tão decisivo na ajuda aos sobreviventes.

### 1.1.2 Maria Pérola Sodré

O vínculo de Maria Pérola Sodré com o incêndio do Gran Circo Norte Americano foi construído a partir de sua ação solidária com os sobreviventes, principalmente com as crianças que estavam internadas na ala infantil do Hospital Antônio Pedro. Em entrevista concedida ao LABHOI Maria Pérola conta como chegou a Niterói em 1936 com a família acompanhando o pai militar, quando esse foi transferido da cidade do Rio de Janeiro. Já adulta casou-se, com o sonho de construir uma família grande como a de seus pais; queria nove filhos, mas separou-se quando seu primeiro e único filho tinha um ano e três meses. Nunca mais se casou, voltando a morar com os pais até morte deles.

Maria Pérola afirma que em sua família todos eram escoteiros e, no dia do incêndio, estava em uma festa de encerramento das atividades dos escoteiros. Ela era chefe de uma turma de lobinhos, escoteiros de 7 a 11 anos. Assim que tomou conhecimento sobre o incêndio, mobilizou-se com outros escoteiros para doar sangue e ajudar voluntariamente no Hospital Antônio Pedro, que na época estava fechado por uma greve que já durava três meses. Sobre o que presenciou no dia do incêndio, no Hospital Antônio Pedro, Maria Pérola destaca que as pessoas que chegavam queimadas relatavam que o circo “parecia uma torta flamejante”

(Rodrigues, Rezende, Lima, Brum e Andrade, 2002, p.5), pois a lona pegando fogo caiu sobre as pessoas. Aqueles que conseguiram sair o fizeram porque por cima delas havia ficado outras pessoas que morreram queimadas pela lona do circo. Maria Pérola afirma “..só não morreram queimados porque alguém... queimou por eles, sabe?”(Rodrigues et al., 2002, p.5). Ela conta que poucos dias após o incêndio, aconteceu um temporal em Niterói e o hospital ficou no escuro, os voluntários e enfermeiros acenderam algumas velas, porém os sobreviventes, tanto os adultos quanto as crianças, ficaram desesperados e gritando muito nervosos. As velas tiveram que ser apagadas e os procedimentos como curativos e injeções precisaram ser realizados no escuro.

Maria Pérola permaneceu no Hospital Antônio Pedro por um ano e meio trabalhando como voluntária na enfermaria das crianças e adolescentes, onde formou um grupo de escoteiros – Grupo de Escoteiros Antônio Pedro - e aplicava “o método escoteiro” (Rodrigues et al., 2002, p.8), realizando com as crianças as provas que eram feitas nos grupos de escoteiros tradicionais, como percorrer, em um tempo determinado, um trecho com um livro na cabeça, aprender a se comunicar através do código Morse e a fazer nó de marinheiro. Uma das provas realizadas pelos escoteiros é acender uma fogueira somente com dois palitos de fósforos. Maria Pérola afirma que realizar essa prova com as crianças foi emocionante, pois nenhum deles se recusou a fazê-la. Para ela nesse momento “eles tiveram uma vitória sobre a catástrofe” (Rodrigues et al., 2002, p.13).

Maria Pérola ressalta o apoio que os pacientes tiveram de suas famílias, e também se lembra de Lenir, afirmando que ela teve muito apoio da família. Menciona outro sobrevivente, na época uma criança, Tomás, que estava com um amigo no circo. Ao sair intacto e não encontrar o amigo resolveu voltar para procurá-lo, porém não o encontrou, pois ele já havia saído do circo. Nesse retorno Tomás se queimou muito, sendo um dos pacientes mais graves que, segundo Maria Pérola, foi o último a deixar o hospital depois de um ano e meio. Maria Pérola afirma que um dos momentos mais emocionantes que presenciou durante o período que permaneceu como voluntária no hospital foi quando Tomás voltou a andar, depois de ficar muito tempo na cadeira de rodas.

O filho de Maria Pérola ajudou como voluntário no Estádio Caio Martins para onde foram encaminhados os mortos. De acordo com ela ele sofreu muito ao ver os corpos que chegavam muito queimados “... reduzido, pretinho, pretinho, igual a carvão” (Rodrigues et al., 2002, p.19). Estes iam sendo colocados lado a lado, a identificação era muito difícil só sendo possível através da arcada dentária.

Maria Pérola enfatiza o sofrimento dos sobreviventes, com seus corpos queimados em grandes proporções. Os tratamentos eram muito difíceis e dolorosos, muitos precisavam ter algum membro amputado. Ela se lembra de Marlene, que ficou sem os dedos da mão, Célia que perdeu um braço, e de um menino, na época com nove anos, que precisou amputar a perna acima do joelho. Sobre esse menino ela conta que ao ver o desespero da mãe, que precisava assinar a autorização para que a amputação fosse feita, lembrou-se de uma amiga que com sete anos havia perdido uma perna em um acidente e que usava uma prótese e levava uma vida normal e muito alegre. Resolveu chamar esta amiga, que atendeu ao pedido e, segundo Maria Pérola “deu um show de demonstração” (Rodrigues et al.,2002, p.9), tranquilizando a mãe e o menino, que fez a cirurgia.

Ainda sobre o sofrimento ela diz que nunca tratava os sobreviventes como “coitadinhos” (Rodrigues et al.,2002, p.8) e não deixava que outras pessoas o fizessem, interferindo inclusive no acesso das visitas quando percebia que elas poderiam influenciar negativamente com comentários de dó e piedade.

Sobre as causas do desastre prefere acreditar, como muitas pessoas, que o calor tenha provocado um curto-circuito, mas sabe que um empregado do circo foi acusado de ter provocado o incêndio com raiva por ter sido mandado embora. Cita também o Profeta Gentileza, como um “doído” (Rodrigues et al.,2002, p.14) que perdeu muitas pessoas da família no incêndio e que teria enlouquecido por causa disso.

Quando questionada se o incêndio devia ou não ser lembrado, Maria Pérola afirma que ele é sempre lembrado, que as pessoas que passaram por isso não esquecem. Acredita que deveria ser realizada uma cerimônia religiosa em ação de graças pelos sobreviventes e pelas almas dos mortos. Diz que não teve mais contato com as pessoas que ajudou, e que algumas vezes encontra algumas delas por acaso, na rua ou no ônibus. Afirma que os sobreviventes deveriam ser homenageados, pois sofreram muito e mesmo sofrendo tinham forças para sorrir. Já em relação à ajuda dos voluntários, enfatiza que cada um deve fazer o que sabe sem vaidade, somente pela satisfação de ajudar quem necessita.

### 1.1.3 Luis Gomes da Silva

Luis Gomes era marítimo, trabalhava no estaleiro e estava no circo com sua noiva, Eneida, e uma sobrinha dela, Sandra. Conseguiu sobreviver, mas teve 75% do corpo queimado e precisou realizar 28 cirurgias plásticas. Sobre o dia do incêndio lembra que estavam em um camarote, e foi a noiva quem o avisou sobre o incêndio, apontando para o local em que o fogo estava, a uns 20 ou 25 metros de distância deles. Luis Gomes relata que as

cenar seguintes foram dantescas “... era o inferno de Dante mesmo” (Soalheiro, Grimauth, Gonçalves e Ferraz, 2002, p.11). Havia muitas crianças, pois naquela época só eram permitidas crianças no horário da tarde. Luis Gomes havia saído ileso do incêndio, porém queimou-se quando voltou para tentar salvar a noiva e a sobrinha que acabaram morrendo no incêndio. O tratamento de Luis Gomes durou dois anos e meio, permanecendo os primeiros oito meses ininterruptamente no hospital. Ele conta que o único lugar de seu corpo que não estava queimado era dorso do pé, onde tomava anestesia geral para suportar a dor dos curativos, mesmo assim gritava de dor, enfatiza que “era uma dor miserável” (Soalheiro et al., 2002, p.21). Luis Gomes conheceu a mãe de seus filhos, Nicéia, no hospital quando ela foi acompanhar uma visita e por curiosidade foi até a ala dos queimados do hospital, ao contar essa parte de sua história fica emocionado. Ele relata que estava todo enfaixado na cama e isso chamou a sua atenção de Nicéia, ela então passou a visitá-lo e fez amizade com a sua família, casaram-se três anos depois do desastre, quando ele saiu do hospital. Luis Gomes afirma que foi fundamental a solidariedade e o apoio da família. Relatando que a família nunca o tratou como coitado e isso o ajudou muito a superar as dificuldades. Quando saiu do hospital não tinha mais emprego, e foi demitido por “trauma hospitalar” (Soalheiro et al., 2002, p.17). Aos poucos foi conseguindo restabelecer a sua vida, e de acordo com Ventura (2011), quando Luis Gomes foi trabalhar na Agência Fluminense de Informação, recebeu o apelido de Luis Churrasquinho.

Na entrevista concedida ao LABHOI Luis Gomes enfatiza o trabalho dos médicos, principalmente do cirurgião plástico Jaci Conte Alvarenga, afirmando que ele foi um “presente de Deus” (Soalheiro et al., 2002,p.16)que cuidou dele e de outros sobreviventes, custeando o tratamento deles com recursos próprios. Como homenagem ao médico Luis Gomes deu ao seu filho caçula o nome de Jaci Gomes da Silva. Este cresceu e se formou em medicina, optando pela psiquiatria. Luis Gomes afirma que os médicos como o Dr. Jaci, Dr. Lauri, Dr. Andrioli e Dr. Antonio Siqueira são figuras injustiçadas, insinua que o trabalho deles não foi reconhecido e, sem citar nomes, afirma que outras pessoas teriam aproveitado o desastre para se promover.

Sobre a lembrança do incêndio Luis Gomes diz que não teve mais contato com os outros sobreviventes, acredita que o contato trazia recordações tristes, e que ele podia levar recordações tristes para as pessoas que tinham perdido algum parente no circo. Nesse sentido cita como exemplo um “compadre” de nome Tomisake Taguchi que perdeu a tia e três primos no incêndio. Luis Gomes conta também que um circo só voltou a Niterói em 1975, na época

ele foi e ficou até o final do espetáculo, mas ficou arrasado, pois diz “É, aquela história. Você volta ao passado” (Soalheiro et al., 2002, p.24).

Ao final da entrevista com Luis Gomes, os pesquisadores do LABHOI abriram espaço para que Jaci, médico psiquiatra e filho de Luis Gomes, pudesse relatar uma experiência que teve quando era estagiário no manicômio judiciário Frei Caneca. Jaci relata que um dos pacientes que atendeu durante o estágio foi Dequinha, apontado como um dos responsáveis pelo incêndio:

Aí eu lembro que naquela hora, sabe, me deu um branco de estar na frente daquele sujeito, né, que foi apontado como no caso a pessoa que poderia ter matado meu pai, né. De quem veio a ser meu pai. Foi uma sensação muito estranha. Aquilo foi muito estranho. Naquele dia depois eu não consegui fazer mais nada (sic) (Soalheiro et al., 2002, p.26)

Jaci conta emocionado que não sabia como iria contar ao pai que estava atendendo o homem que havia sido responsabilizado pelo incêndio. Ao contar para o pai, esse parou, pensou e lhe disse “trate ele muito bem” (Soalheiro et al. 2002, p.26). Jaci continuou atendendo Dequinha, mas não se identificou, relata que o paciente diagnosticado como esquizofrênico crônico já estava bastante “demenciado” (Soalheiro et al. 2002, p.26) e negava sempre que tivesse cometido o crime, o que deixa Jaci incerto sobre a veracidade dessa afirmação.

De acordo com as impressões registradas no caderno de campo os entrevistadores entraram em contato com Luis Gomes, pois o filho dele, Jaci, era psiquiatra de um deles. Foi através deste que ficaram sabendo que Luis Gomes era a pessoa mais queimada do incêndio e que, segundo o filho, ainda estava muito traumatizado pelo incêndio e que seria muito difícil conversar com ele sobre isso. Pensaram então em entrevistar o filho, mesmo sabendo que seria mais interessante entrevistar o pai. Jaci tentou conversar com o pai sobre a entrevista, mas esse não se mostrou disposto, então os entrevistadores marcaram a entrevista com o filho, que quis saber qual seria a “profundidade da entrevista” (Soalheiro et al. 2002, p.28) para avaliar se poderia levar o seu pai.

Jaci conseguiu convencer o seu pai a dar a entrevista, mas havia uma condição, as perguntas só seriam feitas pelo entrevistador que era paciente de seu filho. Segundo o entrevistador a conversa transcorreu bem, e Jaci interferiu em alguns momentos em que o pai citava algo que ele considerou não ser verdade. De acordo com o entrevistador essa foi uma oportunidade para que Jaci esclarecesse algumas informações sobre o desastre, pois o tema parecia ser tabu entre eles, como algo que não havia sido esclarecido.

#### 1.1.4 Luis Carlos Pereira Rodrigues

Na época do incêndio Luis Carlos tinha 13 anos e diz ter sido a primeira vítima do circo, pois no dia 12 de dezembro, cinco dias antes do desastre, quebrou o braço quando estava jogando futebol perto do circo e correu para pegar a bola que caiu perto do elefante. Por estar com vergonha pelo braço quebrado não quis ir ao circo naquele domingo. Quando ficou sabendo do incêndio correu para o local chegando logo em seguida, presenciando a cena de destruição. Dois fatos impressionaram Luis Carlos, o primeiro deles foi a perda de um amigo muito próximo, de quem ele não esquece o nome: Djalma Azeredo Coutinho. Ele estava no circo com o irmão, quando conseguiu sair ileso, não encontrou o irmão e resolveu voltar para salvá-lo, não conseguiu mais voltar vivo. O irmão já havia se salvado sem que ele soubesse. O outro fato que impressionou Luis Carlos e do qual ele diz não esquecer, foi a cena de uma senhora com um menino, que ele acredita ter a sua idade. O menino perguntava para a senhora, sua avó, sobre a irmãzinha. Luis Carlos acredita que eles nunca encontraram a menina, que deve ter morrido. Ainda sobre o que viu naquele momento, afirma que foi uma cena horrível e muito triste, e quando o assunto do incêndio do circo surge em uma conversa “...vê tudo outra vez na sua mente” (Cordeiro, Prevot e Marques, 2002, p.15).

Quando questionado sobre as causas do incêndio, Luis Carlos coloca em dúvida a responsabilidade de Dequinha, e levanta a hipótese de o incêndio ter sido provocado pela negligência do eletricitista do circo, que segundo ele era um peruano que, ao presenciar o circo pegando fogo ficou desesperado. Luis Carlos achou estranho o eletricitista estar nesse momento dentro do quartel do exército que ficava ao lado do circo, e afirma ter visto ele agarrado ao portão querendo sair, estranhando aquela cena.

Ainda sobre o incêndio chama atenção para a responsabilidade das “autoridades” (Cordeiro et al.,2002, p.12) que, de acordo com ele, falharam na fiscalização e vistoria do local. Sobre a lembrança afirma que o incêndio chocou e traumatizou muito as pessoas de Niterói, e que foi o fato mais marcante da cidade.

#### 1.1.5 Doracy Campos (Palhaço Treme-Treme)

Doracy Campos, embora fosse palhaço e trabalhasse em circos, não trabalhava no Gran Circo Norte Americano na época do incêndio, porém o seu irmão trabalhava na secretaria do circo e foi preso como suspeito pelo incêndio. Segundo Doracy ele foi acusado,

pois havia brigado com a esposa e durante a briga gritou que iria colocar fogo em tudo. O irmão ficou preso por 10 dias e Doracy afirma que não acredita que o incêndio tenha sido criminoso, acredita que tenha sido um problema com a fiação elétrica que, segundo ele, estava precária. Quando questionado se o incêndio deve ser lembrado ou esquecido, Doracy responde enfaticamente que deve ser esquecido e nunca mais lembrado. Relata que as imagens da cena do circo destruído e dos sapatos de pessoas mortas pelo chão ainda permanecem em sua memória.

Os entrevistadores registraram no caderno de campo que Doracy Campos a princípio não queria dar entrevista sobre o incêndio do circo, e só concordou em falar sobre o circo em geral. Durante a entrevista ele deixou claro que não gostava de falar sobre o desastre por causa da acusação da qual seu irmão foi vítima. Ele relata ainda que possui algumas revistas, com reportagens da época, em que ele e o irmão aparecem, mas que não gosta de vê-las.

#### 1.1.6 Ivo Hércio Jardim de Campos Pitanguy

Ivo Pitanguy, como é mais conhecido, é hoje um conceituado cirurgião plástico, porém na época do incêndio do Gran Circo Norte Americano havia recém chegado dos Estados Unidos e da Europa, onde se especializara em cirurgia plástica. Ele relata na entrevista concedida ao LABHOI, que naquela época a sociedade não conhecia os benefícios da cirurgia plástica, assim, com a ideia de difundir os benefícios da restauração do corpo pela cirurgia plástica, Ivo iniciou um trabalho na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Na época do incêndio levou a sua equipe para atender os sobreviventes do incêndio em Niterói. Ele afirma que o incêndio do Gran Circo Norte Americano é até hoje maior tragédia de recinto fechado do mundo em número de pessoas mortas e feridas, e que apresentou um trabalho para a OTAN sobre a ajuda aos sobreviventes do incêndio. Knauss (in Ventura, 2011) afirma que o desastre foi um grande campo de pesquisa e experimentação para os cirurgiões plásticos da equipe de Ivo Pitanguy, e que esse é um dos fatores que contribuíram para que a cirurgia plástica fosse tão avançada no país.

De acordo com Ventura (2011), a participação de Ivo e de sua equipe no atendimento às vítimas do incêndio é um assunto polêmico, pois alguns críticos dizem que ele quase não foi ao Hospital Antônio Pedro, envolvendo-se muito pouco diretamente. Outra questão polêmica envolve a apresentação do trabalho sobre o incêndio na OTAN, pois ele foi realizado pelo médico Ramil Sinder e somente Ivo teria levado os créditos. Ventura (2011) afirma que no quadragésimo aniversário do desastre, em 2001, a Faculdade de Medicina da

Universidade Federal Fluminense realizou uma mesa redonda reunindo alguns médicos que trabalharam no atendimento as vítimas do incêndio, nessa ocasião o nome de Ivo foi pouco citado e o médico Edgar Stepha Venâncio afirmou que:

Foram quarenta anos de silêncio absoluto. Nós nunca, numa aula, tocamos no assunto do incêndio. Nunca ninguém aqui na mesa se promoveu, nunca teve um retrato no jornal, nunca houve nenhum comentário com a promoção incorreta em cima de quatrocentos cadáveres. É um silêncio que traduz bem o que representou para todos nós (Ventura,2011, p.114)

Para Ivo, o mais marcante foi a solidariedade. Ele afirma que normalmente, quando acontece um desastre como esse, existe um movimento que “é emocional, coletivo”, e depois que passa essa fase vem o individual “e essa é mais difícil” (Deminicis & Marconi, 2002 p.3). Ele lembra que a solidariedade foi mundial, e muito importante naquele momento, mas depois veio o que denomina “a grande solidão” (Deminicis & Marconi, 2002 p.3) . Ivo afirma ainda, que as pessoas, incluindo os médicos, foram influenciadas emocionalmente pelo fato da maioria dos mortos e feridos ter sido crianças, cerca de setenta por cento. Sobre as explicações para o incêndio ele enfatiza que as histórias construídas em torno dos fatos foram importantes para a população “para ajudá-la a se ajudar” (Deminicis & Marconi, 2002 p.3), mas que ele e sua equipe estavam mais preocupados em salvar vidas.

Acercada vivência do incêndio diz que, de acordo com a sua experiência, atendendo queimados, quando a situação é coletiva se “dilui um pouco mais” (Deminicis & Marconi, 2002 p.9) e assim seria supostamente mais fácil para as pessoas enfrentarem as consequências do desastre. Ressalta que atende outras situações onde a própria pessoa tenta tirar a própria vida com o fogo, mas que no caso do incêndio do circo foi diferente:

Mas agora você imagina as pessoas que não tiveram culpa, que foram, de repente, vítimas de uma coisa estúpida como esta, nesse momento dá revolta, mas depois ela tem o gosto com quem dividir essa parte do trauma, não é uma ... por ser isolada, caiu um tijolo em cima dele. De repente, parte de um grupo. Então eu acho que a psicologia de grupo ajuda a manter, até mais, a moral de todos (sic) (Deminicis & Marconi, 2002; p.9).

## 1.2 A memória do circo

De acordo com Knauss (2007), em Niterói a memória do circo está marcada pela dificuldade de lembrar:

... a ambiguidade de sentimentos contraditórios que a memória do circo carrega: de um lado o orgulho da missão cumprida, mas, de outro, a violência do episódio. Assim, a memória desperta sucessivamente sentimentos contraditórios, colocando-se entre a beleza do espetáculo circense e o horror da morte, entre os desafios de conviver com

sequelas corporais de queimaduras e a nobreza da medicina em salvar vidas, entre a dor do luto e a dignidade da solidariedade (Knauss, 2007, p. 44).

Para Knauss (2007), os sentimentos contraditórios teriam relação com a dificuldade de lembrar, que caracteriza a memória do circo em Niterói. Esses sentimentos compartilhados expressam-se no medo do circo, do fogo, da morte, da fatalidade e, de acordo com o autor, não permitem que os envolvidos ergam lugares de memória como monumentos e estátuas. Mauad (2002) afirma que a tragédia se mostra velada em comentários escassos e em voz baixa, demarcando o receio em falar sobre uma vivência que considera como muito marcante para os envolvidos no incêndio.

Ventura (2011) afirma que a cidade desenvolveu “uma espécie de circofobia” (Ventura, 2011 p. 277), e somente em 1975, 14 anos depois do incêndio, um circo voltou à cidade. O autor relata que no ano 2000, em comemoração aos quinhentos anos do descobrimento do Brasil, foi realizada por Paulo Knauss uma exposição de fotos que percorreu a cidade de Niterói. Dentre as fotos da exposição havia uma discreta, do picadeiro do Gran Circo Norte Americano em cinzas depois do incêndio. Em muitos lugares, não foi permitido que se mostrasse a foto, em outros, ela foi tapada, sendo que em alguns não pode ser colocada na entrada da exposição. Paulo, em depoimento para Ventura (2011), afirma que a maior comoção foi causada quando a exposição se dava em espaços públicos. Tal comoção não acontecia quando a exposição era feita em escolas. Algumas pessoas chegaram até mesmo a ligar para a residência de Paulo questionando como ele tinha coragem de exibir tal foto.

Um acontecimento recente fez reviver a experiência traumática de Niterói-RJ: o incêndio da boate Kiss em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013 e que, de acordo com o relatório oficial<sup>3</sup>, ocasionou a morte de 241 pessoas e deixou centenas de feridos. As primeiras notícias sobre o incêndio de Santa Maria faziam referência à tragédia de Niterói-RJ, comparando a dimensão das duas pelo número de mortos e feridos.

Em entrevista feita pela BBC de Londres, Márcia Martins, sobrevivente do incêndio do Gran Circo Norte Americano, traz em seu conteúdo as marcas da reativação da cena traumática:

---

<sup>3</sup>Relatório final elaborado pela 1ª Delegacia de Polícia de Santa Maria-RS

Ela diz que a tragédia no Rio Grande do Sul a fez sentir novamente as dores da perda vivida há mais de cinco décadas. “Nunca chorei tanto em minha vida como naquele domingo (27 de janeiro de 2013). Porque quando a tragédia do circo ocorreu, eu não chorei tanto assim”, conta ela. Falar à BBC sobre seu caso e sobre as emoções que o incêndio na boate Kiss trouxeram (sic) provocou alívio, diz. “Eu precisava falar sobre isso com a cabeça que tenho hoje”, disse, sem esconder a emoção (BBC, 2013).

Mauad (2002), Knauss (2007) e Ventura (2011) afirmam que, quando os sobreviventes eram procurados para dar seu depoimento sobre o incêndio, diziam que preferiam não se lembrar. Porém, de acordo com Ventura (2011), “... para muitos entrevistados, as conversas funcionaram como catarse. Não raro elas eram interrompidas por crises de choro” (Ventura, 2011, p.291). O autor afirma que o maior obstáculo para escrever seu livro foi o fato de que “a tragédia única na história do país provocara um trauma tão grande que o tema tornara-se tabu na cidade” (Ventura, 2001, p.289). Knauss (2007) destaca que não existem na cidade lugares de memória, como monumentos ou estátuas construídos para homenagear as vítimas.

## 2. TRAUMA: DO ADOECIMENTO PSÍQUICO A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Freud, ao longo de sua trajetória retorna, em vários momentos à sua obra, para rever os conceitos fundantes da psicanálise e fazê-los avançar. Nesse movimento é explicitada a articulação entre a sua prática e a construção da sua teoria, a psicanálise. Trauma é um desses conceitos que foi ganhando novos contornos e um lugar de destaque, tanto para se compreender o adoecimento quanto a constituição psíquica. Analisar essa articulação nos parece fundamental, considerando o objetivo explicitado na introdução dessa pesquisa, incluindo-se nessa análise a presença do outro, tanto no que concerne a constituição psíquica, quanto na possibilidade de ajuda para elaboração dos aspectos traumáticos decorrentes de uma situação de desastre.

Iniciamos esse capítulo discorrendo sobre a relevância da noção de trauma nos primeiros trabalhos desenvolvidos por Freud em um período compreendido entre 1893 e 1900. Destacando como, ao debruçar-se cada vez mais sobre essa temática, ele vai se distanciando da concepção de trauma psíquico vigente até então. Tal distanciamento parece ter sido decisivo para que ele pudesse começar a construir uma teoria própria sobre o aparelho psíquico e a interessar-se por outros elementos além do trauma. O trauma volta a ganhar relevância na obra de Freud (1920/1996s) no texto *Além do princípio do prazer*, nele o autor concebe que uma vivência pode ser sentida pelo psiquismo como traumática quando desestabiliza a sua economia.

Para compreendermos o que se passa com o psiquismo em uma situação traumática, é necessário entender como ele se constitui. Levando em consideração a relevância do aspecto econômico presente na concepção freudiana do aparelho psíquico, faremos uma discussão sobre a sua constituição na forma de um aparelho de captura e transformação de energia. Posteriormente trataremos da divisão do psiquismo em instâncias, tal qual formulada por Freud (1900/1996f) na primeira tópica. Para tanto optamos por abordá-lo seguindo o processo de recalque. Na sequência explicitaremos como a sexualidade é trabalhada por Freud (1905/1996g) em sua articulação com a distribuição da economia psíquica e a presença do outro.

Ao trazermos a dimensão do outro, iremos abordar o processo de identificação e os elementos que se entrelaçam a ele, e nesse ponto vamos trazer os conceitos desenvolvidos por Freud (1923/1996u1) na segunda tópica do aparelho psíquico. Retomamos a situação traumática para compreender o que acontece em uma situação como essa com as identificações que formam a malha psíquica. E considerando uma situação de desastre, tal

qual estamos analisando nessa pesquisa, vamos buscar compreender quais são as perdas narcísicas que ela pode acarretar. Ao abordar esses aspectos trataremos do processo de luto. Essa direção teórica possibilita pensar como os elementos presentes no processo de identificação, constitutivos do psiquismo, podem dificultar ou impedir a elaboração de tais perdas e como a presença do outro pode se constituir como ajuda.

Resta-nos fazer algumas observações importantes com relação às denominações de alguns conceitos sobre os quais vamos discorrer a seguir. Utilizamos para essa pesquisa a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (1996), com tradução de James Strachey, porém ressaltamos que para os termos que, nessa edição, são traduzidos por repressão e instinto, optamos pela substituição por recalçamento e pulsão respectivamente, seguindo o raciocínio dos comentadores de Freud, com os quais estamos trabalhando.

## 2.1 Do afeto estrangulado a sexualidade infantil

A relação entre o trauma e o desenvolvimento teórico da psicanálise começa muito antes de Freud escrever os textos metapsicológicos. Podemos considerar que esse início aconteceu quando Freud (1885-1886) interessou-se por investigar a relação entre o sistema nervoso e os sintomas histéricos. Nessa época, na França, Jean-Martin Charcot, médico neurologista e professor francês, realiza um trabalho que ganha relevância por dar maior dignidade aos sintomas histéricos, retirando-os do rol das simulações ou das possessões demoníacas, como até então eram considerados. No hospital de Salpêtrière, Freud acompanha o trabalho de Charcot, e logo desperta o interesse por investigar mais diretamente a relação entre os motivos que levam o desencadeamento do ataque histérico e a história de vida dos pacientes. Esse interesse foi motivado pelo direcionamento dado por Charcot ao seu trabalho, que vai aos poucos se distanciando da investigação anatômica do sistema nervoso e se dirigindo para a relação entre o aparecimento de sintomas histéricos e o trauma psíquico. Freud e Breuer (1893/1996a2) relatam as suas impressões sobre a experiência na Salpêtrière em um texto intitulado “*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*”, em que de acordo com Uchitel (2001), faz pela primeira vez referência à neurose traumática:

Nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto – o trauma psíquico. De maneira análoga, nossas pesquisas revelam para muitos, se não para a maioria dos sintomas histéricos, causas

desencadeadoras que só podem ser descritas como traumas psíquicos. (Freud & Breuer 1893/1996a2, p. 41).

Nesse momento podemos constatar que, para Freud, não existe uma distinção entre neurose traumática e histeria traumática. Ainda nesse texto, Freud, ao propor uma relação causal entre os sintomas histéricos e um acontecimento traumático, afirma que o ataque histérico está associado às experiências que causam afetos aflitivos, como susto, vergonha, angústia ou dor física. Existindo uma forte determinação entre a lembrança da primeira experiência, como fator traumático, e os fenômenos histéricos, essa lembrança não era, porém, algo que o indivíduo pudesse ter acesso direto. Isto só era possível através da hipnose, pois se tratava de lembranças “*correspondentes a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos*” (Freud & Breuer, 1893/1996a2, p. 45 – grifo dos autores). Não serem suficientemente ab-reagidos significava que a reação ao trauma não havia possibilitado a descarga do afeto. Com essa não descarga, a representação, a lembrança, a ele associada permanecia intacta, como um corpo estranho agindo no psiquismo, levando à formulação de que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Freud & Breuer, 1893/1996a2, p. 43).

Os motivos para essa impossibilidade de reação ao trauma foram situados por Freud e Breuer (1893/1996a2) tanto do lado dos conteúdos aflitivos da experiência, e nesse caso entraria as experiências que o indivíduo queria esquecer eliminando da consciência, quanto do estado psíquico do sujeito no momento da vivência do trauma, que impossibilitaria a reação frente ao acontecimento. Nesses estados psíquicos, os autores incluem os estados de devaneios e o que denominam auto-hipnose. Freud e Breuer (1893/1996a2) propõem a ideia de que não se tratava da vivência de um único evento desencadeador dos sintomas histéricos, mas de uma série de “*impressões afetivas*” (Freud & Breuer 1893/1996a2 p.40) de vários traumas parciais que formam um grupo de causas desencadeadoras. Para os autores, uma experiência é associada a uma impressão psíquica que possui certo valor afetivo. Ao experimentar a impressão psíquica, que é sentida como uma elevação de uma soma de excitação, o indivíduo busca liberar o afeto utilizando duas possibilidades: ou por uma ação motora, ou por uma tarefa psíquica associativa. Quando essas duas possibilidades falham, a lembrança da experiência ou do acontecimento preserva o afeto original permanecendo como trauma psíquico. A fala adquire importância como método psicoterápico, pois permite uma saída para o afeto “*estrangulado*” e por submeter “*a representação à correção associativa*” (Freud & Breuer, 1893/1996a2 p. 52), ou seja, a uma associação psíquica. O trauma como afeto estrangulado caracteriza a primeira teoria do trauma em Freud.

Em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud (1896/1996d1) afirma que os sintomas seriam resultantes de um mecanismo de defesa psíquico que estaria a serviço do recalçamento de representações que causavam aflição ao ego. Devemos lembrar que nesse momento os termos *recalçamento*, *representações* e mesmo o *inconsciente* ainda não tinham sido desenvolvidos por Freud como conceitos teóricos da psicanálise, isso só irá acontecer alguns anos à frente.

Freud desenvolveu uma teoria distinta da de Breuer sobre a causa da dissociação da memória do trauma. Para Breuer uma predisposição constitucional fazia com que os indivíduos tivessem a sua capacidade de realizar associações prejudicadas. Para Freud (1893/1996a1), o que ocasionava a dissociação da memória do trauma era um confronto entre ideias antitéticas. Essas ideias seriam de dois tipos: as intenções e as expectativas, e o afeto vinculado a elas dependeria tanto da importância do resultado quanto da incerteza sobre a expectativa desse resultado. Segundo Freud (1893/1996a1), a dissociação era um mecanismo que tinha como objetivo defender o indivíduo de um conflito psíquico. Com essa concepção, Freud vai dando cada vez mais importância aos processos psíquicos associados ao surgimento dos sintomas histéricos.

A partir de alguns casos de histeria que atende desde 1893, Freud, em suas primeiras teorizações, relaciona a vivência traumática à existência de experiências e sensações sexuais. No texto de 1896 – *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* – Freud (1896/1996d2) situa a etiologia da histeria em uma experiência sexual passiva antes da puberdade. Neste mesmo ano, no texto *A etiologia da histeria*, afirma que essa experiência estava diretamente ligada à sedução da criança por um adulto perverso. Essa vivência seria traumática não pelas cenas em si, mas pelo conteúdo sexual da sedução e por ter sido vivenciada na infância, em um período denominado por Freud (1896/1996d3) de pré-sexual, ganhando força traumatizante em um segundo momento, mais especificamente na puberdade. Após esta última, uma segunda cena faz reavivar as experiências anteriores, e o encadeamento das cenas adquire força traumática, movida pelo aumento da capacidade de reação do aparelho sexual em função da entrada na puberdade. Para Freud o que estava em jogo no trauma era a sua constituição a partir da resignificação *a posteriori* de impressões registradas anteriormente.

No *Rascunho L*, Freud (1897/1996e1), ao tratar do que denominou de arquitetura da histeria, afirma que a origem dos sintomas histéricos pode ser compreendida pelo acesso retroativo às cenas primevas, por via direta ou através da fantasia, “pois as fantasias são fachadas psíquicas constituídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas

lembranças” (1897/1996e1, p. 297). Para Freud, as fantasias eram constituídas de elementos da realidade, de coisas que foram experimentadas, vistas, ouvidas.

Somente a partir de 21 de setembro de 1897, na *Carta 69*, Freud (1897/1996e2) vai abandonando a ideia de uma cena real de sedução. Essa importante reformulação está baseada, principalmente, na constatação de que seria necessária a existência de um número muito grande de pais perversos, maior que o número de filhos neuróticos, para que a hipótese de uma cena real de sedução se sustentasse. Além desse aspecto, Freud (1897/1996e2) também apresenta mais três motivos para a sua reformulação: o sucesso parcial da análise, a inacessibilidade do inconsciente e a não possibilidade de distinção entre a realidade e a fantasia, que seria então uma ficção do inconsciente. Mesmo com essa importante reformulação, a noção de *a posteriori* permanece como um conceito fundamental na concepção do trauma.

Podemos constatar essa importância pelo destaque que a fantasia passa a ter na teoria freudiana, uma vez que a construção da fantasia diz respeito à re-significação *a posteriori* de impressões registradas anteriormente (Carvalho & Ribeiro, 2006). O que muda é que essa construção não está baseada em fatos reais, mas faz parte de uma realidade que se distingue da realidade material, a realidade psíquica e que de acordo com Roudinesco (1998) é o núcleo do psiquismo onde estão registrados os desejos inconscientes, sendo a fantasia a sua expressão. Freud (1905/1996g) passa a acreditar que as fantasias estavam associadas a manifestações da atividade sexual infantil, ou seja, que as vivências relatadas pelas pacientes poderiam ser fantasias que encobriam as manifestações de tais atividades. Esta ideia, associada à descoberta do complexo Édipo, em outubro de 1897, leva Freud a se interessar pelo desejo inconsciente e pela sexualidade.

A referência ao trauma na obra de Freud entre 1897 e 1920 é escassa, reaparecendo no texto *Além do princípio do prazer*, texto em que Freud (1920/1996s) retoma o aspecto econômico dos processos mentais, aspecto este que já havia articulado em outros textos anteriores, como no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996c1), o que é observado pelo tradutor em nota de rodapé (Freud 1920/1996s).

Diante dos sofrimentos causados pelos acontecimentos violentos de uma guerra que havia a pouco terminado, Freud (1915/1996n4-1920/1996s) desenvolve uma nova concepção do trauma causado por uma vivência, uma situação externa, que invade o psiquismo de forma intensa. A prioridade passa a ser restabelecer a economia do sistema e, para se defender da angústia, o psiquismo regride para formas mais arcaicas. Nas palavras de Freud:

Descrevemos como ‘traumáticas’ quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra o estímulo. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. (...) A energia catéxica é convocada de todos os lados para fornecer catexias suficientemente altas de energia nos arredores da ruptura. Uma ‘anticatexia’ em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros sistemas psíquicos são empobrecidos, de maneira que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas. (Freud, 1920/1996s p.40).

A partir da observação dos sonhos dos neuróticos traumáticos, Freud (1920/1996s) afirma que a característica presente em tais sonhos, de repetir para o indivíduo a situação do trauma, se mostra como uma fixação ao trauma. Com essa observação, Freud (1920/1996s) constata que nesta situação o princípio de prazer é posto de lado e a prioridade do aparelho psíquico passa a ser fazer escoar livremente a energia excedente. A repetição seria uma tentativa de restabelecer as ligações rompidas, favorecendo a elaboração do trauma.

Como vimos até aqui o traumático, na neurose traumática, está associado aos aspectos que não podem ganhar significação no psiquismo. Para analisar porque isso ocorre temos antes que compreender como as significações são formadas. Portanto vamos retomar os primeiros textos teóricos de Freud e acompanhar o desenvolvimento de conceitos importantes como o recalque e pulsão.

## 2.2 Do recalque como defesa ao recalque na constituição do aparelho psíquico

As formações das significações, como as descritas no tópico anterior, ocorrem concomitantemente a própria constituição do psiquismo. Para discorrer sobre a constituição do psiquismo optamos por tomar o processo de recalque como fio condutor. Sobre esse processo é importante observar que quando Freud (1895/1996c3) abandona a técnica da hipnose e solicita ao paciente que tente lembrar-se do fato traumático, ele esbarra na resistência. Isso faz com que ele chegue à conclusão de que estas lembranças não podem ser recordadas porque causam aflição ao paciente e foram eliminadas da consciência por uma defesa psíquica exercida pelo ego. Até então, para Freud (1895/1996c3), existiam os processos conscientes e inconscientes. O termo recalque se confundia com defesa, e as representações inconscientes eram aquelas que não podiam chegar à consciência. A partir do texto a *Interpretação dos Sonhos*, o inconsciente deixa de ser descrito por Freud (1900/1996f) como um adjetivo e passa a ser um conceito psicanalítico. Isto acontece principalmente pela

elaboração do modelo de aparelho psíquico constituído como um sistema em que o inconsciente, como uma estrutura, se distingue da estrutura do pré-consciente/ consciente por seu modo de funcionamento.

Para compreendermos esses modos distintos de funcionamento, a primeira questão a ser respondida é: como o aparelho psíquico é constituído? A resposta a essa questão não é simples, pois os fenômenos psíquicos, como são descritos pela psicanálise, não podem ser observados diretamente, e a sua dimensão temporal é distinta do tempo cronológico do desenvolvimento biológico. Estas características tornam o momento inaugural do psiquismo um momento mítico, e a hipótese do aparelho psíquico é definida por Freud (1900/1996f) como uma ficção. Para Freud (1895/1996c1), o trabalho de constituição do psiquismo está relacionado à contenção de estímulos que alcançam o corpo biológico e que, além de necessitarem encontrar um destino satisfatório para garantir a sobrevivência física do indivíduo, também demandam um trabalho de elaboração psíquica. No texto *Projeto...* Freud (1895/1996c1) abre um caminho para compreensão destes processos, amparado no conhecimento do funcionamento neuronal.

As primeiras vivências do pequeno humano deixariam marcas de pura intensidade ainda sem elaboração. Essas marcas não se inscrevem em um primeiro momento no inconsciente, pois o aparelho psíquico não está constituído ou pronto desde a origem, ele forma-se aos poucos. Porém, será sobre estas marcas que o recalque irá operar produzindo a cisão do aparelho psíquico em instâncias. Mas, de acordo com Freud, para que haja recalque é necessário haver a separação entre inconsciente e consciente. Garcia-Roza (2004) afirma que esse paradoxo é resolvido pela distinção estabelecida por Freud entre recalque original, ou primário, e o recalque propriamente dito, ou secundário. Será na descrição destes processos que vamos compreender a formação do aparelho psíquico.

Se consideramos anteriormente que o momento inicial da constituição do psiquismo é um momento mítico, ou seja, que não pode ser precisamente localizado, isso não significa que não podemos tomar o nascimento do indivíduo como um marco desse início, uma vez que é a partir do nascimento que ele passa a se sujeitar às exigências impostas pela vida que se inicia destacada do corpo materno. Sobre essa vivência, Otto Rank (1912, citado por Freud 1926/1996v) e Freud (1926/1996v) irão desenvolver importantes formulações teóricas sobre a angústia. Porém, nesse tópico, o nosso interesse é sobre os processos que ocorrem desde as primeiras inscrições de impressões vivenciadas pelo indivíduo e a sua transformação em representações. Processo este que está na base da constituição do aparelho psíquico, dividido em instâncias com leis de funcionamentos próprias.

A intensidade que alcança o pequeno humano, como falamos mais acima, é vivenciada através de uma série de sensações corporais que são provocadas tanto por fontes internas como externas. Temos então, poderíamos dizer, o início do registro dessas primeiras impressões. Freud (1895/1996c1) concebe estas impressões como Q, como pura intensidade, afirmando que o psiquismo tem a tendência de se desfazer desta quantidade de excitação por não suportar o seu acúmulo. Isto faz com que o objetivo do aparelho psíquico seja eliminar toda estimulação, o que acontece ou pela evitação (fuga) ou por uma descarga motora. Freud (1895/1996c1) afirma que estes mecanismos estão na base do que ele denomina de princípio de inércia. Porém, estes mesmos mecanismos não são eficientes quando se trata de desfazer a excitação de fonte endógena, tais como a fome e outras necessidades do organismo que não podem ser descarregadas imediatamente, uma vez que o seu alívio depende de um objeto externo. Essa condição faz com que o psiquismo tenha que suportar um acúmulo de excitação até que o alívio, através do objeto externo, seja possível. Desta forma, de acordo com Freud (1895/1996c1), o objetivo do aparelho psíquico passa a ser não mais a descarga total da excitação, mas a redução ou a sua manutenção no menor nível possível. A este outro modo de funcionamento do psiquismo, Freud (1895/1996c1) denomina de princípio de constância. Temos, então, dois modos de funcionamento relacionados às funções do sistema nervoso, derivados para o aparelho psíquico como processos primários e secundários. Vale destacar que a função primária de fazer escoar livremente a energia, subsiste por trás da função secundária. O que acontece é uma modificação da primeira, uma vez que o organismo passa a tolerar certa dose de excitação.

Para compreendermos os processos iniciais de constituição do psiquismo retornamos às construções teóricas desenvolvidas por Freud (1895/1996c1) no *Projeto...* de 1895, além dos acréscimos realizados na *Carta 52* de 1896. No texto de 1895, Freud (1895/1996c1) utiliza o modelo neuronal para explicar como o processo de descarga de excitação acontece e qual o caminho que a Q percorre. O autor menciona a existência de três tipos de sistemas neuronais: o sistema  $\phi$ , permeável relacionado à percepção; o sistema  $\Psi$ , impermeável, relacionado à memória; e o sistema  $\pi$  perceptual, relacionado à consciência. Levando em conta a tendência do aparato psíquico em descarregar ou manter o mínimo nível possível de excitação, Freud (1895/1996c1) afirma que o sistema  $\phi$  é responsável pela percepção, e por estar em contato com o mundo externo recebe um nível muito elevado de Q, e por isso não consegue reter nenhuma quantidade de Q. Parte dessa quantidade é transferida para o sistema  $\Psi$ , mas a maior parte é descarregada pelo aparelho motor. O sistema  $\Psi$  é o núcleo da teorização freudiana, e é responsável por reter Q de acordo com o princípio de constância.

Para que esse sistema consiga reter Q, Freud (1895/1996c1) postula a existência de barreiras de contato nos neurônios  $\Psi$ . Estas barreiras não conseguem atuar no sistema  $\phi$  em função da quantidade muito elevada de Q que chega neste sistema. A cada passagem de Q ocorre uma elevação da permeabilidade na barreira de contato, o que Freud (1895/1996c1) chama de facilitação, processo pelo qual as vias de eliminação de Q serão estabelecidas como um caminho preferencial para o escoamento. Sobre as facilitações, Freud (1895/1996c1) afirma que estas se relacionam com a memória, pois “...a memória está representada pelas diferenças nas facilitações existentes entre os neurônios  $\Psi$ ” (Freud,1895/1996c1, p.352).

O sistema  $\phi$  é o responsável pela recepção da excitação de fonte exógena e é o mais primitivo. Segundo Freud (1895/1996c1), essa seria uma das razões para que seja necessário pensar em outro sistema para a consciência, pois ela faz parte dos níveis mais elevados do sistema neuronal. Freud (1895/1996c1) denominou este sistema de  $\varpi$ . Assim como o sistema  $\phi$ , em  $\varpi$  também não existe memória. Neste sistema não há a inscrição, porém a consciência não é igualada à percepção. Diferente do sistema  $\phi$ , a consciência recebe quantidades sutis de excitação a partir de  $\phi$  e  $\Psi$ , mas não participa da economia do aparelho psíquico, fato que permite com que ele funcione como indicador de realidade para o sistema  $\Psi$ . O nível energético em  $\varpi$  é mínimo, e a quantidade que ele recebe de  $\phi$  é transformada em qualidade. Sobre isto Freud afirma:

A consciência nos dá o que se convencionou chamar de *qualidades* – sensações que são *diferentes* numa ampla gama de variedades e cuja *diferença* se discerne conforme as suas relações com o mundo externo. Nessa diferença existem séries, semelhanças, etc., mas na realidade ela não contém nada quantitativo. Pode-se perguntar *como* se originam as qualidades e *onde*. Freud (1895/1996c1, p.360 grifos do autor).

De acordo com Freud (1895/1996c1), a qualidade só poderia ser postulada em outro sistema, já que no mundo externo só temos quantidade. A qualidade também não poderia estar vinculada ao sistema  $\phi$ , uma vez que esse sistema opera de forma mais primitiva. Quanto ao sistema  $\Psi$ , por ser um aparato de memória não possui qualidade, é assim que ele postula a qualidade no sistema  $\varpi$ . Freud (1895/1996c1) afirma que se a quantidade que permanece no sistema  $\varpi$  é a mínima possível, isto resulta em que a permeabilidade desse sistema seja diferente da permeabilidade relacionada à memória existente em  $\Psi$ . De acordo com Freud (1895/1996c1), a permeabilidade em  $\varpi$  está relacionada a uma característica de natureza temporal denominada de período. Esse período equivale a um intervalo das excitações. Assim, o sistema  $\varpi$  não recebe quantidade, mas se apropria do período. Esta característica é que está associada à qualidade. Sobre essa questão, Garcia-Roza (2002) acrescenta que mesmo quando se trata da memória devemos lembrar que ela se constitui de diferenças, e assim, o que o

sistema  $\varpi$  se apropria não é da quantidade de  $\Psi$ , mas das diferenças entre as quantidades. O que é transferido de  $\Psi$  para  $\varpi$  é pura temporalidade. O autor ainda ressalta que o aparelho psíquico é constituído “simultaneamente com a transformação da quantidade em qualidade” (Garcia-Roza, 2002 p.215) e a distinção entre esses dois fatores está na base do conceito de período. Assim os sistemas  $\phi$ ,  $\Psi$  e  $\varpi$  estão em funcionamento desde o início da formação do aparelho psíquico.

Analisando o conceito de período, é possível explicar a série prazer-desprazer. Freud (1895/1996c1) diz que um acúmulo de Q produz desprazer e uma diminuição prazer. Como vimos anteriormente o acúmulo de Q ocorre no sistema  $\Psi$ . Porém não se trata somente de uma questão de quantidade, pois o prazer e o desprazer são sensações conscientes, e por isso são sentidas em  $\varpi$ . Se o sistema  $\varpi$  se apropria da qualidade e não da quantidade, como já vimos mais acima, prazer e desprazer não estão relacionados somente a um aumento ou diminuição da quantidade em  $\Psi$ , mas possuem uma relação com a qualidade. Nesse sentido prazer e desprazer têm relação com o período de tempo em que acontece o aumento ou diminuição da quantidade de estímulo.

Temos, então, que o aparelho psíquico tal como descrito por Freud (1895/1996c1) no texto *Projeto...* de 1895 é formado por três sistemas:  $\phi$ ,  $\Psi$  e  $\varpi$ . Seu funcionamento pode ser compreendido da seguinte forma: o sistema  $\phi$  é responsável pela recepção das excitações (Q) exógenas, ele não as retém, mas descarrega parte dela pela motilidade, e transfere outra parte para o sistema  $\Psi$ . As excitações endógenas chegam diretamente a  $\Psi$ , não passando por  $\phi$ . O sistema  $\phi$  opera a partir do processo primário.

O sistema  $\Psi$  funciona como mediador das excitações, tanto as de fonte exógena, que chegam até ele através de  $\phi$ , quanto das excitações de fonte endógenas. Sobre essas últimas, Freud (1895/1996c1) afirma que o sistema  $\Psi$  não tem nenhuma proteção, e que “(...) nesse fato se assenta a *mola mestra* do mecanismo psíquico” (p.368, grifo do autor). Voltaremos a esta importante formulação quando tratarmos, mais à frente, das pulsões. O sistema  $\Psi$ , diferente do sistema  $\phi$ , suporta o acúmulo de excitação (Q), do que se conclui que nele opera o processo secundário, pois dessa forma ele torna possível a descarga de excitação de fonte endógena que necessita de um objeto externo para ser aliviada. Esse alívio, através do objeto externo, está na base da experiência de satisfação. Sobre isso, Freud (1895/1996c1) diz que, quando a excitação de fonte endógena chega a  $\Psi$ , o pequeno bebê humano irá se valer do princípio de inércia e buscará alívio através de uma ação motora. O choro é um exemplo desse tipo de ação, porém essa ação não será suficiente para produzir alívio da fome, por exemplo, pois para isso será necessário a presença de um objeto externo, o alimento. Neste momento, é

importante destacar a necessidade que o pequeno humano tem do outro que se ocupa de seus cuidados. Sobre essa questão voltaremos mais à frente. O que nos interessa nesse momento, é a facilitação estabelecida nesta primeira experiência de satisfação. Esta facilitação irá permitir que, quando surgir novamente o mesmo estado de necessidade, o organismo procure reproduzir a satisfação original através do reinvestimento da imagem mnêmica do objeto. Freud (1900/1996f) relaciona esse impulso, ou seja, a reprodução da satisfação original, à realização de desejo. Conforme suas palavras: “(...) o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto a essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a uma completa catexia da percepção” (Freud 1900/1996f, p.595).

Porém, como o que é reinvestido é a imagem mnêmica do objeto, e não o objeto real, o que se produz é uma alucinação. Mas o bebê não tem como distinguir o objeto real do alucinado e, em decorrência disso, ocorre a frustração que gera desprazer. Freud (1895/1996c1) assevera que, diante de uma situação como esta, geradora de desprazer, o ego surge como uma formação do sistema  $\Psi$  com a função de inibir o desejo. O ego, neste texto, recebe o signo de qualidade através de  $\varpi$ , pois é ele que funciona como indicador de realidade. Assim como na experiência de satisfação, na experiência de dor, quando ocorre o aumento de  $Q$  este será associado à imagem do objeto que a produz. Porém de acordo com os acréscimos realizados por Freud no texto *A interpretação dos sonhos* (1900/1996f), na experiência de dor, o que ocorre é a tendência a que a recatexização da imagem mnêmica do objeto seja rejeitada, evitando a repetição da excitação dolorosa.

Os processos que ocorrem no sistema  $\Psi$  são inconscientes. Ainda não estamos falando do inconsciente recalcado, pois, como vimos anteriormente esses aspectos estão relacionados ao recalque primário e só podemos falar de inconsciente recalcado a partir do recalque secundário ou propriamente dito. Assim, o que afirmamos a pouco é que os processos  $\Psi$  estão fora da consciência, e que cabe ao sistema  $\varpi$  a articulação do sistema  $\Psi$  com a realidade, o que ele faz através do fornecimento ao sistema  $\Psi$  de signos de realidade.

Levando em consideração os acréscimos realizados na *Carta 52*, em que Freud (1896/1996d4) desenvolve a concepção do aparato psíquico como um aparato de memória, a marca mnêmica de uma impressão é entendida como a forma pela qual as excitações exógenas e endógenas chegam ao aparelho psíquico. Se os traços são os efeitos da marca mnêmica causada pelas excitações, estes são inscritos em sistemas diferentes e obedecem a modalidades distintas, como vimos anteriormente. Sendo assim, não podem ser considerado simplesmente como a reprodução das excitações, o que corresponde com a noção de memória,

não como fruto de uma reprodução estática, mas relacionada às diferenças produzidas no fluxo da excitação. Além disso, uma importante afirmação de Freud (1896/1996d4) neste texto é de que esses traços estão sujeitos a rearranjos e retranscrições.

Lembramos que estamos tratando do recalque primário, quando não existe ainda um conteúdo recalcado. Assim, Freud (1896/1996d4) fala da inscrição que diz respeito à fixação da excitação na representação, negando a essa representação o acesso à consciência. Se como vimos anteriormente, a excitação exógena pode ser aliviada pela motilidade, o mesmo não acontece com a excitação endógena, fazendo com que a sua pressão seja constante. Se Freud (1895/1996c1) considera que a pressão constante da excitação endógena é a mola mestra do mecanismo psíquico, não há como não pensar que o que seria fixado na representação é a pulsão, embora Freud (1895/1996c1) ainda não tivesse desenvolvido esse conceito.

O que então é inscrito neste inconsciente não recalcado? A partir da análise empreendida por Freud (1918/1996q) no caso do Homem dos Lobos, seria o que não pode ser integrado a experiência do sujeito por não ter, para ele, significação. Se esse for o único critério, poderíamos pensar que, para o pequeno humano, praticamente todas as experiências corresponderiam a essa característica. Porém, Freud (1918/1996q) atribui ao sexual à intensidade que seria capaz de acionar esse tipo de defesa originária. Voltando ao exemplo do Homem dos Lobos, a cena do coito dos pais só adquiriu significado traumático a partir do sonho, em um só depois, quando existe a possibilidade de significá-la. Temos aqui a relação de uma experiência que provoca uma excitação de fonte endógena, impulsionando o aparato psíquico a dar conta dessa excitação, o que é feito através de uma defesa psíquica. É nesse sentido que Freud (1895/1996c1) afirma que, desde o início, o pequeno humano está às voltas com as exigências da vida. Estas não dizem respeito somente às necessidades biológicas, e fazem com que ele passe de um modo de funcionamento primário ao modo de funcionamento secundário.

Sobre o recalque primário, Freud (1915/1996n3) considera que o único mecanismo em ação é o contra-investimento. Vejamos como na explicação da fixação, presente no texto *Projeto...* de 1895, podemos encontrar a compreensão para esse mecanismo. Neste texto, Freud (1895/1996c1) procura explicar a formação do ego a partir de uma situação original de um estado de dispersão de excitações em que, a passagem desse estado para uma organização parcial, é feita pela ligação através da formação do investimento colateral. O investimento colateral acontece quando um neurônio é investido, e ao mesmo tempo acontece um investimento em um neurônio vizinho. O que se forma é uma primeira organização, denominada por Freud (1895/1996c1) de ego, que é o efeito da ligação. Como afirmamos

anteriormente, de acordo com essa concepção, o ego é uma formação do sistema  $\Psi$ . Antes disso não existe qualquer organização psíquica, assim não se pode conceber uma atração que estaria operando antes do recalque primário. Isto leva Freud a afirmar que o único mecanismo do recalque primário é o contra-investimento.

As primeiras ligações do recalque primário, realizadas pelo mecanismo do contra-investimento, são sínteses passivas, ou seja, com o objetivo de impedir o livre escoamento das excitações temos a formação de um ego passivo. O objetivo é apenas rejeitar ou manter o conteúdo afastado da consciência. É no recalque secundário que as sínteses se tornam ativas, e temos um ego ativo e inibidor. Antes de passarmos para os processos que ocorrem no recalque secundário, é importante ressaltar as mudanças na concepção do aparelho psíquico, realizadas por Freud (1900/1996f), no capítulo VII do texto *A interpretação dos sonhos*. Se a importância do texto *A interpretação dos sonhos* (Freud 1900/1996f), em seu conjunto, está associada à formulação freudiana sobre o sistema inconsciente, o capítulo VII recebe destaque pela constituição do aparelho psíquico formado pelas instâncias inconsciente (Ics), e pré-consciente/consciente (Pcs/Cs). Nos primeiros parágrafos desse texto, Freud (1900/1996f) afirma:

Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico... (Freud, 1900/1996f, p. 566-567)

Essa colocação marca uma distinção com relação os textos anteriores, *Projeto ...* (Freud, 1895/1996c1) e a *Carta 52* (Freud, 1896/1996d4), pois Freud (1900/1996f) afirma que as instâncias que constituem o aparelho psíquico não necessitam ser localizadas anatomicamente. Porém, como sustentam alguns autores, como Monzani (1989) e Garcia-Roza (2002), não se trata de uma ruptura com os textos anteriores, mas de mudanças e ampliações nos conceitos desenvolvidos. Se, no aparelho psíquico, a importância não está na localização anatômica de suas instâncias, ela continua sendo a relação estabelecida entre essas instâncias e os seus efeitos.

Freud (1900/1996f) faz, nesse capítulo, uma detalhada exposição sobre a constituição do aparelho psíquico. Nele encontramos material que possibilitaria o desenvolvimento de uma ampla análise sobre o tema. Porém vamos permanecer com a escolha que fizemos anteriormente, em tomar o recalque como fio condutor para a compreensão da formação do aparelho psíquico. Sendo assim destacamos o item E desse texto que Freud (1900/1996f) denomina de *Os processos primários e secundários – recalque*.

Para Freud (1900/1996f), no trabalho realizado pelo sonho, de transformar pensamentos racionais da vigília em conteúdos oníricos, está a característica principal que é a de “tornar móvel e passível de descarga a energia catexizante” (p.623). Sobre essa energia, Freud (1900/1996f) postula que esta é derivada das excitações que incidem sobre o organismo, e se repartem pelos sistemas do psiquismo, denominados a partir desse texto de Ics, Pcs/Cs. Sobre isto ele afirma que a atividade do primeiro sistema Ics está dirigida no sentido de fazer escoar livremente a excitação promovendo a sua descarga. Já o sistema Pcs/Cs procura transformar a energia livre do primeiro sistema em energia catexizante. Para tratar desse processo, Freud (1900/1996f) retoma a experiência de satisfação, e diz que o acúmulo de excitação no psiquismo leva ao desprazer, e provoca uma ação que busca repetir uma experiência de satisfação anterior. A partir desse texto, a corrente que realiza esta busca pela via da alucinação está relacionada ao Ics. Assim, todo desejo em psicanálise é um desejo inconsciente que remete ao primeiro desejo, descrito por Freud (1895/1996c1 – 1900/1996f) como tendo sido uma “catexização alucinatória da lembrança de satisfação” (Freud 1900/1996f, p.625). Cabe ao segundo sistema Pcs/Cs, inibir o avanço do livre escoamento da energia com o objetivo de evitar a reprodução alucinatória. O acúmulo de energia do segundo sistema possibilita que sejam realizadas alterações no mundo externo que levem à percepção real do objeto de satisfação. Porém, como já assinalado anteriormente, este objeto encontrado nunca será o mesmo, por isso a satisfação experimentada será indireta e parcial. Retornaremos a esse aspecto mais à frente, quando tratarmos dos elementos da pulsão. Porém, se a experiência anterior não foi de satisfação, e sim de dor, ocorrerá um processo análogo, mas em que o psiquismo terá a tendência de rejeitar a produção de recatexização do objeto, como descrevemos anteriormente neste texto.

Cabe sempre ao segundo sistema a função inibidora, tanto na experiência de satisfação quanto na de dor, pois, como Freud (1900/1996f) assevera, ao sistema inconsciente só cabe desejar. A essa afirmação Freud (1900/1996f) acrescenta o conceito de processo primário e processo secundário, sendo que o primeiro diz respeito ao modo de funcionamento em que participa apenas o Ics, e o segundo está relacionado ao funcionamento do Pcs/Cs. Sobre a relação entre esses dois modos de funcionamento e a constituição do psiquismo Freud afirma:

É verdade que, até onde sabemos, não existe nenhum aparelho psíquico que possua apenas um processo primário e, nessa medida, tal aparelho é uma ficção teórica. Mas pelo menos isto é um fato: os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vem inibir e sobrepor-se aos primários; (Freud 1900/1996f, p.629).

Embora Freud (1900/1996f) afirme que não existe um aparelho psíquico que possua apenas o processo primário, essa ficção teórica nos permite compreender os processos que se passam nos diferentes momentos do recalque. Sendo assim, para compreendermos o que se passa no recalque secundário, vamos nos valer dos desdobramentos teóricos realizados por Freud (1915/1996n1) no texto *Repressão* de 1915.

De acordo com Freud (1915/1996n1), do recalque primário resultam duas condições que são fundamentais para que o recalque secundário possa ocorrer. A primeira delas é a separação entre atividade consciente e inconsciente, e a segunda é oferecida pelas representações que foram fixadas à pulsão. Essas representações irão exercer força de atração sobre o que com ela entrar em contato. Esta força de atração é exercida tanto pela representação quanto por seus derivados. O representante da pulsão continua existindo, não deixando de existir por ser inconsciente, ao contrário disso, pois, com a retirada da consciência, ele se desenvolve mais livremente, queremos dizer com menos impedimento. Isto torna possível que ele também continue a se organizar, estabelecer conexões e formar derivados. Com essas reorganizações, os derivados reprimidos podem sofrer deformações e também formar elos intermediários. Sob a influência dessas condições eles podem se distanciar da representação, e o seu acesso à consciência fica mais livre. Assim, Freud (1915/1996n1) conclui que quanto mais afastado do reprimido, menor é a resistência posta pela consciência.

Duas características do recalque são destacadas por Freud (1915/1996n1) nesse texto. Uma delas é que o recalque trabalha de forma individual, isso equivale a dizer que ela atua de forma singular considerando a sua ação sobre a representação. A outra característica é que ele é móvel, não é fixo, o que significa dizer que um conteúdo recalcado pode retornar. Isto pode ser observado, por exemplo, no trabalho do sonho, nos atos falhos e nos sintomas. Assim, é possível concluir que o recalcado exerce uma pressão constante em direção ao consciente, o que exige um gasto constante de energia pela compensação através de uma contrapressão.

Freud (1915/1996n1) faz uma relação entre o investimento que incide sobre os derivados da representação, afirmando que enquanto eles forem pouco investidos não despertarão conflito, apesar do seu conteúdo. Porém, se a quantidade de investimento aumenta além de determinada medida, o conflito se torna atual. Podemos compreender, por atual, duas condições: a atualização do conflito, ou seja, não é algo novo, mas algo que se torna atual novamente. A outra é que representa um trabalho atual a ser feito, que é o do recalque, que, como vimos até aqui se constitui em ligações, transcrições e retranscrições.

Vimos que a representação está ligada a uma ideia, ou grupo de ideias, que são afastadas da consciência. Essa ideia é investida pela libido a partir da pulsão. Porém, além da ideia, a pulsão é representada pelo afeto, que é a forma como é convertida a energia da pulsão. Se a ideia pode ser recalçada, Freud (1915/1996n1) afirma que não podemos dizer o mesmo do afeto, ele não pode se tornar inconsciente. O seu destino comporta duas direções possíveis a partir do recalque: ou ele se liga a outra representação, ou fica livre na forma de angústia. Desta afirmação, Freud (1915/1996n1) conclui que quando o recalque consegue reprimir a parte ideativa da pulsão, mas não consegue impedir o surgimento de desprazer na forma de angústia, diz-se que ele fracassou.

Até aqui, vimos que o recalque como defesa passa a operar na própria constituição do aparelho psíquico. Além de ser um processo defensivo contra um aniquilamento do psiquismo, ele é o próprio operador da constituição psíquica na forma de um aparelho. Garcia-Roza (2005) postula que defesa e recalçamento começam a ser empregados por Freud de forma distinta a partir do texto a *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996f). Em suas palavras: “(...) *defesa* designando um processo mais genérico de evitamento da dor, e *recalçamento* designando uma operação mais específica cuja essência consiste em manter afastado no inconsciente representações ligadas a uma pulsão.” (Garcia-Roza, 2005, p. 90 grifos do autor)

O caminho empreendido nos possibilitou maior compreensão sobre a economia psíquica a partir dos aspectos relacionados à formação do aparelho psíquico, tal como Freud a descreve na primeira tópica. A economia psíquica é um aspecto que nos interessa, pois, na situação traumática, descrita por Freud (1920/1996s) no texto *Além do princípio do prazer*, o traumático está relacionado à sua desorganização. Além disso, neste mesmo texto o autor diz que é o escudo protetor do psiquismo que é rompido. Isto nos leva a segunda tópica, pois se trata também de compreender o que acontece nestes lugares psíquicos e a sua relação com o trauma.

### 2.3 A Sexualidade infantil e as pulsões

Se no texto a *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996f) desenvolve a concepção de aparelho psíquico distinta do biológico, será no texto os *Três ensaios...* (Freud, 1905/1996g) que a sexualidade infantil ganhará espaço privilegiado, contribuindo para o início de uma das mais importantes conceituações teóricas para a psicanálise, o conceito de pulsão. Trata-se de um início, pois como Freud afirma: “Os instintos [as pulsões] são seres

míticos, formidáveis em sua indeterminação. Em nosso trabalho não podemos ignorá-los um só instante, mas nunca estamos certos de vê-los com precisão” (Freud, 1933/1996x p.98). A pulsão é um conceito que, além de ser talvez o mais importante para a psicanálise, é também o mais incompleto, mas fundamental para a compreensão da lógica do inconsciente. A partir dele pode-se abordar a relação existente entre a sexualidade e a constituição do psiquismo.

Retomamos aqui a ideia de que nos parece possível fazer uma associação entre a excitação endógena, tal qual Freud (1895/1996c1) descreve no texto *Projeto...*, e a pulsão. Partimos da afirmação do autor de que:

O que sabemos a respeito dos estímulos *endógenos* se pode expressar no pressuposto de que eles são de natureza intercelular, que se produzem de forma contínua e que só periodicamente se transformam em estímulos psíquicos. A ideia de sua acumulação é inevitável; e o caráter intermitente de seu efeito psíquico exige a ideia de que, em sua via de condução até  $\Psi$ , eles enfrentam resistências só superadas quando há um aumento da quantidade (Freud, 1895/1996c1 p.368 *itálico do autor*).

Seguindo esta ideia, alegamos que tal associação poderia ser pensada, uma vez que o termo endógeno se refere a uma excitação que surge dentro do organismo, mas que está fora do psiquismo, e a pressão constante que ela exerce diria respeito a uma demanda de trabalho que ela faria para o aparelho psíquico, sendo esses, aspectos relacionados às características da pulsão que Freud (1915/1996n1) irá desenvolver no texto *Os instintos e suas vicissitudes*. Ainda nesse texto o autor cita o recalamento como um dos destinos possíveis da pulsão, como um efeito do trabalho realizado pelo aparelho psíquico frente à pressão constante da pulsão. Sobre os destinos da pulsão retomaremos mais a frente, porém o que nos interessa agora é a relação da pulsão com a sexualidade. Para tratarmos desse aspecto, vamos nos valer do texto de 1905, em que Freud (1905/1996g) desenvolve os elementos teóricos que servem de base para que se possa compreender a relação da sexualidade com essa intensidade, ou excitação endógena, capaz de acionar o recalque na formação do psiquismo.

Através do conceito de apoio podemos compreender como esse processo se desencadeia. Segundo Freud (1905/1996g), a criança possui necessidades vitais, sendo uma delas a de alimentação. O autor utiliza esta necessidade para exemplificar como a pulsão sexual apoia-se em um processo não sexual. O mamar no seio materno fornece para a criança, além do alimento, uma satisfação proporcionada pelo próprio ato de sugar. Freud (1905/1996g) afirma que os lábios da criança se comportam como uma zona erógena. O prazer associado ao sugar é sexual, e essa satisfação se desvia da necessidade vital de alimento, o que pode ser facilmente percebido pela satisfação que a criança busca ao sugar o dedo, por exemplo, lembrando um prazer já vivenciado. Essa observação faz Freud

(1905/1996g) afirmar que a sexualidade infantil nasce sendo auto-erótica, e está sob o domínio de uma zona erógena. A concepção de zona erógena se estende para outras partes do corpo, que são estimuladas e recebem excitações que se relacionam com as experiências de satisfação e de dor, tal qual descrita anteriormente nesse texto. A essa descoberta, Freud (1905/1996g) irá posteriormente articular as fases de organização da libido com as zonas erógenas, a saber: oral, anal, fálica e genital. Freud (1905/1996g) propõe que a erogenização do corpo infantil ocorre através dos cuidados auto conservativos que o adulto dirige à criança. Cuidados marcados pela sexualidade e pelo desejo, ou seja:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto plenamente legítimo (Freud 1905/1996g, p.211).

Ao voltarmos aos aspectos apresentados por Freud (1895/1996c1) em *Projeto...*, as excitações, como as descritas acima, são aquelas para as quais o sistema psíquico não dispõe de proteção. Essa concepção teórica amplia e enriquece o entendimento sobre o processo de recalque, como definido por Freud (1895/1996c1-1900/1996f), pois temos o exemplo de uma excitação sexual que, por sua intensidade, é capaz de acionar uma defesa originária. A pulsão, como uma pressão que não cessa de exercer seus efeitos no psiquismo, demanda um trabalho que está na base do processo de recalque, e é o que Freud (1895/1996c1) denomina como a mola mestra do mecanismo psíquico. No entanto, Freud (1905/1996g) argumenta que a excitação sexual se produz como efeito marginal, ou seja, um efeito que se apoia no corpo, através da satisfação das necessidades autoconservativas, para se desviar dele. Afirmando que: “A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (Freud, 1905/1996g p.113). Este desvio marca a distância existente entre pulsão e instinto, pois a pulsão se inscreve não no corpo fisiológico, mas no corpo fantasmático, no corpo da representação.

Sobre esse aspecto Freud (1905/1996g) desenvolve a ideia de sexualidade polimórfica perversa, presente em todas as pessoas desde a sua infância. Esta ideia mostra a distinção concebida pelo autor entre o instinto sexual e a pulsão sexual. Na pulsão não existe um padrão fixo entre o objetivo sexual e o objeto. Diferente do instinto sexual, que tem como objetivo a reprodução, a pulsão sexual tem como objetivo a satisfação e a busca de prazer, assim o seu objeto é variável e definido de acordo com a história de vida do indivíduo. São nestas características da pulsão que Freud (1905/1996g) se apoia para afirmar que, para a psicanálise, a sexualidade polimórfica perversa não diz respeito ao desvio da função

reprodutora, mas a uma característica da sexualidade humana que não se prende dentro dos limites da preservação da espécie.

A pulsão sexual encontra-se também ligada aos sintomas neuróticos. Sobre isso, Freud (1905/1996g) afirma serem os sintomas a atividade sexual dos neuróticos. Podemos entender essa colocação a partir do processo de recalçamento, pois nele o desejo e as aspirações investidas de afeto são recalçadas e impedidas de serem descarregadas diretamente. Freud (1905/1996g) utiliza a conversão histérica como exemplo de busca de satisfação da pulsão sexual pela via do sintoma. O asco, a vergonha e a moral são as forças repressoras, que fazem com que a pulsão sexual fique dentro de limites considerados normais.

Uma importante observação deve ser feita quando Freud (1897/1996e2) abandona a teoria da sedução e a fantasia ganha relevância na articulação entre a sexualidade e a etiologia das neuroses. Segundo Monzani (1989), nos textos que se seguem, como nos *Três ensaios...*, Freud (1905/1996g) oscila entre os fatores internos, como o amadurecimento sexual na puberdade, e os fatores externos, como a hereditariedade e a educação, como organizadores da sexualidade. Para Monzani (1989) é com a noção de cena primária que Freud consegue religar tanto os fatores internos, quanto externos, à gênese dos sintomas neuróticos. Para Monzani (1989), com essa conciliação, Freud pode dar consistência à teorização que já havia iniciado anteriormente sobre o Édipo (Freud 1897/1996e3) e esclarece que:

Voltando à nossa discussão, de um lado a criança *deseja* ser seduzida, ela fantasia essa sedução, mas de outro lado é *de fato* seduzida. Ela irradia sua sexualidade própria, polimorfa, livre, ao mesmo tempo em que recebe as significações da sexualidade adulta genitalmente centrada. Essa sedução insidiosa realiza-se no encontro de duas séries: a irrupção da sexualidade infantil como expressão das pulsões e a inoculação da sexualidade adulta através da mãe. (Monzani, 1989 p.53 *itálicos do autor*)

Cinco anos após ter escrito a primeira versão dos *Três ensaios...*, Freud (1910/1996i2) traz no complexo de Édipo a sedução redefinida pelas conceituações sobre a sexualidade infantil. Não vamos realizar uma análise aprofundada dos processos que envolvem as fases do complexo de Édipo, mas de forma resumida, vale ressaltar que no complexo edipiano a criança tem para com os pais desejos eróticos, em uma relação feita de amor e ódio. Essa relação ideativa está na base da construção de um complexo de ideias que, quando recalçadas, constituirão o núcleo da neurose, orientando a vida mental e influenciando as escolhas de objetos futuras (Garcia-Roza, 2005).

Depois dessa breve observação voltamos às características da pulsão relacionadas por Freud (1915/1996n2) no texto *Os instintos e suas vicissitudes*. São estas: a sua pressão constante, a sua finalidade que é a satisfação, e o alcance dessa satisfação que acontece

quando a estimulação na fonte da pulsão é cancelada ou satisfeita. Porém, se a força que a pulsão exerce permanece constante a sua satisfação completa não pode ser atingida, a sua estimulação não pode ser cancelada completamente, assim a sua satisfação é sempre parcial (Garcia-Roza, 2004). Outro termo que compõem a montagem do conceito de pulsão consiste no seu objeto que, como já asseverado, é o que há de mais variável na pulsão, e a sua fonte tem uma relação com o corpo. Sobre isso Freud (1915/1996n2) diz que a origem da pulsão é somática. Porém, Garcia-Roza (2004) ressalta que não se trata do corpo como uma totalidade organizada, ou das relações que podem ser estabelecidas entre as partes do corpo biológico, mas de um processo somático. Essa afirmação evidencia a não distinção qualitativa da pulsão em relação a sua fonte, ou seja, mesmo quando elas são designadas se referindo a uma região do corpo como, por exemplo, anal, fálica, etc. não se trata de uma distinção de qualidade, mas a evidência da diversidade de suas fontes e que, em determinados momentos, uma região do corpo pode ser privilegiada como zona erógena por sua relação com uma ordem de inscrição do prazer. Sobre isso Monzani (1989) diz que a pulsão aloja-se em certas zonas trazendo um fluxo constante de prazer.

Freud (1915/1996n2) afirma ser a pulsão uma construção teórica e, no texto *O inconsciente* (Freud 1915/1996n3), postula que uma de suas características é que ela própria não pode ser consciente ou inconsciente, somente o seu representante. A pulsão está presente no psiquismo pelos seus representantes psíquicos, que são o representante ideativo e o afeto, que embora façam parte da pulsão terão destinos diferentes. Como afirma Freud (1915/1996n2), os quatro destinos do representante ideativo são: a reversão a seu oposto; retorno para a própria pessoa; recalçamento e sublimação. Os destinos do afeto são aqueles que foram apontados por Freud (1894/1996b) na *Carta 18*, de 21 de maio de 1894, sendo eles a transformação do afeto (histeria de conversão), deslocamento do afeto (obsessões) e troca de afeto (neurose de angústia e melancolia).

Os aspectos descritos até aqui sobre a pulsão são referidos por Freud (1905/1996g) para a pulsão sexual, porém no texto de 1915 Freud (1915/1996n2) propõe a existência de dois grupos distintos de pulsões, aplicando o termo pulsão também para as pulsões denominadas por ele de não-sexuais. Estas seriam aquelas que têm como objetivo a autoconservação e por isso recebem o nome de pulsões de autoconservação ou pulsões do eu. Este dualismo pulsional sofrerá algumas mudanças com a introdução do conceito de narcisismo, como veremos a seguir.

## 2.4 A libido e o narcisismo

*Foi num lavatório de edifício público, por acaso.  
 Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei...  
 Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral,  
 aberta em ângulo propício-faziam jogo.  
 E o que enxerguei, por instantes, foi uma figura,  
 perfil humano, desagradável ao derradeiro grau,  
 repulsivo senão hediondo.  
 Deu-me náusea aquele homem, causava-me ódio e susto,  
 eriçamento e espavor.  
 E era – logo descobri... era eu mesmo!  
 O senhor acha que algum dia ia esquecer essa revelação?  
 João Guimarães Rosa (2008, p.79).*

No texto *Três ensaios...*, Freud (1905/1996g) deixa claro que a libido é de natureza sexual e que, além de ter um aspecto quantitativo, ela também possui um caráter qualitativo. Ela pode ser investida em objetos ou no ego. Estes dois modos de investimento libidinal, Freud (1905/1996g) denomina de libido de objeto e libido narcísica respectivamente. Neste mesmo texto, o autor postula que a libido narcísica é um estado originário da primeira infância, anterior ao investimento da libido em objetos externos, e que mesmo o investimento da libido em objetos conserva no fundo um investimento narcísico. Essa ideia será desenvolvida de forma mais ampla no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud 1914/1996m). Nesse momento o que nos interessa é tratar do dualismo pulsional. Assim, se a libido é de natureza sexual, ela se refere às pulsões sexuais. Sendo regida pelo princípio de prazer, o seu movimento busca repetir a experiência de satisfação, movimento marcado pela facilitação, conforme Freud (1895/1996c1) descreve no texto *Projeto...* Para as pulsões do ego ou de autoconservação, Freud (1910/1996i2-1915/1996n1) postula uma energia denominada de interesse que estaria à serviço da autoconservação, se opondo às pulsões sexuais.

É sobre os modos de funcionamento sexual que vamos nos deter, pois o que nos interessa é a economia libidinal e sua relação na constituição do eu. O entendimento sobre esse processo é ampliado no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1914/1996m). Logo no início, Freud afirma que o eu não está presente desde a origem, o que está desde a origem é o auto-erotismo. No auto-erotismo, a libido, como energia sexual, é investida no próprio corpo, em partes como zonas erógenas. Nesse momento não podemos ainda falar de um corpo unificado, trata-se antes disso de um corpo fragmentado. Como já afirmamos a busca é pelo prazer experimentado anteriormente e que se tenta reviver. Freud (1905/1996g)

se refere a esse prazer como um prazer de órgão, ou seja, a busca do prazer no próprio corpo, por isso auto erótico.

Para sair dessa fase do auto-erotismo para o narcisismo, é preciso que uma ação psíquica aconteça. Essa ação é a emergência do ego, e é sobre a relação entre a emergência do ego como instância e o narcisismo que vamos discorrer a seguir. Porém, antes é importante acrescentarmos que, o ego que se configura em *Sobre o narcisismo: uma introdução* de 1914 (Freud 1914/1996m), não é o mesmo descrito no texto *Projeto...* de 1895 (Freud 1895/1996c1). Entre esses dois textos a teoria psicanalítica adquiriu maior amplitude. Fruto da articulação entre a prática clínica, e o desenvolvimento teórico, realizados por Freud, de conceitos importantes como: o inconsciente, a sexualidade infantil e pulsão. Para citar só alguns, que são aqueles com os quais mais nos detivemos.

No texto *Projeto...*, Freud (1895/1996c1) concebe o ego como efeito do processo de ligação, sendo constituído a partir das primeiras organizações neuronais que se formam nas facilitações. Seguindo a tendência do psiquismo em evitar o desprazer, o ego surge pela inibição do processo primário, e como uma formação do sistema  $\Psi$ . Neste texto, para Freud (1895/1996c1) o ego é tanto uma formação do sistema  $\Psi$  como seu correlato, inibindo o desejo para evitar a alucinação e o desprazer decorrente da frustração na alucinação. Assim como evita a repetição da excitação dolorosa através da rejeição da recatexização da imagem mnêmica do objeto que produz a dor. Como já asseverado, os processos que ocorrem no sistema  $\Psi$  são inconscientes, porém, nesse texto, Freud (1895/1996c1) se refere a um inconsciente descritivo, ou seja, uma oposição à consciência e não a um inconsciente sistemático.

Para compreendermos a distinção existente entre o ego do texto *Projeto...* (1895/1996c1) e o ego que Freud (1914/1996m) se refere como a instância que está relacionada com a passagem do auto-erotismo para o narcisismo, recorreremos a um texto um pouco mais tardio: *O ego e o id* de 1923 (Freud 1923/1996u1), introduzindo assim os conteúdos elaborados por Freud na segunda tópica do aparelho psíquico. Ao propor uma segunda tópica, Freud (1923/1996u1) não pretende descartar a primeira, mas ampliar a compreensão do funcionamento psíquico, acrescentando as contribuições teóricas desenvolvidas nos pouco mais de vinte anos que se passaram entre a *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996f) e o texto *O ego e o id* (Freud, 1923/1996u1).

No texto *A interpretação dos sonhos* de 1900, de acordo com Souza (2009), existe uma relação entre pré-consciente/consciente e o ego, mas não de forma consistente, pois a autora acredita que Freud (1900/1996f) não tinha mais como negar a parte inconsciente do

ego. Porém, não se tratava mais de postular no ego um inconsciente descritivo, em oposição à consciência, como já havia sido afirmado por Freud (1895/1996c1) no texto *Projeto...*, mas do inconsciente sistemático, que se refere aos processos inconscientes que não podem se tornar consciente voluntariamente, pois pertencem ao sistema inconsciente como recalcado. É no texto de 1923, que Freud (1923/1996u1) formula de forma consistente o caráter inconsciente do ego. Neste texto, ele afirma que o ego se configura como “uma organização coerente dos processos mentais” (Freud 1923/1996u1 p.30), que tem como função controlar as descargas de excitação supervisionando o psiquismo. Sobre as resistências que aparecem na análise, Freud (1923/1996u1) afirma que estas emanam do ego. O autor conclui que existem representações que podem se tornar conscientes sem que a isso se oponha a resistência, essas representações pertencem ao sistema Pcs. Porém, existe algo no ego que é inconsciente, e diz: “Também uma parte do ego – e sabem os Céus que parte tão importante – pode ser Ics., indubitavelmente é Ics” (Freud 1923/1996u1 p.31). São representações que pertencem ao sistema inconsciente, e a resistência que opera nesse caso é da censura que está entre os sistemas Ics e Pcs/Cs. Ou seja, o ego é formado por conteúdos que podem se tornar consciente, e que enquanto não estão na consciência são considerados inconscientes, no sentido descritivo. Mas o ego também possui uma parte inconsciente, no sentido sistemático, que se refere a um conteúdo recalcado. Com essa constatação, temos que, embora o id seja exclusivamente inconsciente, ele não é sozinho o grande reservatório do inconsciente e do recalcado.

A partir dessas formulações, Freud (1923/1996u1) postula ser o ego uma “parte do id que foi modificada pela influência do mundo externo” (Freud 1923/1996u1 p.38). O ego recebe essa influência através do sistema Pcpt-Cs, acrescentando que não só o sistema Pcpt tem influência na formação do ego, mas também o próprio corpo do indivíduo que pode ser considerado em sua superfície, um lugar de produção de “sensações tanto externa quanto interna” (Freud 1923/1996u1 p.39). Lembramos também que, Freud (1905/1996g) já dizia, no texto *Três ensaios...*, sobre as regiões do corpo que são definidas como zonas erógenas, por serem locais privilegiados de excitação. A partir dessas observações, Freud (1923/1996u1) acrescenta que “o ego é, primeiro e acima de tudo, em ego corporal” (Freud 1923/1996u1 p.39). Voltaremos a esse ponto ao tratar, mais a frente, sobre o aspecto traumático do corpo queimado.

Se, no texto de 1923, o ego, como afirmamos anteriormente, tem como função controlar as descargas de excitação mantendo o funcionamento do psiquismo, segundo Freud (1923/1996u1), ele o faz pelo controle da motilidade, que tem relação com o fato do ego

aplicar ao id a influência que recebe do mundo externo, procurando modificar o princípio de prazer que rege o id através do princípio de realidade. Se compararmos essa passagem com o que Freud (1895/1996c1) descreve no texto *Projeto...*, sobre o teste de realidade, percebemos uma mudança de sua concepção, pois naquele texto, para o autor, era o sistema  $\alpha$ , como um sistema neuronal distinto do sistema  $\Psi$ , o responsável pela percepção da realidade. A mudança está justamente em conceber ao ego um processo considerado por ele de nível mais elevado. É importante lembrar que, quando Freud utiliza aqui o termo elevado, ele o está fazendo em uma oposição ao que considera como mais profundo no psiquismo, sendo esse profundo equiparado ao inconsciente. Lembrando que no texto de 1895 do desenvolvimento teórico, o inconsciente se refere ao caráter descritivo e não sistemático.

O termo sistemático mostra que não se trata de uma mudança de localização como de um simples posicionamento em uma instância ou em outra, mas sim de um caráter dinâmico. Freud (1923/1996u1) aplica essa concepção à consciência ao relacioná-la com a autocrítica. Nesse ponto, ele diz que a autocrítica, como uma atividade mental extremamente elevada, é inconsciente, e estaria também ligada às resistências que aparecem em análise e ao “sentimento inconsciente de culpa” (Freud 1923/1996u1 p.40). Sobre isso o autor afirma:

(...) gradativamente chegamos a perceber que num grande número de neuroses um sentimento inconsciente de culpa desse tipo desempenha um papel econômico decisivo e coloca os obstáculos mais poderosos no caminho do restabelecimento. Se retornarmos mais uma vez à nossa escala de valores, teremos de dizer que não apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ego, pode ser inconsciente. É como se fôssemos assim supridos com uma prova do que acabamos de asseverar quanto ao ego consciente: que ele é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal. (Freud, 1923/1996u1 p.40)

Este último trecho da citação de Freud (1923/1996u1) nos lembra que, quando em psicanálise tratamos do corpo, não é do corpo biológico que nos referimos, mas do corpo fantasmático do corpo das representações e, quando ele está assim relacionado ao ego é também o corpo das identificações. Sobre este processo constitutivo do ego, que abarca também o superego como uma diferenciação dentro dele, é que vamos discorrer no próximo tópico. A constituição do ego, sob essa perspectiva, tem relação com o processo de identificação. Desta forma, além de utilizarmos os aspectos apontados por Freud no texto *Ego e o Id* de 1923, retomaremos conceitos importantes, introduzidos por ele no texto de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, como ego ideal e ideal do ego.

## 2.5 O psiquismo e as identificações

*Assim, o elemento hereditário – as parecenças com os pais e avós –  
que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual.  
Ah meu amigo, nem no ovo o pinto está intacto.  
E, em seguida, o que deveria ser o contagio das paixões,  
manifestadas ou latentes, o que ressaltava  
das desordenadas pressões psicológicas transitórias.  
E, ainda, o que, em nossas caras, materializa  
ideias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses,  
sem sequência nem antecedência, sem conexões nem fundura.  
Careceríamos de dias, para explicar-lhe.  
Prefiro que tome minhas afirmações por seu valor nominal.  
João Guimarães Rosa (2008, p.82)*

Como vimos até então, o ego é constituído das representações que o indivíduo faz de si mesmo. No estágio inicial da vida, a criança vai encontrar na mediação do outro o auxílio na construção dessas representações, que passam pelas primeiras experiências de satisfação e de dor que facilitarão a trilha que o desejo irá percorrer. Este processo está na base da identificação primária, tempo do autoerotismo em que a pulsão busca satisfação de forma anárquica, investindo nas regiões do corpo fragmentado em zonas erógenas, fase em que o bebê ainda não possui uma imagem unificada de seu corpo. Embora essa concepção já estivesse esboçada por Freud (1905/1996g) no texto *Os três ensaios...*, de acordo com Garcia-Roza (2005), ela só é acrescentada ao texto de forma mais ampla a partir de 1915. Abrangendo a organização pré-genital anterior à puberdade, permitindo com que Freud (1905/1996g) admitisse que, na fase do autoerotismo, as pulsões fossem anárquicas e parciais, caminhando para uma organização por certas zonas corporais privilegiadas, até adquirir uma totalidade em torno da zona genital.

Esta concepção possibilitou o desenvolvimento da teoria da libido, dividida em fases, pelas quais é possível compreender o modo de relação do indivíduo com o seu mundo. Sendo assim, para analisarmos essa relação, neste momento inicial de constituição psíquica, partimos do texto *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1996u1), onde Freud afirma que a primeira organização pré-genital da sexualidade gira em torno da zona oral. Por essa razão, a fase recebe o nome de oral, momento em que a satisfação e o prazer estão associados à ingestão e a incorporação do objeto. Sobre a relação dessa fase com a identificação, Freud declara que: “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida,

indistinguíveis uma da outra” (Freud 1923/1996u1, p. 42). Mais à frente no texto *Esboço de psicanálise* (Freud, 1938/1996y), o autor acrescenta que os primeiros investimentos libidinais são dirigidos ao seio materno, primeiro objeto de amor, e, no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (Freud, 1921/1996t) diz que esta é uma relação que se dá tanto por incorporação do objeto, como também por seu aniquilamento, tornando evidente a ambivalência existente na identificação.

O texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (Freud, 1921/1996t) é, sem dúvida, importante em nossa análise sobre o processo de identificação. Nele o autor diz que: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (Freud 1921/1996t, p.115). De acordo com Cruglack (2001), o que Freud (1921/1996t) assinala com o termo mais remoto, é tanto uma referência a um estágio inaugural da relação libidinal, anterior a escolha de objeto, como também ao banquete totêmico, uma identificação primária que se dá por incorporação. Em *Totem e Tabu* Freud (1913/1996l), diz que, juntos os irmãos da horda mataram e devoraram o pai e assim “(...) pelo ato de devorá-lo, realizaram a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força” (Freud 1913/1996l p.145). De acordo com Cruglack (2001) essa identificação por incorporação fornece os parâmetros para as identificações posteriores, funcionando como uma matriz. Examinemos com mais cuidado o caminho que Freud (1913/1996l) nos abre para compreender o que se passa nesses tempos de constituição psíquica.

No banquete totêmico, o que os irmãos adquirem é uma parte da força do pai, um atributo que, como assinala Cruglack (2001), não se trata de matéria, mas algo do ser do outro. Seguindo Freud (1895/1996c1), temos que, da experiência de satisfação, resultam dois aspectos importantes. Primeiro, a percepção do objeto e segundo, o prazer sentido pela eliminação do estímulo, que acontece devido ao movimento que dá lugar a sensações provenientes do corpo. A percepção do objeto e o prazer são registrados em neurônios diferentes, sendo a percepção um complexo formado por dois componentes diferentes. Um estável, que quase nunca muda, e que Freud (1895/1996c1) chama a coisa, e um que quase sempre varia que é o seu predicado. É pela facilitação que, de acordo com Freud (1895/1996c1), o sujeito buscará o reencontro com o objeto da experiência de satisfação, seguindo o caminho da memória guiado pelo princípio de prazer. Porém, esse reencontro nunca será possível, pois não se trata de um objeto a ser reencontrado, mas de um complexo perceptivo. Garcia-Roza (2005) lembra que no centro desse complexo perceptivo está o que Freud (1895/1996c1) denomina de a coisa, em torno da qual o sujeito irá girar

interminavelmente sem nunca atingi-lo. Trabalho que está na base da formação da rede de representações. Freud (1895/1996c1) afirma que, no processo secundário, a impossibilidade de uma correspondência total entre o objeto da memória e o objeto da percepção dará início ao processo de pensar. É através dele que o ego irá buscar a identidade do objeto permitindo a liberação da tensão. A identidade se dá através do predicado, componente variável do complexo perceptivo, fazendo com que o objeto de satisfação nunca corresponda completamente ao complexo perceptivo anteriormente registrado no psiquismo. Pismel (2010, p.92) afirma que:

Este não encontro entre a representação de objeto procurada e a percepção encontrada move/impulsiona o desejo em torno de uma incompletude do objeto, de uma falta, como também demonstra o caráter da parcialidade desse objeto e, por conseguinte, da satisfação. (Pismel, 2010 p.92).

A falta é o que fica registrado, de acordo com Cruglack (2001). É por ela que podemos compreender o papel que Freud (1921/1996t) atribui à identificação primária na história primitiva do complexo Édipo. Ainda no texto *O projeto...*, Freud (1895/1996c1) destaca um aspecto importante da identificação primária. Ele trata da relação entre o bebê e um outro ser humano que o auxilia, que pode ser tanto o primeiro objeto de satisfação, como o primeiro objeto hostil. Nessas primeiras experiências o outro é aquele identificado a partir de um traço que pode ser derivado ou de uma percepção visual, como por exemplo, um movimento do corpo, ou uma percepção auditiva como o grito, que remetem o pequeno humano às suas próprias experiências de satisfação e de dor. Como resultado dessa vivência Freud afirma que:

Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em dois componentes, dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma coisa, enquanto o outro pode ser compreendido por meio da atividade da memória – isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo. (Freud, 1895/1996c1, p. 384)

A estrutura constante produzida é a coisa, um atributo como a força do pai da horda primeva, através da qual, por incorporação, os irmãos do clã totêmico identificaram-se com ele e, como asseveramos anteriormente, é em torno dessa inscrição de falta que irão se formar as representações que constituirão a malha psíquica. Os processos que descrevemos até aqui levarão ao desenvolvimento do ego, ação psíquica que, de acordo com Freud (1914/1996m), tornará possível a passagem do autoerotismo ao narcisismo. Porém, como responder a seguinte questão: Como se sai do autoerotismo? Se o ego pode ser concebido como uma representação complexa que o indivíduo faz de si mesmo, como ele se constitui?

Seguindo Freud (1923/1996u1) temos que no início, no autoerotismo, os investimentos libidinais provêm do id. As escolhas objetais vão o ego começa a se constituir ao sujeitar-se a esses investimentos, ou desviando deles pelo processo de recalque. É através desse processo, de incorporação e de transformação do ego, que ele vai obtendo controle do id. Esse investimento libidinal é o que constitui a identificação narcísica. Tanto a presença como a ausência do objeto de satisfação será importante, pois é por essa alternância que se fará o processo a pouco descrito. Monzani (1989) acrescenta que: “Nessa linha de interpretação, o ego aparece como uma síntese ou uma fusão de diferentes identificações, tendo como solo básico a identificação primária.” (Monzani, 1989 p.246).

O processo que acontece entre o autoerotismo e o narcisismo primário revela uma importante função exercida pelo ego, a mediação das exigências entre o id e o mundo externo, por meio da substituição do princípio de prazer pelo princípio da realidade. De acordo com Pismel (2010), essa função possibilita que a criança realize, de forma crescente, a diferença entre o eu e o outro, ou seja, o estabelecimento da alteridade. Essa diferenciação tornará possível ao ego, eleger e investir em objetos externos, marcando também a passagem de um ego passivo para um ego capaz de realizar sínteses mais ativas. Temos então que parte da libido investida pelo id no ego é retida nele e será destinada aos investimentos objetais. Sobre isso, no texto *Esboço de psicanálise*, Freud (1938/1996y, p.176) diz que “... durante toda a vida o eu [ego] continua sendo o grande reservatório a partir do qual investimentos libidinais são enviados aos objetos e para onde são recolhido, tal como um corpo protoplasmático que estende ou recolhe pseudópodes”. O movimento pulsional não cessa, sendo possível que novas inscrições e retranscrições se estabeleçam, conforme Freud (1896/1996d4) já havia postulado.

Avançando em nosso propósito de analisar a importância da relação com o outro na constituição psíquica, vamos nos valer dos desenvolvimentos teóricos feitos por Freud sobre o complexo de Édipo. Nele podemos encontrar as bases sobre o processo de idealização e o caminho que leva a identificação secundária. Freud (1914/1996m) assevera que a saída do autoerotismo marca o investimento da libido em objetos sexuais derivados das experiências de satisfação. Os primeiros objetos investidos pela criança são as pessoas que se ocupam de seus cuidados, em geral a mãe. O narcisismo primário é marcado pela presença do outro, e a constituição do ego da criança sofre a influência do narcisismo dos pais, pois de acordo com Freud (1914/1996m), os pais experimentam com a criança a revivescência de seu próprio narcisismo, fato observável pelo modo afetivo de suas atitudes para com os filhos e das perfeições que atribuem a eles. Além disso, concedem à criança privilégios que eles mesmos

foram obrigados a abandonar, o que a leva a vivenciar uma completude narcísica denominada por Freud (1914/1996m) de ego ideal. Esse engrandecimento do ego tem uma função importante para que ele possa investir em objetos externos, ou seja, ir se diferenciando do outro.

De acordo com Freud (1914/1996m), nessa fase a criança tem para com os pais desejos eróticos, porém no desenrolar do complexo de Édipo, essa completude narcísica será perturbada pelas “admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico” (Freud 1914/1996m p.100). A criança se vê assim, frente a uma renúncia pulsional tendo que abandonar o investimento em seu objeto privilegiado de amor, que no caso do menino pode ser a mãe e no caso da menina o pai. Porém, de acordo com Freud (1914/1996m), por não estar disposto a abandonar a perfeição narcísica, a criança busca recuperá-la erigindo dentro de si um ideal de ego que se constitui por meio da identificação com as figuras parentais, essa é a identificação secundária. Sobre a dissolução do complexo de Édipo, Freud (1923/1996u1) afirma que a bissexualidade é um conceito constitucional do indivíduo e que junto com a triangulação compõe um complexo duplo: positivo e negativo, levando-o a afirmar que:

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto a identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais. (Freud, 1923/1996u1, p.46 – grifos do autor).

Na saída do Édipo, portanto na identificação secundária, de acordo com Freud (1923/1996u1), para que a identificação aconteça ocorre uma transformação da libido de objeto em libido narcísica, o que “(...) implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização - uma espécie de sublimação” (Freud, 1923/1996u1 p.43). O que o autor nos diz é que existe uma condição para que essa transformação aconteça, ou seja, a libido retirada do objeto deve ser investida no ego, e nesse ponto acontece a dessexualização, ou seja, o ego é investido pelo id não com objetivos sexuais. Esse é um processo necessário para a transformação da libido de objeto em libido narcísica. Esta libido armazenada no ego é transformada em libido narcísica, e poderá ser então utilizada para que o ego possa investir novamente em objetos. Nesse ponto é importante salientar a diferenciação que Freud (1914/1996m) faz entre a idealização e a sublimação. A idealização é um processo pré-edipiano, característico do narcisismo primário. O autor afirma que:

A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto [pulsão] se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal. (Freud, 1914/1996m p.101).

Assim, temos que o complexo de Édipo é compreendido como um conjunto ideativo que vai orientar as futuras escolhas de objeto do indivíduo. Os dois modos de investimento libidinal: narcísico e objetal, de acordo com Freud (1914/1996m), abrem caminho para dois modos de escolha de objeto, o tipo anaclítico e o tipo narcisista. No tipo anaclítico ama-se: a mulher que alimenta; o homem que protege. O outro tipo, em que se toma o próprio ego como objeto de amor, é o tipo narcisista. Nele ama-se: o que se é (a si mesmo), o que se foi, o que se queria ser, alguém que foi parte do seu próprio ego.

As primeiras identificações da infância são as mais duradouras. Diz Freud (1923/1996u1), estas são importantes na formação do ego e na formação de sua gradação interna, que constitui o superego. Freud (1923/1996u1) atribui a origem do superego a dois fatores principais: o desamparo, ou seja, a dependência do pequeno humano e o complexo de Édipo. A passagem pelo complexo de Édipo marca não só as escolhas objetais do id, mas também a reação contra essas escolhas. O ideal do ego é erigido sob um aspecto duplo, exemplificado pelos preceitos: você deve ser assim e você não pode ser assim. A ele cabe “a missão de reprimir o complexo de Édipo” (Freud, 1923/1996u1, p.47). Freud (1923/1996u1) afirma que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo. Como um agente crítico e uma instância autônoma representante do mundo interno, ele tem uma função tripla: de auto-observação, de consciência moral e de ideal do ego (Freud, 1933/1996x).

Para Freud (1914/1996m), o ideal do ego é o fator que condiciona o recalque. E como o autor afirma nesse texto, o recalque provém do ego, e acrescenta do amor próprio do ego, movido pelas exigências culturais e éticas do indivíduo. O amor próprio do ego diz respeito ao ideal do ego, a uma perfeição que o homem não quer abrir mão e que procura recuperar através de um ideal pelo qual passa a medir seu ego. Sobre essas duas formas, ego ideal e ideal do ego, que são comumente confundidas, Garcia-Roza (2005) esclarece: “Enquanto o ego ideal tem seu modelo no narcisismo primário, o ideal do ego aponta para uma instância diferenciada resultante da convergência do narcisismo da identificação com a fonte parental” (Garcia-Roza, 2005, p.204).

A identificação é um processo importante na formação do ego, e no que tange o movimento de investimento no objeto e o retorno da libido para o próprio ego modificando-o. Esse movimento, do vai e vem pulsional, está na base da constituição do sujeito como aquele marcado por suas escolhas. Freud (1914/1996m) discorre sobre esse ponto em *Luto e melancolia*, quando aborda o processo que se dá quando, diante da perda de um objeto uma parte dele é incorporada ao ego. No texto de 1923, o autor afirma que essa incorporação acontece de maneira muito frequente na fase inicial de desenvolvimento. O ego é formado pela precipitação dessas catexias objetais que foram abandonadas permanecendo nele as histórias dessas escolhas.

Se, como discorremos anteriormente, na situação traumática o ego se vê ameaçado, como podemos compreender essa ameaça a partir da dinâmica do psiquismo? Nesse sentido, Freud (1914/1996m) diz que o ego pode ser ameaçado “por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego” (p.68). Diante disso ele se defende e luta para não ser dominado, fazendo de tudo para harmonizar essas exigências. Vejamos no próximo tópico como essas ameaças podem estar relacionadas à situação traumática e à dinâmica do psiquismo.

## 2.6 Trauma: uma ferida narcísica

O que acontece em uma situação traumática com as defesas do ego? Ou, dito de outra forma, o que faz com que uma situação seja traumática, desestabilizando as defesas psíquicas? Para responder a essa questão, vamos acompanhar o desenvolvimento do conceito de trauma psíquico proposto por Freud (1920/1996s) no texto *Além do princípio do prazer*. Logo no início desse texto, Freud (1920/1996s) assevera que o psiquismo é regulado pelo princípio do prazer, ou seja, o psiquismo funciona obedecendo a uma tendência de buscar o prazer e evitar o desprazer. Prazer e desprazer possuem, segundo Freud (1920/1996s), uma relação com a tensão, sendo o desprazer associado com a sua elevação e o prazer a com a diminuição dessa tensão, concluindo que o princípio de prazer deriva do princípio de constância. A experiência de satisfação e a realização de desejo através dos sonhos são exemplos do modo de operação do psiquismo sob a influência do princípio de prazer.

Freud (1920/1996s) acrescenta que, embora no psiquismo encontremos a tendência de funcionamento regido pelo princípio do prazer, ele não domina os processos psíquicos, pois se assim fosse, a grande maioria deles deveria conduzir ao prazer, mas não é isso que ocorre. O sintoma neurótico poderia ser um exemplo, pois em sua formação temos, sob a influência

do ego, a substituição do princípio do prazer, próprio do processo primário, pelo princípio de realidade, fazendo com que a busca de prazer ou a satisfação sejam adiadas. Esse processo, segundo Freud (1920/1996s), é responsável por uma parte das experiências de desprazer. O que ocorre é o recalçamento de pulsões, uma vez que elas são incompatíveis, em suas metas ou exigências, não sendo capazes de se conciliar com o ego, e a satisfação pulsional é adiada. Em consequência do recalçamento, surge o sintoma como uma satisfação substituta. Sobre este caminho de satisfação pulsional o autor afirma que:

Se subsequentemente alcançam êxito – como tão facilmente acontece com os instintos sexuais reprimidos – em conseguir chegar por caminhos indiretos a uma satisfação substitutiva, esse acontecimento, que em outros casos seria uma oportunidade de prazer, é sentida pelo ego como desprazer. E, consequência do velho conflito que terminou pela repressão, uma nova ruptura ocorreu no princípio de prazer no exato momento em que certos instintos estavam esforçando-se, de acordo com o princípio, por obter novo prazer. (Freud 1920/1996s p.20-21)

Freud (1920/1996s) argumenta sobre outras situações em que o princípio de prazer é posto de lado, onde segundo ele, o aparelho psíquico é regulado por uma função mais primitiva que opera independente do princípio de prazer. Para tratar desse modo de operação do psiquismo ele utiliza três situações: a primeira são os sonhos da neurose traumática, a segunda são as brincadeiras infantis, e a terceira é a situação transferencial no tratamento, como também a neurose de destino. Monzani (1989) afirma que é no encadeamento desses exemplos, como uma série, que Freud (1920/1996s) sustenta a tese desse texto, de que existe no psiquismo um mais além do princípio do prazer, que se expressa nesses casos pela compulsão à repetição, vejamos as especificidades de cada uma dessas situações.

Nas observações dos jogos infantis, em que a criança joga um objeto para longe, para na sequência recuperá-lo, Freud (1920/1996s) diz que, ao brincar a criança busca repetir uma experiência onde fez uma renúncia pulsional, como no caso em que a mãe se distancia dela, para depois experimentar o retorno do objeto de investimento. Nessa situação, com a repetição da experiência, a criança visa sair de uma posição passiva diante do sofrimento para um domínio ativo. No segundo exemplo, o da situação transferencial e da neurose de destino, o que não pode ser recordado é repetido na transferência ou nas escolhas que o indivíduo faz em sua vida e que o levam sempre para um mesmo desfecho, existindo nesses dois exemplos um mesmo padrão, o que não pode ser elaborado é repetido.

O terceiro exemplo é o da neurose traumática em que existe uma fixação no momento do trauma. A repetição aparece principalmente nos sonhos traumáticos, única exceção à regra de que, no sonho temos a realização de desejo, pois nos sonhos traumáticos, o indivíduo

reproduz a experiência de sofrimento, o que Freud (1920/1996s) relaciona a tentativa de neutralizar o excesso de excitação que irrompeu no psiquismo. É esse terceiro exemplo que Freud (1920/1996s) afirma ser o menos dúbio no que se refere à motivação para a compulsão à repetição, vejamos porque:

Seguindo o fio condutor dos sonhos traumáticos, Freud (1920/1996s) afirma que nestes existe uma fixação ao trauma. A repetição aparece como uma tentativa de elaborar as impressões causadas pela vivência de uma experiência traumática. Mas o que poderia caracterizar uma experiência como traumática? Freud (1920/1996s) utiliza como exemplo as guerras e as grandes catástrofes. O autor afirma que: “Descrevemos como ‘traumáticas’ quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (Freud 1920/1996s, p.40). Um evento externo, que provoca um traumatismo interno. A partir dessa asserção devemos considerar a distinção entre interno/externo. O que haveria no evento externo que seria capaz de ocasionar um trauma? Podemos inferir, pela descrição de Freud (1920/1996s), que seria uma intensidade associada às excitações que provem da vivência. Porém, não se trata de fazer uma equivalência, ou associação direta entre essa intensidade e a percepção pelo indivíduo da proporção, que o acontecimento externo, como por exemplo, uma guerra ou um desastre, pode tomar a partir dos danos materiais que acarreta. Para compreendermos melhor essa questão, seguimos Freud (1920/1996s), quando este afirma que a percepção é um atributo do sistema *Cs*. Nele é produzida a percepção da excitação que vem do mundo externo, tanto quanto a percepção dos sentimentos de prazer e desprazer que surgem do interior do psiquismo. A isso ele acrescenta: “O processo excitatório se torna consciente no sistema *Cs*, mas não deixa traço permanente atrás de si, a excitação, porém, é transmitida aos sistemas que ficam a seguir e é *neles* que seus traços são deixados.” (Freud, 1920/1996s, p.36 – itálico do autor) É na memória que os traços de excitação são registrados. Freud (1920/1996s) reafirma o que já havia postulado anteriormente no texto *Projeto...* de 1895: memória e consciência são sistemas incompatíveis e independentes. Podemos concluir que tudo o que é externo só o é por ser também interno, pois deixou uma marca no psiquismo, e é por essa marca que o evento externo produzirá os seus efeitos.

Para ser transmitida aos sistemas que são posteriores à consciência, a excitação deve ultrapassar a resistência do sistema *Cs*. A fim de desenvolver essa ideia, Freud (1920/1996s) utiliza o exemplo da vesícula. Segundo Monzani (1989), ele não deixa claro nesse texto se esse exemplo se refere ao aparelho psíquico ou ao ego. Sendo assim, a vesícula, como uma metáfora biológica, pode ser aplicada aos dois casos: ao aparelho psíquico e ao ego. Essa vesícula possui uma camada cortical, que pela constante exposição às excitações provindas do

meio externo tornou-se inorgânica, constituindo-se como um escudo protetor resistente aos estímulos externos. Freud (1920/1996s) acrescenta que: “Através de sua morte a camada exterior salvou todas as camadas mais profundas de um destino semelhante, a menos que os estímulos que a atinjam sejam tão fortes que atravessem o escudo protetor.” (Freud, 1920/1996s p.38).

Seguindo a metáfora biológica, o sistema *Cs* é, para Freud (1920/1996s), uma camada cortical que se segue ao escudo protetor, como um córtex sensitivo. O sistema *Cs* recebe as excitações do mundo externo, já reduzidas pela ação do escudo protetor, mas também recebe as excitações do interior. Freud (1920/1996s) afirma que, se do exterior existe a proteção do escudo protetor, essa mesma proteção não se aplica para as excitações internas. Essas condições diferentes na recepção das excitações, do exterior e interior, têm influência decisiva sobre o funcionamento do psiquismo. A recepção das excitações provindas do interior vai derivar nos sentimentos de prazer/desprazer e, segundo Freud (1920/1996s), elas predominam sobre as excitações externas. Quando as excitações internas produzem um aumento muito grande de desprezo, ocorre uma tendência no psiquismo de “tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas” (Freud 1920/1996s, p.40).

Temos, então, o modelo no qual Freud (1920/1996s) sustenta a sua afirmação, de que as excitações traumáticas são aquelas que, provindas de fora, conseguem ultrapassar o escudo protetor. Porém, ainda fica a questão: o que as torna poderosa o suficiente para ultrapassar essa proteção? Como vimos até aqui, essa intensidade não está no exterior, mas nos efeitos que o evento externo acarreta no psiquismo. Para entender melhor esse processo, partimos da ideia de que uma vivência é diferente, em termos psíquicos, para os indivíduos que estão envolvidos direta ou indiretamente nela. Monzani (1989) afirma que a paraexcitação do escudo protetor não é definitiva, trata-se de um dispositivo que tem a sua funcionalidade influenciada pela intensidade da excitação, isso torna a noção de trauma relativa.

Em uma situação traumática, Freud (1920/1996s) postula que quanto mais alta a energia quiescente de um sistema, maior será sua capacidade de vincular psicologicamente a excitação. Para a realização desse trabalho, o princípio do prazer é posto em suspenso, pois primeiro é preciso vincular a energia excedente, para então desvincular-se dela. Outra característica que Freud (1920/1996s) afirma estar presente no momento da vivência traumática é o despreparo do indivíduo, ou seja, a relação da situação traumática com o susto. Ao susto, Freud (1920/1996s) relaciona a falta de preparo psíquico no momento em que a

paraexcitação é rompida. Monzani (1989) defende que “não houve preparação para a angústia que funcionasse como sinal” (p.166), e assim pudesse ser mobilizada a defesa psíquica.

E atribuímos ainda importância ao elemento de susto. Ele é causado pela falta de qualquer preparação para a ansiedade, inclusive a falta de hipercatexia dos sistemas que seriam os primeiros a receber o estímulo. Devido à sua baixa catexia, esses sistemas não se encontram em boa posição para vincular as quantidades afluentes de excitação, e as consequências da ruptura no escudo defensivo decorrem mais facilmente ainda. Ver-se-á, então, que a preparação para a ansiedade, e a hipercatexia dos sistemas receptivos constitui a última linha de defesa do escudo contra estímulos. (Freud, 1920/1996s p. 42)

Seguindo Freud (1920/1996s), uma experiência será traumática na medida em que o psiquismo do indivíduo não conseguir mobilizar a energia, que possa funcionar como anticatexia, para bloquear e dominar a excitação invasora. A isso Monzani (1989) acrescenta: “Assim, é preciso que se conte com um ‘estoque’ de energia ‘armazenada’ para que se possa colocá-la em ação no momento devido, caso contrário, a catástrofe será inevitável”. (p.164 grifos do autor). Voltamos ao aspecto externo/interno e concluímos que a excitação invasora não é diretamente aquela que vem do exterior, mas a sua transposição para o psiquismo. Com isso, retomando os aspectos trabalhados anteriormente nesse texto, (ver página 36), afirmamos que a excitação endógena está relacionada à pulsão. Sobre isso, Freud (1920/1996s) utiliza a dor física para explicar os efeitos do arrombamento no psiquismo e a sua relação com a pulsão. Freud (1915/1996n1) tratou desse processo no texto sobre o recalçamento, afirmando que a dor física é decorrente de uma ruptura em uma região limitada do corpo, que pode ser ocasionada por um ferimento ou alguma comoção em um órgão específico. Neste caso, ela provoca um aumento de tensão, atuando como uma fonte de pressão constante. A pressão constante é atributo da pulsão, assim, para Freud (1915/1996n1), a dor é denominada de pseudopulsão. Temos, então, um exemplo, através da dor física, de um estímulo externo internalizado através desta, atuando como uma pseudopulsão. Porém, Freud (1915/1996n1) alerta que diferente da pulsão, a sua finalidade é uma mudança no órgão afetado, cessando o desprazer. Freud (1920/1996s) utiliza esse exemplo para postular que uma ruptura limitada pode ocasionar a dor, mas um arrombamento em larga escala caracteriza o trauma.

Quando trazemos de volta o conceito de pulsão, estamos lidando novamente com o que se passa entre o psíquico e o somático, e para que as coisas não fiquem confusas é preciso afirmar que não se trata de uma simples equivalência entre a ruptura de uma parte do corpo, como na lesão física, e o arrombamento do escudo protetor do psiquismo. No psiquismo trata-

se do rompimento de representações e, se o que se fixa na representação é a pulsão (ver página 36), o rompimento dessas representações em uma situação traumática libera a libido de forma excessiva, deixando livre o afeto na forma de angústia. Freud (1919/1996r), no texto *Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra*, afirma que o que se teme não é o perigo externo, mas sim um inimigo interno. Seguindo essa ideia, Monzani (1989) postula que a libido, como energia da pulsão, jorra como excitação sexual excessiva, tendo assim um efeito traumatizante. O autor afirma “eis aí o inimigo interno” (Monzani, 1989, p.172), acrescentando: “Ou seja, não é o acidente em si, o seu choque, que é diretamente traumático: o que ele faz é desencadear um afluxo pulsional, interno, esse sim traumático para o aparelho psíquico.” (Monzani, 1989, p.172) Outro aspecto importante a ser considerado é que as representações são constituídas de forma complexa pelas cadeias associativas, entrelaçadas pelos elos que formam a malha psíquica. Afirmar que não se trata de uma equivalência direta entre o corpo e o psíquico, não significa postular uma separação radical. Já vimos, com o conceito de zonas erógenas, que o que se passa no corpo se entrelaça com o psíquico. Esse entrelaçamento está também na articulação entre a dor corporal e a dor psíquica, que Freud (1926/1996v) desenvolve no texto *Inibições, sintomas e ansiedade*. Nele, o autor afirma que a dor acontece quando a excitação externa ultrapassa o escudo protetor, e como consequência a energia dos sistemas psíquicos é convocada para conter a ruptura. Essa é uma afirmação que Freud (1920/1996s) já havia feito antes. O que ele acrescenta é que na dor corporal “ocorre um alto grau do que pode ser denominado de catexia narcísica do ponto doloroso” (Freud, 1926/1996v p.166), ou seja, é no representante psíquico da parte do corpo afetada que a catexia é concentrada. Sobre esse postulado, Freud (1926/1996v) assevera que ele pode ser provado pelo fato de que mesmo a dor mais intensa perde a sua intensidade quando acontece um desvio psíquico provocado por qualquer outro interesse. Na sequência em que trata desse aspecto, Freud (1926/1996v) afirma que a analogia entre a dor física e dor psíquica pode ser feita a partir da catexia, pois tanto no objeto do qual se sente falta ou que foi perdido, quanto na parte do corpo que foi afetada, trata-se da configuração de uma mesma situação sob o aspecto econômico, a partir do qual o aparelho psíquico será demandado a trabalhar, ou seja:

A transição da dor física para a dor mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto. Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade instintual desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo. A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental. (Freud, 1926/1996v, p.166)

O que invade o psiquismo é a excitação provinda da pulsão que, como afirma Freud (1920/1996s), por pertencer ao sistema inconsciente, é regulada pelo processo primário que pressiona no sentido da descarga. O desamparo mental, citado no trecho acima, surge frente à incapacidade que o psiquismo se encontra diante da excitação excessiva que o invade. Se o aparelho psíquico falha na tentativa de vincular a excitação, submetendo-a ao processo secundário, a tarefa principal será a tentativa de dominar a excitação independente do princípio de prazer. O conteúdo não vinculado, de acordo com Freud (1926/1996v), diz respeito experiências mais arcaicas, pré-individuais da sexualidade infantil que, na situação traumática, sucumbem à compulsão à repetição. A primeira tentativa de defesa do psiquismo é investir maciçamente na representação da parte do corpo lesada, através da catexia narcísica, ou na representação do objeto perdido, através da catexia de objeto. Esse investimento maciço esvazia o eu, e esse esvaziamento, como um contra-investimento defensivo é doloroso.

O que importa não é diretamente a perda do objeto em si, mas o que ele representa, ou seja, o representante desse objeto, como uma ideia e um afeto, que se entrelaça na constituição da trama egóica. É uma parte do eu que se perde nos objetos que foram investidos na escolha objetal, uma vez que nessas escolhas há a constituição de uma identificação narcísica com o objeto. O objeto escolhido é o objeto amado pelo atributo que possui e que se relaciona com o ideal de eu. Como vimos anteriormente, na saída do narcisismo, concomitante aos investimentos libidinais nos objetos, há o retorno da libido para o eu, nesse movimento acontece à identificação narcísica. Podemos compreender esse processo pela afirmação que Freud faz no texto *Luto e melancolia* (Freud, 1917/1996p1) de que na melancolia o objeto perdido é incorporado ao eu, e a catexia de objeto é substituída pela identificação. Considerando também o acréscimo feito pelo autor, anos mais tarde, em *O ego e o id* (Freud, 1923/1996u1), onde adverte que esse processo não acontece só na melancolia, mas é um processo típico e comum, concluindo que: “Desde então, viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’.” (Freud 1923/1996u1, p.41– grifos do autor)

As escolhas narcísicas não são plenamente conscientes, pois, como afirma Freud (1917/1996p1), o sujeito pode saber quem ama, mas não o que ama nesse alguém. A parte inconsciente é o atributo dele que evoca ao ideal do eu, e que o faz amado e ao mesmo tempo odiado. A situação traumática coloca o sujeito frente a uma situação de perda, que pode ser real, como por exemplo, uma ferida no corpo, a amputação de uma parte do corpo, a pessoa

amada, etc., ou pode ser uma ameaça de perda. Em qualquer um dos casos o que se teme é o inimigo interno, ou seja, perder o que se ama, ou perder o seu amor.

Tratamos até aqui sobre a perda do objeto amado, mas e quando a ameaça é de perder a própria vida? O que se teme com o medo da morte? Para Freud (1923/1996u1), em *O ego e o id*, o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego, e no texto de 1926, *Inibições, sintomas e ansiedade* acrescenta que esse medo está associado ao perigo que ego sente de perder o amor do superego ou de ser alvo de sua punição. A razão para isso, segundo Freud (1923/1996u1), estaria associada ao “fato de o ego abandonar em grande parte sua catexia libidinal narcísica” (p.70). Com esse abandono, o ego teme perder o amor do superego e a sua proteção, função que em outras épocas foi realizada pelo pai e posteriormente pelo destino, o que leva Freud a afirmar que o medo da morte “é um medo do superego projetado nos poderes do destino” (Freud, 1926/1996v, p.138).

Na situação de desastre vivenciada pelo indivíduo, tal qual estamos analisando nessa pesquisa, o ego se encontra ameaçado pelos três perigos apontados por Freud (1914/1996m): o mundo externo; a libido do id que, pelo rompimento de representações, fica livre na forma de angústia; e pela severidade do superego projetada na ameaça de morte. O trabalho a ser feito pelo psiquismo na situação traumática é o do luto na elaboração dessas perdas que a vivência traumática acarreta. No texto *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939/1996z) afirma que uma vivência pode ser considerada traumática quando provoca reações patológicas no sujeito. Em suas palavras:

(...) em cada caso é um excesso de exigência o responsável por uma experiência que evoca reações patológicas fora do comum -, então poderemos facilmente chegar ao expediente de dizer que algo age como um trauma no caso de determinada constituição, mas caso de outra, não teria tal efeito. (Freud, 1939/1996z, p. 88).

Segundo Freud (1939/1996z), Cruglack (2001) postula que podemos encontrar no processo de identificação os elementos que podem evidenciar, na constituição psíquica do sujeito, o que levaria algo agir como trauma. Para a autora, o modo como os tempos da identificação ocorreu no processo de constituição psíquica, evidenciará a eficiência e as falhas que podem acontecer quando os elementos envolvidos neste processo precisarão entrar em jogo na resposta que o sujeito deve ser capaz de dar frente tais vivências. Entendemos também que para que esse trabalho seja possível, o laço amoroso construído nas relações humanas se constitui no caminho para que o sujeito não sucumba ao adoecimento patológico.

Temos então dois aspectos que invocamos como importantes para que o sujeito possa responder frente às contingências traumáticas de sua vida, os elementos do processo de

identificação e a presença do outro, ou seja, a alteridade. É sobre essa articulação que discorreremos no próximo tópico ao trabalhar com a solidariedade.

### 3. SOLIDARIEDADE

Se, como afirmamos anteriormente, a situação traumática coloca o sujeito frente a uma perda, que pode ser tanto real como uma ameaça, também podemos afirmar que o vínculo que se rompe, com essa perda, é aquele estabelecido a partir do processo de identificação. Assim, seguindo a ideia de Freud (1939/1996z), de que uma situação traumática é provocada por uma ferida narcísica, entendemos que essa ferida alcança principalmente as idealizações constitutivas do ego, pelo rompimento do investimento libidinal nas representações que formam a trama egoica. No momento da perda, Freud (1917/1996p1) nos adverte que o sujeito é defrontado com o “(...) veredicto da realidade segundo o qual o objeto não existe mais” (Freud 1917/1996p1 p.260). Diante dessa realidade como o psiquismo reage? Buscando a resposta para essa questão vamos, no presente capítulo, seguir os caminhos apresentados por Freud (1917/1996p1) no texto *Luto e melancolia*, realizando uma articulação com o processo de identificação e com a presença do outro. Para isso, recorreremos também às formulações realizadas por Cruglack (2001) sobre a identificação no luto e na melancolia. Na sequência, para tratar sobre a possibilidade de ajuda para elaboração dos aspectos traumáticos através da presença do outro, vamos discorrer sobre a solidariedade.

#### 3.1 - Identificação e luto

O que se perde em uma vivência traumática? E como podemos entender o que essa perda comporta? Se tomarmos como exemplo a perda de um objeto de amor, que como assinalamos anteriormente pode ser a pessoa amada, ou uma parte do corpo que foi afetada por um acidente, o trabalho a ser feito pelo ego é o de desvencilhar-se das amarras que atam o sujeito ao objeto agora perdido. De acordo com Cruglack (2001) desvencilhar-se das amarras que atam o sujeito ao objeto é, passo a passo, retirar o investimento do objeto, ou seja, de sua representação inconsciente construída a partir dos rastros deixados pelos investimentos na imagem mnêmica do objeto primordial. Pois, como já discorremos anteriormente, a representação inconsciente do objeto traz a marca das tentativas de reencontro com o objeto primordial, diante das quais sempre sobrar um resto, marca que inscreve a falta, perda original. Um trabalho que, como assinala Cruglack (2001), conduz o sujeito a um “caminho regressivo que reduz a distância até a coisa revelando o vazio que os objetos tamponavam. Enquanto os objetos despojados de seus atributos caem, se recupera o vazio” (Cruglack, 2001,

p.73). O vazio recuperado é aquele em torno do qual foi feito o laborioso percurso da construção das identificações que constituem o ego.

Assim, levando em consideração que o processo de elaboração do trauma passa pela reconstrução dessas identificações, sabemos, desde Freud, que essas marcas constitutivas do psiquismo não podem ser apagadas. Porém, os traços e as impressões que foram gravadas no psiquismo podem sofrer rearranjos e retranscrições, e é isso que acreditamos que irá se passar na reconstrução das idealizações que foram afetadas com a vivência traumática. Esse é o trabalho do luto, pois na situação traumática, como vimos até aqui, a libido é intensamente investida na ferida aberta pelas representações que foram rompidas, ou seja, a libido é retirada dos objetos que foram perdidos e retorna ao ego. O processo de elaboração passa pela metabolização dessas perdas, que de forma geral consiste na capacidade do psiquismo em reorganizar a economia psíquica, tendo como resultado a possibilidade de realizar novos investimentos libidinais.

Para compreendermos o que se passa nesses tempos do luto e a sua relação com o processo de identificação, partimos da proposta de Cruglack (2001) que, seguindo Freud (1917/1996p1), divide o processo de luto em dois tempos, incluindo ainda um terceiro momento em que a presença do outro aparece como suporte para a sua elaboração. De acordo com a autora, o primeiro tempo é aquele em que o sujeito é confrontado com a falta do objeto, em que o vazio retorna a ele, como já descrevemos mais acima. Tempo em que a energia do ego é absorvida no trabalho lento de desligar os laços que o prendem ao objeto. No luto, o ego, de acordo com Freud (1917/1996p1), para não ter o mesmo destino do objeto, renuncia-o pelo prêmio de continuar vivo. Ainda segundo o autor, essa renúncia leva o ego a estabelecer com o objeto um conflito ambivalente, fazendo com que ele o desvalorize e rebaixe afrouxando a fixação da libido. Esse é um processo que, aos poucos, destitui o objeto de seus atributos, fazendo com que ele caia de sua posição idealizada, fator que contribui para que, em um segundo momento, o ego possa lançar-se novamente na busca até um próximo desencontro. Desencontro, pois, de acordo com Freud (1905/1996g), a busca é sempre a tentativa de um re-encontro com um objeto que nunca pode ser substituído. Assim, o trabalho de luto, nesse primeiro tempo, é suportar o vazio dessa falta, pois é em torno dela que o desejo se estrutura e impulsiona o sujeito na constituição de outros objetos supostos de satisfação plena.

De acordo com Cruglack (2001), o segundo tempo do luto é aquele em que o sujeito empreenderá o trabalho de significar a perda, ou, dito de outro modo, buscar entender em que lhe falta o objeto para poder assim representar a sua falta. Freud (1917/1996p1) afirma que na

melancolia o sujeito “sabe quem ele perdeu, mas não sabe o que perdeu nesse alguém” (p.251). É por esse ponto que Cruglack (2001) postula que na melancolia haveria uma falha nesse segundo tempo do luto, vejamos como.

De acordo com Freud (1895/1996c2), na melancolia existe uma perda pulsional. Essa perda estaria relacionada com o investimento pulsional no objeto que retorna ao ego, e que, como observa Freud (1917/1996p1), em alguns sujeitos que apresentam uma disposição patológica, ela é sentida como uma perda do próprio ego, assim é o ego que se torna vazio. E por que isso acontece? Cruglack (2001) argumenta que na saída melancólica poderíamos evidenciar uma falha na possibilidade do sujeito dispor dos elementos do processo de identificação. Com base nas ideias desenvolvidas por Freud (1926/1996v) no texto *Inibições, sintomas e ansiedade*, Cruglack (2001) afirma que a falha pode ter ocorrido nas repetidas experiências em que a criança vai diferenciando uma ausência temporária de uma perda duradoura. Freud (1926/1996v) relaciona essas experiências com aquelas em que a criança, percebendo a ausência da mãe, não consegue discernir que o seu desaparecimento não será permanente, e se comporta como se nunca mais ela fosse retornar, ou seja, é necessário que a criança experimente repetidas vezes essa alternância para que a experiência possa ser consoladora. A brincadeira em que a mãe esconde o rosto para logo em seguida mostrá-lo novamente à criança, de acordo com Freud (1926/1996v), descreve a possibilidade da criança “sentir anseio desacompanhado de desespero” (p.165). Sobre isso, Cruglack (2001) argumenta que a não ocorrência de forma sistemática da experiência consoladora poderia explicar a nostalgia desesperada do melancólico. Como essa experiência consoladora estaria relacionada aos elementos do processo de identificação? Podemos compreender essa relação pelo tipo de escolha de objeto que Freud (1917/1996p1) afirma existir na melancolia. Para o autor, o investimento no objeto foi feito sob uma base narcisista isso explicaria a facilidade com que o sujeito pode regressar a fase narcisista, operando uma identificação direta com o objeto. O que o leva a concluir que na melancolia o sujeito perde não só o objeto idealizado, mas também uma parte de seu próprio ego.

Uma situação é vivenciada, por cada sujeito, de maneira singular, podendo fazer irromper algo que é traumático. Cruglak (2011) afirma que “O que irrompe põe em urgência o Eu. O Eu se vê exigido, compelido a ação para restabelecer sua unidade, ou em torpor inibitório jaz como objeto” (Cruglack, 2011 p.14) Entendemos que essa ação não diz respeito somente a uma ação motora, mas antes, se refere à capacidade psíquica que o indivíduo terá para integrar as consequências dessa vivência à sua existência. E diz respeito ao movimento que Freud (1900/1996f) relaciona àquele impulsionado pelo desejo. É nesse ponto que

entendemos a articulação do desejo com a falta, pois, seguindo Freud (1895/1996c1 – 1900/1996f) e Cruglack (2011), o desejo se estabelece para o sujeito originalmente a partir da inscrição da falta. Assim entendemos que suportar o vazio é, para o sujeito, poder “fazer com” o sofrimento imposto pela contingência traumática. Dispondo dos elementos de sua constituição subjetiva para continuar se movimentando pela vida. É nesse sentido que, seguindo Cruglack (2011), postulamos que, nos tempos do luto, o laço construído nas relações humanas, poderia se constituir como auxílio para que o sujeito não sucumba ao sofrimento patológico. Pois, de acordo com a autora, seria possível pensar, nesse auxílio do outro, a partir de sua posição desejante. Ou seja, é quando o outro consegue suportar o seu próprio vazio que, ele pode servir de auxílio para que o sujeito possa se relançar na metonímia de seu desejo. Reorganizando a economia psíquica, abalada pelo evento traumático. É sobre essa possibilidade que vamos discorrer no próximo tópico ao tratar do laço estabelecido na solidariedade.

### 3.2 Solidariedade – um auxílio mútuo

Para trabalharmos com a relação entre a presença do outro como suporte na elaboração do trauma, entendido como uma ferida narcísica, tal qual explicitamos nos tópicos anteriores, partimos da ideia de solidariedade. De acordo com Turcatto (2010) a palavra solidariedade deriva das palavras latinas *solidum*, que remete a totalidade, soma total e segurança, e *solidus*, que diz respeito a sólido, maciço e inteiro. A solidariedade é definida no dicionário Aurélio (2014) como: “dependência mútua entre os homens; sentimento que leva os homens a se auxiliarem mutuamente; relação mútua entre coisas dependentes”. Para tratarmos inicialmente sobre a relação da solidariedade em sua dimensão humana e de interdependência, vamos nos valer das articulações existentes na perspectiva da filosofia. Para tanto, fazemos referência à descrição contida em verbetes do dicionário de filosofia de Abbagnano (2007) e Ferrater-Mora (1978). Assim, sob os aspectos que nos interessam, neles identificamos a palavra solidariedade articulada a conceitos como: amor; compaixão; existencialismo; filantropismo; interdependência e integração. Vejamos como.

Abbagnano (2007) postula que a solidariedade caracteriza o amor como uma relação humana. O autor afirma que, o caráter específico do amor não pode ser determinado, pois é diferente de acordo com as suas formas. A isso ele acrescenta que o desejo de posse pode estar incluído no amor sexual, mas totalmente excluído de outras formas de amor. Sobre a relação entre a solidariedade e a compaixão, Abbagnano (2007) assevera que a compaixão é

provocada pela dor do outro, mas que essa emoção só pode ser denominada de compaixão “se for um sentimento de solidariedade” (Abbagnano 2007 p. 154). O autor parte da ideia de Scheler (1923, citado por Abbagnano 2007), para quem a compaixão estará ausente quando existe contágio de sofrimento, pois quando esse contágio ocorre, o sofrimento é sentido pelo sujeito como seu e não mais do outro, impossibilitando-o de sentir compaixão. O que o fará afastar-se do sofrimento uma vez que esse é também sentido como seu. Nessa perspectiva Abbagnano (2007) acrescenta que a compaixão, como um sentimento de solidariedade, pode ser entendida como “participação no sofrimento alheio como algo diferente desse mesmo sofrimento” (p.154) A solidariedade aparece também associada às relações humanas. Quando Abbagnano (2007) discorre sobre o conceito de existencialismo. Neste sentido ela está associada ao tipo de relação que os homens podem fazer com outros homens em que, diferente da relação do homem com os objetos, se considera a possibilidade de cooperação em graus e formas diversas. Ainda na concepção das relações que os homens podem estabelecer entre si, o autor utiliza a palavra solidariedade quando se refere ao filantropismo, partindo de Cícero (III, citado por Abbagnano 2007) afirma que, pelo fato dele ser humano, o homem pode estabelecer uma relação recíproca com outros homens, sendo solidário. Sob o aspecto da interdependência, a palavra solidariedade aparece associada por Abbagnano (2007) e Ferrater-Mora (1978) ao conceito de estrutura, entendida como um sistema formado por elementos interdependentes. Sendo nesse sentido também utilizada por Abbagnano (2007) quando discorre sobre o conceito de integração.

Por essas definições temos que a solidariedade, como uma relação humana, comporta a dimensão da alteridade, onde dois ou mais sujeitos se auxiliam mutuamente. Nessa relação humana pode estar presente o sofrimento, que não se amalgama desvanecendo as diferenças do sofrimento de cada sujeito, mas conserva também nessa dimensão a alteridade, única possibilidade em que a interdependência possa ser pensada como auxiliadora. Pela perspectiva do sujeito que sofre diretamente as consequências de um desastre, através das perdas que esse pode lhe acarretar, é possível conceber a necessidade do auxílio do outro. Mas, e pela perspectiva de quem ajuda, qual seria o auxílio recebido, uma vez que o conceito considera um auxílio mútuo e uma dependência entre quem recebe o auxílio e quem presta este auxílio? Embora a solidariedade não seja um conceito da psicanálise é na articulação com a teoria freudiana que pretendemos discorrer sobre as possíveis respostas para estas questões.

Começamos por perguntar: porque o sofrimento do outro comove o sujeito? Ou em que esse sofrimento o comove? Tomamos como ponto de partida as considerações feitas por Freud (1915/1996n4) no texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, nele o autor

reflete sobre a comoção causada pela Primeira Guerra Mundial, a partir da perspectiva do indivíduo que não está na frente de batalha, mas que é impactado pelas consequências da guerra, como a destruição e a morte. Ao refletir sobre esse impacto como uma “aflição mental” (p.285) Freud (1915/1996n4) propõe analisá-la a partir da desilusão que a guerra provoca e da atitude diante da morte. Ao tratar da desilusão provocada pela guerra, Freud (1915/1996n4) parte da concepção de que a civilização, expressa pela vida em comunidade, pelas criações culturais e artísticas dos homens e pela obediência ao Estado e as leis, não constitui uma garantia para que esse mesmo homem deixe de suprimir as suas paixões e cometa atos de crueldade e de barbárie. A civilização nos diz Freud (1915/1996n4), é uma ilusão. Sobre a desilusão do homem diante dos efeitos da guerra, afirma:

Há, contudo, algo a ser dito como crítica a seu desapontamento. Rigorosamente falando, este não se justifica, pois consiste na destruição de uma ilusão. Acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela. (Freud 1915/1996n4 p.290)

Diante dessa situação, Freud (1915/1996n4) afirma que o sujeito sente-se desamparado frente ao enfraquecimento da lei, expresso pela baixa moralidade do Estado, e pela brutalidade de indivíduos considerados civilizados. De acordo com o autor, a aflição mental da qual o homem sofre, diante dessas situações, está associada à constatação de que por trás de toda a civilidade humana persiste algo que não pode ser erradicado completamente e que diz respeito às pulsões que são “de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primeiras” (p.290). As pulsões, nos adverte Freud (1915/1996n1), não são em si mesmas boas ou más, elas impõem exigência de satisfação. A maneira como a satisfação irá se expressar é que pode ser tomada por uma sociedade como condenável. Assim, mesmo as expressões consideradas cruéis e egoísticas em uma sociedade, dizem sobre a sua natureza primitiva, semelhante em todos os homens. O homem, frente à crueldade do outro, se vê defrontado com o retorno de algo há muito renunciado, uma parte de sua sexualidade que foi interdita para que fosse possível a convivência com os outros homens. É diante desse retorno que ele se angustia.

Seguindo esse caminho, outra questão nos é imposta: de que se trata o sofrimento diante da morte do outro a quem nem mesmo conhecemos? Sobre a morte, Freud (1915/1996n4) adverte:

De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso, a escola psicanalítica pode aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria

morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade. (Freud 1915/1996n4, p.299)

Neste texto, Freud (1915/1996n4) diz que o inconsciente não crê na morte, pois ele desconhece tudo o que é negativo, e a morte só pode ter um conteúdo negativo. O autor postula que a atitude do inconsciente diante da morte pode ser equiparada a do homem primevo. Ao mesmo tempo em que deseja a morte do inimigo, opõe-se a ideia de sua própria morte, colocando em jogo a ambivalência. O homem primevo, nos diz Freud (1915/1996n4), existe inalterado no inconsciente. Assim, de acordo com Freud (1916/1996o2), o homem diante da morte do outro é confrontado com a transitoriedade da vida, fato que ele busca negar, mas que, quando a morte acontece com muitas pessoas de uma única vez, é forçado a acreditar. Labaki (2001) assevera que quando o homem perde a ilusão de sua imortalidade, a impossibilidade de representação da morte deixa livre o afeto na forma de angústia. Seguindo a autora, podemos pensar que a comoção diante da morte do outro expressa a reação do sujeito a partir do excesso que invade o seu psiquismo, é também frente ao seu próprio desamparo que ele se comove. É nessa perspectiva que pensamos a ação solidária como uma ajuda mútua, pois ela estaria a serviço tanto de quem recebe a ajuda quanto de quem se propõe a ajudar. Mas se até aqui tratamos do que poderia comover ou mobilizar o sujeito a ajudar o outro, resta saber por que essa comoção poderia resultar em uma ação solidária. Em que consiste esta ajuda?

Como já discurremos anteriormente, diante de uma excitação intensa, o aparelho psíquico irá se mobilizar na tentativa de fazer escoar esse excesso, pelo caminho da satisfação guiado pelo princípio de prazer. O termo excitação nos leva à pulsão. Nos primeiros parágrafos do item IV do texto *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1996w), diz sobre a maneira penosa e cautelosa como o conceito progrediu dentro do corpo teórico desenvolvido por ele, e não é por acaso que logo na sequência ele discorre sobre o dualismo pulsional, característica sobre a qual ele nunca recuou, embora tenha se modificado ao longo de sua obra. Freud (1930/1996w) retoma o dualismo no texto *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/1996s), onde desenvolve a ideia da pulsão de morte relacionada à tentativa de dissolução das ligações, conduzindo o organismo ao seu estado primário e inorgânico, concorrendo com a pulsão de vida, que busca conservar a vida através de suas ligações. A pulsão de vida/ Eros, nos diz Freud (1930/1996w), se manifesta de forma ruidosa, o que as tornam visíveis. O mesmo não acontece com a pulsão de morte/ Tanatos, que é em si mesma silenciosa. Somente quando está a serviço de Eros, e é desviada para o mundo externo, se

torna ruidosa na forma de agressividade. Sobre a manifestação das pulsões, Freud (1930/1996w) afirma que: “(...) os dois instintos [pulsões] raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para o nosso julgamento” (Freud, 1930/1996w, p.123). O autor utiliza o par de opostos entre o sadismo/masoquismo para discorrer sobre esse modo de apresentação da pulsão. No sadismo, como componente da sexualidade, o amor e a destrutividade estão vinculados e são dirigidos ao objeto externo. No seu oposto, o masoquismo, podemos encontrar estes mesmos componentes, só que inversamente dirigidos. Em qualquer dos dois modos de apresentação, Freud (1930/1996w) afirma existir uma satisfação narcísica, e ele conclui que a tendência à agressividade é uma disposição pulsional que está desde a origem e é o maior impedimento para a civilização. Para Freud (1930/1996w), em favor da vida em comunidade, o homem restringe a sua agressividade, internalizando-a e a dirigindo ao seu próprio ego, essa agressividade internalizada é assumida pelo superego. Como resultado desse processo, teríamos o que vem a se constituir o sentimento de culpa, como uma manifestação da tensão entre a severidade do superego e o ego. O sentimento de culpa, segundo Freud (1930/1996w), surge em função do desamparo como medo de perda de amor do superego. Para não sucumbir à severidade do superego, o ego busca investir em objetos narcisicamente idealizados. Essa ideia se sustenta pela afirmação de Freud (1914/1996m) de que, por trás de toda relação de objeto existe uma relação narcisista, ou seja, a libido narcisista original será deslocada para o objeto, se transformando em libido de objeto, em busca de um ideal de eu. Dessa forma sustentamos que, frente a situações acima descritas, o ego busca recuperar o amor do superego e, consideramos que a solidariedade, por se tratar de uma ação socialmente valorizada, pode se constituir como uma via para que o sujeito possa reagir contra impulsos hostis.

Embora na obra freudiana a solidariedade não apareça como um conceito, ela é utilizada em alguns textos, dos quais vamos nos valer para abordar os pontos tratados até aqui. Lembramos o leitor que a busca pelo termo dentro da referida obra foi realizada a partir das *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, com tradução de Jayme Salomão e publicadas pela editora Imago. Assim, temos que em algumas citações, o termo solidariedade é utilizado como referência a ideia de um ideal, como uma característica associada à bondade dirigida às pessoas que demonstram sofrimento, como por exemplo, na descrição do *Caso 1 Anna O*. Freud & Breuer (1893/1996a2, p.57), também em duas passagens da descrição do *Caso 2 Elizabeth Von R* Freud (1893/1996a3, p.169).

No texto *Totem e Tabu* a solidariedade é referenciada ao laço constituído pela relação de parentesco, que para o autor “implica a participação em uma coisa comum” (Freud 1913/1996l p.139). Ou seja, a relação inviolável do parentesco é constituída pela participação naquilo que, de acordo com a psicanálise, é comum a todos os homens. Tratar-se-ia das implicações de sua constituição psíquica, como descrevemos mais acima, e de seu desamparo. Em outra passagem desse mesmo texto, Freud (1913/1996l) faz uma referência sobre a solidariedade, compreendida em sua relação com a possibilidade da constituição de laços sociais, e da vida em comunidade, a partir da renúncia pulsional. Assim, nos diz Freud (1913/1996l), o mandamento “não matarás” tem como objetivo fundar uma proibição (uma renúncia pulsional), na busca de uma garantia para que a hostilidade, como uma disposição pulsional, não seja dirigida ao mundo externo, e assim o sujeito não tenha o mesmo destino do pai da horda primeva. Mas, essa renúncia não é sem custo, pois como já discorremos anteriormente, dela se deriva o sentimento de culpa. Mais uma vez, também nesta passagem, Freud (1913/1996l) nos conduz a ideia de que se alguma renúncia pulsional é possível, é porque os homens partilham algo em comum, que está em sua própria pré-história (na base de sua constituição psíquica), como a refeição totêmica. Ainda no texto *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*, Freud (1916/1996o1) utiliza a palavra solidariedade para dizer sobre um sentimento que faz com que o indivíduo possa demonstrar simpatia para com o outro, pois seguindo o autor, mesmo diante de um vilão, nós podemos nos identificar com algo que encontramos em nós mesmo, pois “todos exigimos reparação por antigos ferimentos ao nosso narcisismo, ao nosso amor-próprio” (Freud, 1916/1996o1 p.329).

A solidariedade pode ser expressa através de um ato, o qual denominamos de ato solidário, que pode ser tanto individual como coletivo. A partir das observações realizadas por Freud (1917/1996p2) da análise de pacientes neuróticos, temos que os atos são manifestações sintomáticas. Neles temos a presença do sujeito, pois comporta a expressão dos desejos inconscientes. A solidariedade aparece, nesse sentido, no texto *Totem e Tabu*, referida a um sentimento coletivo que mobiliza a ação.

Somente quando a violação de um tabu não é automaticamente vingada na pessoa do transgressor é que surge entre os selvagens um sentimento coletivo de que todos eles estão ameaçados pelo ultraje; e em seguida, apressam-se em efetuar eles próprios a punição omitida. Não há dificuldade em explicar o mecanismo desta solidariedade. (...) Se uma só pessoa consegue gratificar o desejo reprimido, o mesmo desejo está fadado a ser despertado em todos os outros membros da comunidade. (...) o castigo, não raramente, proporcionará àqueles que o executam uma oportunidade de cometer o mesmo ultraje, sob a aparência de um ato de expiação (Freud, 1913/1996l p.83-84)

No texto *Mal estar na civilização*, Freud (1930/1996w) afirma que o próximo pode ser investido como objeto de satisfação pulsional. A solidariedade, tal como estamos analisando nesse trabalho, se aproxima desta situação. É ao outro que o investimento libidinal se dirige, e como já discurremos, o outro é tomado como objeto idealizado, pois a posição que ele ocupa - como aquele que sofre - é que garante a beleza do ato de quem ajuda. Ou seja, o ato solidário é valorizado socialmente, pois se dirige a alguém que também é reconhecido socialmente como sofredor. Mas em termos psíquicos - que é o que nos interessa - como esse investimento pode se constituir em uma ajuda? De que maneira essa ligação amorosa pode se constituir em ajuda mútua? Acreditamos que este auxílio só se efetiva quando existe a possibilidade, daquele que é tomado como sofredor, cair desse lugar de objeto idealizado. Destituindo quem presta auxílio de uma posição narcísica de saber, ou definir, o bem para o outro.

Nessa perspectiva entendemos que o termo solidariedade é utilizado em alguns dos textos freudianos, vejamos como. No texto *A psicoterapia da histeria* (Freud, 1893/1996a3, p.280), Freud trata da *solidariedade humana* como um sentimento que deve ser despertado no médico para que ele consiga tratar de um paciente. Sobre a relação médico e paciente, Freud (1912/1996k1) afirma que a *solidariedade humana* deve estar presente quando um médico atende um paciente em tratamento analítico, mas que esse sentimento não pode trabalhar a favor unicamente de um ideal narcísico, como uma ambição terapêutica de produzir um efeito de convencimento sobre o paciente. Nesse sentido o autor alerta para o engodo presente em tal objetivo. Pois, ao invés de se constituir como auxílio para o tratamento, pode fazer surgir resistências por parte do paciente. Para Freud (1912/1996k1) é preciso que exista uma frieza emocional no analista, pois “ela cria condições mais vantajosas para ambas as partes: para o médico, uma proteção desejável para sua própria vida emocional, e, para o paciente, o maior auxílio que lhe podemos dar” (Freud 1912/1996k1 p.129). Esse trecho é exemplar para o que definimos a pouco como ajuda mútua na solidariedade, pois, de acordo com Freud (1912/1996k1), para que a ajuda seja possível é preciso que haja um investimento libidinal dirigido aquele que sofre – expresso pelo autor como solidariedade humana – mas, é também necessário uma “frieza emocional”. Entendemos por esse termo que é necessário que o objeto caia desse lugar idealizado para que a ajuda mútua aconteça.

Pelo exposto até aqui, argumentamos que uma situação de desastre pode fazer irromper aspectos traumáticos, tanto para as suas vítimas diretas quanto para aqueles que prestam auxílio através do ato solidário. Nessas situações, o psiquismo é exigido a trabalhar para reconstruir as representações que formam a malha psíquica. Para que, essa ação resulte

na possibilidade dos sujeitos continuarem se movimentando pela vida, é importante que eles possam se valer de sua capacidade desejante. Essa capacidade desejante, surge originalmente pela inscrição da falta primordial, que irá impulsionar o sujeito na busca de objetos supostos de satisfação. Assim, temos que para as vítimas diretas, o investimento libidinal do outro será importante, para que elas possam restabelecer a confiança narcísica, abalada pelas perdas que foram ocasionadas pela vivência traumática. Para que esse investimento seja possível, a partir do outro, é necessário que as vítimas sejam tomadas como objetos idealizados, como discutiremos mais acima. Mas entendemos que é necessário que elas possam cair desse lugar, pois, se isso não se torna possível elas poderiam sucumbir à situação, tal qual descrita por Cruglack (2011), em que o eu “(...) em torpor inibitório jaz como objeto” (Cruglack, 2011 p.14). Cair desse lugar idealizado seria sustentar a alteridade, que foi inscrita nos tempos de constituição psíquica, permitindo a mobilidade do sujeito a partir de sua posição desejante.

Para os que prestaram auxílio, pelo ato solidário, investir libidinalmente no outro que está em uma posição de vítima e sofredor, é uma forma de satisfação pulsional. Porém pensamos que abrir mão de uma posição narcísica, de saber ou definir o bem para o outro, é continuar investindo, abdicando do objeto, sem abdicar de seu desejo. É a partir dessa perspectiva, da solidariedade como uma ajuda mútua, que iremos realizar, no próximo capítulo, a análise de como, diante do traumático, as relações humanas, estabelecidas no ato solidário, podem auxiliar na elaboração do trauma. Tal será feito a partir da referência do desastre ocorrido com o Incêndio do Gran Circo Norte Americano, em 17 de dezembro de 1961, na cidade de Niterói/RJ, pela relação que esse desastre possui com os temas trabalhados até aqui.

#### 4. DA TRISTEZA DO DESASTRE À AJUDA DA SOLIDARIEDADE

*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*  
Carlos Drummond de Andrade (2002, p.252)

Neste capítulo, iremos analisar como, a partir de uma situação de desastre, é possível articular os conceitos teóricos trabalhados até então a respeito do trauma e do ato solidário, como relação humana capaz de auxiliar em sua elaboração. Para tanto, como já discorrido, tomamos como base o incêndio do Gran Circo Norte Americano, ocorrido em 17 de dezembro de 1961. Este pode ser considerado como um acontecimento, tal qual descrito por Freud (1920/1996s), como potencialmente traumático para as suas vítimas. Sabemos a partir de Freud (1920/1996s) que, quando se trata do psiquismo, o fator traumático não se encontra nos fatores externos, mas nas consequências que estes podem acarretar para a economia psíquica. Assim, iniciaremos por explicitar como essa vivência pode ter acarretado tais consequências para as suas vítimas e destacaremos os aspectos que podem ser articulados com a ideia de trauma como uma ferida narcísica a partir das perdas vivenciadas pelos indivíduos que foram afetados pelo desastre.

Diante do sofrimento, Freud (1930/1996w) nos diz que o homem pode proteger-se no isolamento, mas assevera que é na capacidade de amar que o homem pode encontrar amparo para não adoecer. Partindo dessa ideia e da articulação realizada entre o conceito de solidariedade com a teoria freudiana, vamos analisar como a relação estabelecida através do ato solidário poderia se constituir como uma ajuda mútua na elaboração dos aspectos traumáticos decorrentes do desastre. Embora não se possa afirmar que a ação solidária tenha auxiliado na elaboração dos possíveis traumas psíquicos dos indivíduos envolvidos no desastre, ao que tudo indica, ela foi importante.

##### 4.1 Uma situação potencialmente traumática

Tomando como base de nossa análise o Incêndio do Gran Circo Norte Americano iniciamos por destacar o seu caráter repentino. Como descreve Ventura (2011), o incêndio ocorreu durante a matinê de um domingo de intenso calor na cidade de Niterói, ocasião em que famílias inteiras e grupos de amigos buscavam encontrar no circo uma alternativa para seu divertimento. Um espetáculo circense, embora pudesse, naquela época, exibir números

com animais perigosos, como leões, elefantes, etc... não era considerado pelas pessoas um local potencialmente perigoso. Ventura (2001) relata que, mesmo sendo proibida pelo Juizado de Menores a entrada de crianças menores de cinco anos, muitos corpos de bebês foram encontrados. Fato que atesta que nem mesmo os pais consideravam o circo como local perigoso para seus filhos.

Cerca de duas horas após o início do espetáculo, quase já em seu final, o alarme sobre o incêndio foi dado pela trapezista, que notou o fogo começando a se alastrar rapidamente pela lona a cerca de três metros do chão. A lona do circo, feita de algodão e revestida de resina, bem como a madeira das arquibancadas e a serralagem que revestia o chão, contribuíram para que o fogo e a fumaça se espalhassem com bastante rapidez e, em dez minutos, estava tudo queimado (Ventura, 2011). Após terem se passado cinquenta anos, as imagens e as sensações daquele momento permanecem vividas para alguns sobreviventes, que as relatam destacando o desespero na tentativa de salvar as suas vidas e de seus amigos e parentes. Além dos danos causados pelo fogo, outros fatores contribuíram para que o desastre ganhasse proporção. Uma delas foi o fato de que, durante a fuga, a elefanta Semba acabou pisoteando algumas pessoas. Outra, de acordo com Ventura (2011), foi a decisão tomada por um dos funcionários do circo, o domador, que na tentativa de livrar as pessoas da lona incandescente, soltou as amarras que sustentavam os mastros centrais, o que fez com que a lona caísse por completo em direção a saída principal, atingindo as pessoas que tentavam escapar. Destacamos a seguir o relato das lembranças desse momento, de alguns dos personagens que utilizamos nessa pesquisa.

Lenir afirma que, logo que ouviu o grito de fogo, viu as chamas, que pareciam raios. Diz que até hoje quando vê um raio lembra-se daquela cena. No momento em que o incêndio inicia, ela segurando o seu filho nos braços, e o marido que está com a filha, tentam correr e acabam se separando. A última coisa que lembra ouvir dele é um grito “Lenir, meu amor”. (Globo, 2006). De acordo com Ventura (2011), no instante em que o alarme do incêndio foi dado, Marlene tenta sair pela entrada principal. Nesse momento diz que escutou o grito de sua mãe e até hoje não esquece a expressão de horror em seu rosto. Ela tenta voltar para buscá-la, mas é empurrada e cai sobre outras pessoas. Maria José, fazendo referência ao filme incêndio na torre, diz que foi o inferno na lona, e afirma: “eu classifico como inferno na lona, debaixo dela né, uma coisa horrorosa uma sensação horrível” (Globo, 2006). Ela, com nove anos na época, conseguiu escapar pelo buraco aberto na lona do circo pela elefanta Semba, não sem antes presenciar algumas pessoas sendo pisoteadas pelo animal e ter sentido muito medo de ter o mesmo destino (Ventura, 2011). Luiz Gomes da Silva estava no circo com a noiva

Eneida e a sobrinha dela, Sandra, de onze anos. Ele afirma que não gostava de circo, mas foi motivado pelo espetáculo. As entradas, enfatiza, conseguiu depois de três tentativas. Quando o incêndio começou, ele agarrou Eneida e Sandra e foi arrastado para fora pela multidão, perdendo-se delas. Já do lado de fora, percebendo a ausência das duas, volta na tentativa de resgatá-las. Ele relata emocionado: “eu tinha que pegar a minha noiva e a criança, eu não tinha outra saída, agora não me pergunte assim porque, porque eu não sei dar explicações, eu voltei” (Globo, 2006). Porém, Luiz Gomes ficou enroscado por um cabo de aço em outras pessoas e teve o corpo todo queimado. Ficou sabendo depois que tanto Eneida quanto Sandra morreram, e só foram reconhecidas pela arcada dentária (Ventura, 2011).

Como afirmamos anteriormente, o que caracteriza as cenas acima descritas é o seu caráter repentino, ou seja, a falta de preparo a fim de que os sujeitos pudessem ter algum tipo de resposta defensiva. Mas devemos lembrar que, o que nos interessa não é somente as consequências, físicas e materiais do desastre, mas os efeitos psíquicos ocasionados por elas. Assim, quando estamos tratando da falta de preparo, não estamos nos referindo somente à possibilidade de se proteger fisicamente, mas também das defesas psíquicas. Muitas pessoas conseguiram proteger-se fisicamente e saíram sem ferimentos. Nem todos que estavam no circo morreram ou sofreram queimaduras, mas nem por isso esses sujeitos deixaram de ser afetados psiquicamente pelo ocorrido. Vale lembrar também das pessoas que nem mesmo estavam dentro do circo, e que chegaram logo após o incêndio e ajudaram a socorrer as vítimas. Esse é o caso de Waldenir Bragança, ex-prefeito de Niterói. Ele relata emocionado que, ao chegar ao local do incêndio, encontrou pessoas amigas e procurava ajudar aquelas que gritavam. Waldenir diz: “... queimados alguns com mais de dois terços de queimadura transformado totalmente o cabelo o rosto todo queimado os lábios, sem as mãos, quer dizer uma cena que só em recordar, já tem quarenta anos [chora], pessoas amigas”. (Globo, 2006)

O que desestabiliza o sujeito diante da aniquilação do corpo e da morte? Como já asseveramos anteriormente, para Freud (1915/1996n4), o homem não crê na sua morte. Diante da morte do outro, é a sua própria vida que sente ameaçada. A não possibilidade de representação da morte deixa livre o afeto na forma de angústia automática. Como consequência, a excitação excessiva que invade o psiquismo faz com que o sujeito sinta-se desamparado, pois não consegue mobilizar as defesas psíquicas que possam protegê-lo. A paraexcitação, o escudo protetor, de acordo com Freud (1920/1996s), não consegue conter esse excesso. Como afirma Monzani (1989), essa é uma situação em que não houve a possibilidade do sujeito lançar mão da angústia sinal na mobilização das defesas psíquicas.

#### 4.2 O corpo queimado e o apagamento das diferenças

Tão logo o fogo fez as primeiras vítimas começou o trabalho de socorrê-las. Tarefa que foi afetada pela falta de estrutura dos hospitais e pela quantidade de pessoas feridas e mortas. Devido à dimensão do desastre, não havia número suficiente de ambulâncias para o socorro e as vítimas eram encaminhadas aos hospitais por pessoas que se prontificaram a ajudar. Assim, foram utilizados desde veículos de passeio até caminhões. Na confusão, muitos sobreviventes foram encaminhados, sem nenhuma identificação, para locais diferentes de seus parentes e amigos, o que dificultou a sua posterior localização.

Uma das dificuldades encontradas foi o reconhecimento das vítimas, pois, segundo Ventura (2001), o fogo apagou as diferenças. As pessoas chegavam aos hospitais “disformes, com os copos cobertos de uma mistura fina de carvão e terra” (Ventura 2001, p.136). Muitos sobreviventes só foram reconhecidos pela voz, foi o que aconteceu com Marlene. Sua sogra não conseguiu identificar a mulher que teve boa parte do corpo atingida, com orelhas, pé, pernas e cabeça queimados. Desfigurada, Marlene ficou um mês sem enxergar devido ao inchaço de sua cabeça que, como descreve Ventura (2011), ficou da largura de seu ombro. Lenir foi outro caso desses, sua mãe também só conseguiu reconhecê-la pela voz. Ela estava com a “cabeça colada no ombro direito, perdera a orelha direita, e o rosto inchado exibia a marca de sapato de quando caiu e foi pisoteada” (Ventura, 2011 p.160). Uma das únicas partes de seu corpo que não estava queimada era o pedaço do braço onde o seu filho havia permanecido recostado. Já Luiz Gomes estava tão queimado que não era possível saber qual era a sua cor.

Não podemos desconsiderar o valor traumático do atravessamento do corpo em uma situação como a descrita acima. Pois, para a psicanálise, o corpo é tanto somático quanto psíquico. Seguindo Freud (1914/1996m), temos que a ideia de um corpo próprio, como uma imagem corporal total, está entrelaçada à emergência do ego. De acordo com o autor, é a partir dos efeitos dos investimentos libidinais, que tomam o corpo como objeto, que o ego emerge. Entendemos que é dessa perspectiva que Freud (1923/1996u1) afirma sobre o ego “.. que ele é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (p.39). Consideramos que em uma vivência como essa, o corpo queimado metaforiza a injúria narcísica, uma situação em que o ego se encontra transtornado pelas representações rompidas.

Se os sobreviventes podiam ser reconhecidos pela voz, para os mortos a situação era ainda mais complicada. Os primos de Maria José, Tiago e Bruno, só foram reconhecidos pelo pai pelas medalhinhas que carregavam penduradas em um cordão de ouro. O próprio pai, que

era ourives, havia confeccionado as medalhas de santo e gravado, em um dos lados, o nome dos filhos. Também foi pela medalha de ônix que havia ganhado de sua esposa, que o comerciante Augusto Cezar Vieira foi identificado (Ventura, 2011). Muitos foram os casos em que os objetos eram a única possibilidade de distinção das diferenças. Dentre esses está o de Ivete, que foi reconhecida pela roupa, assim como os filhos de Lenir, e dos alunos de um colégio que foram identificados porque estavam usando o uniforme de educação física com o nome bordado. Wilson, marido de Lenir, foi identificado pela aliança com a inscrição do nome de sua esposa. Carlos Alberto Vaz Porto tinha quatorze anos e o reconhecimento de seu corpo só foi possível, pois seu irmão, Ricardo, lembrava-se dos objetos que ele carregava no bolso: uma nota de cinquenta cruzeiros, uma propaganda de uma máquina de retratos Capsa e uma cordinha (Ventura, 2011). Não é sem importância que a possibilidade de identificação de muitos dos corpos disformes fosse através dos objetos que essas vítimas carregam consigo. O fogo destruiu as diferenças somáticas, porém não conseguiu anular as marcas do que caracteriza a identificação psíquica. Os objetos despojados de qualquer valor de utilidade revelaram a sua importância como objetos narcísicos, pois podemos pensar: qual a importância que uma cordinha poderia ter, para que estivesse guardada no bolso de um menino de quatorze anos?

#### 4.3 As perdas do corpo e da alma

As perdas, como podemos perceber, foram muitas e múltiplas. Ventura (2011) relata que “de uma hora para outra, casas se esvaziaram, roupas ficaram sem uso, brinquedos perderam sua função. Filhos tornaram-se órfãos, pais viram interrompida a ordem natural das coisas, maridos e mulheres enviuvaram, famílias inteiras foram tragadas” (p.86). Para muitos, estas perdas se refletem nas partes do corpo que foram atingidas, nas pessoas amadas que foram perdidas, bem como nos laços que não só davam sentido à vida, como eram constitutivos de suas identidades. Temos os exemplos de Lenir e Marlene, que já não eram mais mães e esposas. Lenir, além de perder seus dois filhos, estava grávida. No hospital teve um aborto espontâneo e ficou sabendo pelo médico que se tratava de gêmeos. Luiz Gomes já não era mais marítimo, pois foi demitido do estaleiro por “trauma hospitalar” (Ventura, 2011 – Soalheiro et al, 2012).

Mas as perdas não foram só para aqueles que sobreviveram ao incêndio, como também para os seus parentes. Se Lenir e Marlene já não eram mais mães, elas continuaram sendo filhas, assim como Luiz Gomes. De acordo com Ventura (2011), os pais de Luiz Gomes

percorreram os vários hospitais e o necrotério à sua procura antes de encontrá-lo no Hospital dos Marítimos. Foi Severino, seu pai, que reconheceu o rosto do filho, a mãe, Maria Cordeiro ao vê-lo desmaiou. A mãe de Lenir, Maria Benigna, ao ser levada até ela no leito do hospital, recusou-se a aceitar que aquela era a sua filha. Foi só quando Lenir disse “mamãe” que ela pode então identificá-la pela voz e exclamou: “Nossa senhora! É ela mesma” (Ventura, 2011 p.160). Para esses pais foi preciso continuar amando para além das idealizações sustentadas pelas imagens de seus filhos, o que implica em abandonar antigas representações, pois nessas condições, o confronto com o real impõe ao sujeito buscar entender em que lhe é importante aquele para o qual seu amor é dirigido, ressignificando os laços.

Marlene perdeu o marido, a filha adotiva de dois anos, e sua mãe. Grávida de quase quatro meses, depois de dois meses de internamento, precisou suportar a realização dos procedimentos no hospital sem anestesia para não prejudicar a criança. Os dedos de sua mão necrosaram e foram amputados. Cinco meses após o incêndio, ainda internada, deu a luz à Aline, que nasceu com microcefalia. Como descreve Ventura (2011), “seu cérebro era menor que o normal, causando atraso mental e comprometimento motor. Não é possível determinar se a causa foi a radiografia feita meses antes, as anestésias, os remédios que vinha tomando ou o próprio trauma do incêndio” (p.148). Freud (1914/1996m) nos diz que, os pais experimentam com os filhos a revivescência de seu próprio narcisismo, seguindo a ideia do autor pensamos que para Marlene, as sequelas da filha, supostamente causadas pelo incêndio, tenha sido vívida como mais uma ferida narcísica.

Várias são as perdas que abalam o narcisismo, e concomitantemente à perda do objeto se inscreve também uma falha na imagem que o sujeito tem de si, como um prejuízo no que o sustenta imaginariamente a posição de objeto do amor do outro. É preciso que ele possa, além de elaborar a perda, recuperar a confiança narcísica para continuar conduzindo a sua vida. Os objetos investidos narcisicamente engrandecem o ego. Quando acontece a perda do objeto ocorre o rompimento das representações que foram construídas em torno dele. Temos então uma situação tal qual descrita por Freud (1923/1996u1), em que o ego abandona em grande parte os investimentos narcísicos e, em decorrência disso, teme perder o amor do superego e de ser punido por ele. Processo que Freud (1930/1996w) relaciona ao sentimento de culpa. Sobre isso destacamos o depoimento de uma sobrevivente do incêndio, Márcia Martins, que tinha na época oito anos e perdeu o avô e o pai. Ela afirma que: "Quando você sobrevive a uma tragédia como essas há muita culpa e incerteza" (BBC, 2013). Freud (1930/1996w) adverte que uma das formas de não sucumbir à severidade do superego é a busca que o ego faz de investir em objetos narcisicamente idealizados. Sobre esse fato, o depoimento de

Márcia Martins é exemplar. Ela afirma que quando o seu primeiro filho nasceu, chorou muito e sentiu que depois de tantos anos de dor, “se via diante de uma enorme - e enfim permitida – alegria” (BBC, 2013).

Não é só o corpo que se encontra fragilizado. Sobre isso, Márcia Martins adverte: “Qualquer um que não morreu naquele lugar, que sobreviveu a uma tragédia, vai ter uma marca, que não é aparente, mas que precisa ser tratada também” (BBC, 2013). A marca, nos diz ela, diz respeito a como o “horror da tragédia” afetou também aqueles que não foram feridos no corpo. É também a capacidade do sujeito de elaborar o transtorno psíquico, decorrente de uma vivência como essa, que se encontra fragilizada. Sobre isso, ela enfatiza: “Pode ser que uma pessoa tenha recursos internos para enfrentar sem a ajuda de um profissional (psicólogo). Eu acho difícil” (BBC, 2013). Esse aspecto ressalta a importância que o outro pode ter no auxílio para a elaboração de tais perdas, é sobre isso que vamos discutir no próximo tópico.

#### 4.4 O tratamento e a solidariedade

Tão logo as pessoas foram sendo retiradas do local do incêndio elas eram encaminhadas aos hospitais da cidade. De acordo com Ventura (2011), um fato agravou a situação: o Hospital Municipal Antônio Pedro, um dos principais da cidade, estava fechado em virtude de uma greve na qual os estudantes de medicina reivindicavam melhores condições de trabalho. Mesmo sem ter todas as condições necessárias para o atendimento das vítimas, ele foi reaberto. Devido à proporção do desastre outros hospitais da região também receberam os feridos. A grande mobilização para a ajuda, que se iniciou ainda no local do incêndio, se estendeu também aos hospitais. Esse é um aspecto enfatizado quando se destaca a solidariedade envolvida nesse desastre (Knauss, 2007; Ventura, 2011). Retomamos aqui a questão: pela perspectiva da psicanálise como podemos compreender essa mobilização?

Esse desastre seria uma situação tal qual discurremos anteriormente, em que o sujeito, diante da morte de muitas pessoas, é forçado a se confrontar com a sua própria mortalidade. Assim como asseverado por Labaki (2001), a impossibilidade de representação da morte deixa livre o afeto na forma de angústia, aportando ao psiquismo um excesso de excitação a ser elaborada. Este caráter afetivo excessivamente intenso coloca o sujeito em uma condição de desamparo, frente ao qual ele se mobiliza. Entendemos que a ação, por comportar a presença do sujeito do inconsciente (Freud, 1917/1996p2), é uma via para a tentativa de elaboração do excesso de excitação a pouco descrito. Ventura (2011) relata que o pediatra

Israel Figueiredo, após reconhecer o corpo da filha de quatro anos, “não se permitiu” (p.117) ficar junto dela, seguiu para o hospital e atendeu um ferido atrás do outro, e acrescenta: “transformou a dor em ação” (p.117). Porém, ressaltamos que uma mesma situação pode ter efeitos psíquicos diversos para os sujeitos que são afetados por ela, o que é atestado pelas diferentes formas como as pessoas se envolveram. Assim, não é sem importância, por exemplo, que em um primeiro momento, a mobilização tenha sido mais intensa, envolvendo muitas pessoas, que aos poucos foram se distanciando (Ventura, 2011).

O médico Romeu Marra presenciou o incêndio do lado de fora do circo, pois estava na fila aguardando a próxima sessão. Ajudou a socorrer as pessoas ainda no local do incêndio e depois prosseguiu para o hospital de onde saiu três dias depois, quando só então “abaixou a cabeça e chorou” (Ventura, 2011 p.67). Nilson era estudante de medicina e fazia plantão no hospital de São Gonçalo. Na saída de seu turno foi informado sobre o incêndio e relata que, antes mesmo de chegar ao local, já sentia “o cheiro de carne queimada” (Ventura, 2011 p.68), fato que lhe embrulhou o estômago. Seu colega não conseguiu conter uma crise de choro. Ainda de acordo com Ventura (2011), muitos estudantes de medicina desmaiavam ao verem a retirada dos curativos.

Ventura (2011) relata que com a grande quantidade de pessoas chegando aos hospitais e com o elevado número de mortes, os médicos precisavam decidir qual critério iriam utilizar para priorizar os atendimentos. Um dos critérios recomendados era a classificação pela extensão e profundidade das queimaduras, priorizando aqueles que teriam mais chance de sobreviver. Porém, muitos pacientes que chegaram ao hospital, sem queimaduras aparentes, morreram dias depois, pois o seu aparelho respiratório havia sido lesionado. Diante de tanto sofrimento, médicos como Ronaldo Pontes e Carlos Caldas, não obedeciam ao critério lógico de classificação dos pacientes, pois, como descreve Ventura (2011), não conseguiam deixar de atender primeiro os casos mais graves. O elevado número de mortes ocorridas nos primeiros dias, acrescentado à previsão de que somente vinte por cento dos pacientes teriam chances de sobreviver em função da gravidade dos ferimentos, levava alguns médicos a levantar dúvidas sobre a possibilidade de ajuda. Ventura (2011) afirma que um deles chegou a questionar se todo o esforço que estava sendo feito era correto, pois pensava em como as pessoas iriam conseguir continuar vivendo com tantas sequelas e perdas.

Por outro lado, para os feridos, o tratamento foi um processo longo e doloroso. Luiz Gomes enfrentou vinte e oito cirurgias ao longo de dois anos e meio. Devido à extensão das queimaduras em seu corpo, chegou a tomar anestesia no dorso do pé. O seu braço esquerdo necrosou o que ocasionava dores intensas que o deixavam desorientado (Ventura, 2011). Os

curativos eram feitos nos feridos de duas a três vezes por semana. Marlene sentia dores terríveis quando os curativos semanais eram realizados sem anestesia em função de sua gravidez. Após receber enxerto de pele, foram as coceiras que passaram a ser intoleráveis (Ventura, 2011). Ela permaneceu sete meses no hospital, dos quais cinco imobilizada, com o corpo todo enfaixado. Sobre essa época, Ventura (2011) afirma que ela “tinha dificuldades para dormir. Quando fechava os olhos, era como se estivesse caindo num buraco negro” (p.148).

Guerrero (2008) afirma que no tratamento de pacientes queimados é comum que, diante da dor causada pelos procedimentos, surjam fantasias, por parte dos pacientes, de “estar sendo torturado”, de “estar sendo esfolado” de “não estar sendo bem atendido, por negligência ou incapacidade” ou de “estar morrendo” (p.36). O autor afirma ainda: “A passagem entre o sentir que ‘se está sendo curado com os melhores cuidados ainda que dolorosos’ e o sentir que ‘se está sendo objeto de uma intervenção descuidada ou sádica’ é muito fácil de acontecer” (Guerrero, 2008 p. 36). Assim, temos que o tratamento do corpo pode colocar os sujeitos em uma experiência que reedita a situação do desastre. Sobre o cuidado de pacientes queimados, Ferreira e Luiz (2002) afirmam que a equipe formada, tanto por médicos, quanto enfermeiros, “experimenta um sentimento de impotência para enfrentar toda essa dor. Como não se sente preparada para cuidar dos pacientes, sofre uma pressão psicológica na qual se misturam ansiedade, preconceitos, impaciência e rejeição, fazendo com que se afaste deles” (p.128). Assim, temos que, quando os sofrimentos se misturam e as diferenças se esvanecem, o afastamento parece ser uma forma de proteção. Como consequência, Ferreira e Luiz (2002) acrescentam que “a interação entre a equipe e o paciente fica prejudicada, o que se verifica na maneira automática e fria de executar os procedimentos de enfermagem” (p.128). Ventura (2011) relata que para alguns médicos, a distância emocional era considerada como um fator importante para manter equilíbrio e o foco no aspecto técnico. Retomamos aqui a afirmação de Freud (1914/1996m) de que o afastamento pode parecer uma forma de proteção para não sofrer, porém não sem causar prejuízo, pois é na capacidade de amar que o homem pode encontrar amparo para não sucumbir ao sofrimento psíquico. É nesse sentido que pensamos a solidariedade como auxiliadora, vejamos como.

Com relação à ajuda médica alguns nomes são lembrados até hoje, como é o caso do cirurgião plástico Jacy Conti Alvarenga. Ele já tinha experiência no atendimento de queimados e chegou ao hospital dos Marítimos mais de um mês depois do incêndio. Tinha sido convidado pelo amigo anestesista Antônio Siqueira, que trabalhava com o cirurgião Lauri Cunha. Até então não havia nenhum cirurgião plástico atendendo os pacientes (Ventura,

2011). Jacy teve um papel importante na recuperação de Luiz Gomes, que recorda quando ele chegou ao hospital e informou que iria cuidar dele. De acordo com Ventura (2011), a resposta de Luiz Gomes foi “fale com meu pai” (p.140), e foi isso que o médico fez, pediu a autorização ao seu pai. Luiz Gomes afirma ainda que Jacy chegou a custear o seu tratamento, estendendo a ajuda para além dos aspectos técnicos (Soalheiro et al., 2002). Outro exemplo de solidariedade, que aparece nos relatos (Rodrigues et al.,2002; Ventura, 2011) é o de Maria Pérola Sodré, que atuou como voluntária no Hospital Antônio Pedro, onde fundou, na ala infantil, um grupo de escoteiros. Nestes exemplos, temos que o investimento libidinal no outro está entrelaçado ao ideal de ego, pois ele está presente nas escolhas profissionais, como também no caso de Maria Pérola. Ela conta que a escolha de trabalhar com os escoteiros foi influenciada pela atuação dos pais nesse movimento, afirmando também que a ação solidária era pautada “...na promessa do movimento, que diz: Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião” (Ventura, 2011, p.173). Assim retomamos aqui a afirmação de que o investimento em objetos narcisicamente idealizados está presente na ação solidária.

Como esse investimento libidinal pode ter auxiliado quem o recebeu? A ajuda a que nos referimos é aquela que vai além dos aspectos materiais. Nesse sentido, Mendlowicz (2006) ressalta que “Freud vincula o desamparo ao amor, ao dizer que as situações de perigo criam [para o homem] a necessidade de ser amado.” (p.56). Partindo dessa ideia, seguimos Freud (1914/1996m), quando ele assevera que o investimento libidinal, provindo do outro, engrandece o ego e esse é um fator importante para que ele possa investir em objetos externos. Entendemos que alguns relatos atestam isso, como por exemplo, o caso de Lenir. Ela lembra que um padre chegou a dar-lhe a extrema-unção para que ela pudesse morrer em paz. Sem conseguir falar, ela lembrava dos filhos e do marido e pensava “não vou, não quero, não posso ir. Não vou mesmo!” (Ventura, 2011 p.154). Porém, quando fica sabendo sobre a morte da família perde a vontade de viver. Sobre isso diz que um dia uma tia sua veio falar-lhe que deveria ser forte, ela mente para a tia dizendo que já sabia sobre a morte de seu marido e filhos. Sobre isso relata: “Ela caiu direitinho e minha ficha também. Tinha acabado de fazer um enxerto. O enxerto caiu. Não sentia vontade de viver. Não pensava em suicídio, mas queria morrer” (EM, 2011). Se o amor é impossível de se realizar o sujeito pode sucumbir à melancolia e desesperança. Nesse sentido, Lenir enfatiza a importância de sua mãe, que não saía do lado de seu leito, fazendo com que ela pensasse: “Não posso morrer antes de minha mãe. Tenho que viver” (Ventura, 2011 p.164). Luiz Gomes teve, além da ajuda de seus pais, o amor de Nicéa, que ficava ao lado de seu leito segurando e acariciando a sua mão. Não há como não pensar que o sujeito experimenta a situação em que continua

sendo amado, apesar de todas as perdas do que, imaginariamente, o sustentava nessa posição. E que essas repetidas experiências o ajudam a recuperar a confiança narcísica que será importante para que ele possa empreender o trabalho de luto. Nesse sentido a presença do outro não é sem importância. Além das situações a pouco descritas, a ajuda dada por Maria Pérola à mãe, que precisou decidir sobre a amputação da perna do filho de nove anos, nos parece exemplar. A perna já estava perdida, e se a amputação não fosse feita o seu filho corria o risco de morrer. A atitude de Maria Pérola parece ter auxiliado essa mãe a empreender o trabalho de desvencilhar-se das amarras que a atavam a imagem idealizada do filho, e de significar essa perda. Assim, com a autorização assinada pela mãe, o filho pode se desprender da perna para continuar caminhando pela vida.

Temos nesses repetidos exemplos também a presença da alteridade, que como postulamos, parece ser a única via possível para que a solidariedade possa ser pensada como ajuda mútua sustentada pela distinção dos sujeitos a partir de seu desejo. Retomamos a ideia de que é preciso que o sujeito caia do lugar de objeto idealizado, ou seja, que o seu aspecto humano ganhe espaço nessa relação. Por isso, devemos seguir com cautela na análise dos exemplos que extraímos do desastre, pois é importante ressaltar que não se trata de estabelecer um comportamento normatizador a ser seguido, reduzindo o ato solidário a uma escolha consciente. Antes disso, o que se pretende é continuar no caminho empreendido até aqui, de explicitar como esse ato pode comportar a presença do sujeito do inconsciente. Nesse sentido, a nossa análise se sustenta a partir dos efeitos da solidariedade relatados, no *a posteriori*. Nesses exemplos, ao que tudo indica, podemos encontrar as marcas de como a sustentação da alteridade pode ter sido importante como suporte para a elaboração dos aspectos traumáticos, vejamos como.

Duas situações parecem marcar o contraste entre o tratamento do corpo e a demarcação do aspecto humano a partir do reconhecimento do outro. Uma delas é relatada por Ventura (2011) sobre o tratamento com enxertos de pele. Ele afirma que os pacientes estavam tão queimados que as áreas afetadas foram cobertas com enxertos de pele, que eram feitos com a pele dos próprios pacientes. Porém, em alguns casos, pela extensão da lesão, foi preciso utilizar pele de outra pessoa. Ventura (2011) relata que, o governo americano fez uma doação de peles desidratadas e secas, que haviam sido retiradas de soldados que morreram na guerra. Edgar Alves da Costa, que na época auxiliava o médico Ronaldo Pontes, após cinquenta anos recorda que:

O primeiro vidro que peguei vinha com o nome Peter escrito em uma etiqueta. Fiquei pensando: Será que era o doador? Ou será que foi quem colheu o material? O mais

provável é que tivesse sido quem doou. De qualquer forma, guardei esse nome para sempre (Ventura, 2011 p. 109).

O nome, como um significante, comporta a marca da dimensão humana do pedaço de pele. Temos também o sentimento contraditório sobre a participação do médico Ivo Pintanguy na ajuda aos sobreviventes. De acordo com Ventura (2011), ele envolveu-se na ajuda aos sobreviventes do incêndio, conseguindo recursos importantes para que os cuidados necessários fossem prestados. O desastre foi considerado como um espaço de pesquisa para a cirurgia plástica, sendo importante para evidenciar a relevância dessa especialidade médica (Ventura, 2011). Porém, Ventura (2011) afirma que a atuação de Ivo Pitanguy é motivo de controvérsia, pois alguns criticam o seu pouco envolvimento. Existe uma contradição entre a percepção de que sua atuação foi importante pelos benefícios que trouxe para a medicina, e o sentimento de que ele pouco se envolveu. O que nos leva a supor que essa contradição de sentimentos pode atestar a reinvidicação inconsciente do reconhecimento de que: um pedaço de corpo comporta a dimensão do humano. Marcando que não se trata simplesmente de uma ferida ou de uma cicatriz a ser curada, reconhecendo que existe um sujeito que suporta o corpo ferido. Pois, com a introdução dos conceitos de pulsão e narcisismo, temos o corpo pulsional, que liga o psíquico e o somático, e o corpo narcísico que posiciona o sujeito na relação com outro.

Ao que tudo indica, um exemplo de como esse reconhecimento foi possível, é a atitude do médico Jacy, quando respeita a decisão de Luiz Gomes e pede autorização para seu pai para cuidar dele. Luiz Gomes se refere ao médico como seu “grande compadre”, um amigo a quem agradece por estar vivo (Soalheiro et al., 2002). Não há como não pensar que o envolvimento do médico vai além dos cuidados técnicos, pois não é sem importância a escolha de Luiz Gomes para o nome de seu filho, que mostra a identificação narcísica dele ao médico. O filho, além de carregar o mesmo nome, também escolhe a mesma profissão, mas em outra especialidade. Não é mais da pele, mas da mente que ele decide cuidar. Ainda de acordo com Ventura (2011), foi por sugestão do médico que Luiz Gomes tornou-se fotógrafo.

Assim como o nome no frasco de pele, o grito, a dor, que emana do outro, nos diz Freud (1895/1996c1), se transformam em uma rede de impressões relativas ao corpo que ecoa para o sujeito a partir de suas próprias experiências. Não há como não pensar que a percepção do corpo reduzido a um pedaço de pele, uma ferida a ser tratada ou um objeto de experimentação científica, convoca o sujeito a experimentar a sua própria angústia diante da aniquilação do aspecto humano e da transformação do corpo como puro objeto de satisfação

pulsional do outro. Como asseveramos anteriormente, diante de sua própria angústia o sujeito pode escolher a frieza emocional. Porém, parece que para alguns, outro caminho foi possível: se sustentar na relação humana e para isso a distinção dos sofrimentos parece ter sido importante. Pensamos que os exemplos que se seguem demarcam essa possibilidade.

Um desses exemplos é a experiência de Maria Pérola frente à aflição que sentiu quando Tomaz, um dos pacientes mais graves da ala infantil, voltou a andar. De acordo com Ventura (2011), um dia, após mais de um ano em que Tomaz estava no hospital, um médico voltou-se para ele na cadeira de rodas e disse: “hoje você vai andar” (p.190). Diante do sofrimento de Tomaz, que chorava e pedia “me segura, eu vou cair” (p.191), Maria Pérola afligia-se e teve vontade de interromper o que considerava ser uma tortura para o menino. Tomaz conseguiu dar alguns passos, e logo voltou a andar. Ao não interromper, o que para ela era uma tortura, Maria Pérola conseguiu permanecer ao lado de Tomaz quando ele precisou empreender um trabalho que, embora doloroso, precisava realizar sozinho, e que era importante para a sua recuperação. Ou seja, para que ele pudesse produzir uma mudança na sua condição. Pensamos que esse relato metaforiza a situação em que, para o sujeito, foi possível suportar a aflição diante da dor do outro. Retomamos aqui a relação da solidariedade com um ideal narcísico, e seguimos Freud (1893/1996a3), quando ele adverte que a solidariedade, como um sentimento humano, não pode trabalhar unicamente a favor desse ideal. Ou seja, é preciso que o sujeito se abstenha em determinar o bem para o outro, acreditando que ele possa *fazer com* o sofrimento dele, que ele possa dispor dos recursos de sua constituição psíquica para promover uma transformação em seu sofrimento. Outro exemplo que nos parece indicar que isso foi possível está no fato relatado por alguns sobreviventes, como Luiz Gomes e Lenir, de que eles não foram tratados como vítimas ou coitados pelos médicos e por suas famílias (Ventura, 2011- Soalheiro et al.,2002), ressaltando o quanto isso foi importante para a sua recuperação. Nesse sentido, de acordo com Ventura (2011), Maria Pérola além de não tratar os sobreviventes como coitados, impedia que outras pessoas também o fizessem.

Pensamos que, para aqueles que ofereceram ajuda, suportar a intensidade dos afetos que os tomaram diante das situações descritas, foi manter distância, frieza emocional, mas sem recuar ao seu desejo, ou seja, poder suportar o seu próprio vazio o seu desamparo, construindo algo com ele, com o seu desejo, a ação solidária, como uma forma de significar o seu próprio mal-estar. Para os feridos, pensamos que se, como asseveramos anteriormente, o sofrimento proporcionado pelo tratamento trazia novamente a experiência do desastre, os seus resultados produziam um novo desfecho: a reconstrução da pele e do corpo. É possível que

essas repetidas vivências, através do tratamento e da presença do outro, possam ter funcionado como experiências consoladoras, como aquelas descritas por Freud (1926/1996v), em que é possível sentir angústia desacompanhada de desespero. Ainda sobre isso, lembramos que Freud (1920/1996s), ao analisar a brincadeira infantil do *fort-da* afirma que: “Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato.” (Freud 1920/1996s p.26) Assim como na brincadeira infantil, o prazer de repetir está na possibilidade de um desfecho que conduz aos poucos novamente a restabelecer o que foi perdido, mesmo que isso não possibilite reproduzir uma condição anterior ao desastre. Mas, abre a possibilidade de simbolizar as perdas e reconstruir laços tão importantes para que, em sua elaboração, possa se inscrever a alteridade e a possibilidade do sujeito continuar investindo na vida.

Porém mesmo que tenha sido possível para os sobreviventes, em alguma medida, elaborar os aspectos traumáticos de tais vivências, observamos que, passados mais de cinquenta anos, ainda sobram restos que parecem não terem conseguido ganhar o mesmo destino. Enfatizamos o fato, relatado pelos personagens que foram apresentados na introdução dessa pesquisa, de que o desastre deve ser esquecido. Isso nos leva a pensar na possível relação entre esse fato e a inexistência da construção do que Knauss (2007) e Ventura (2011) denominam de “lugares de memória”. Ainda nesse sentido o mal estar causado diante da exposição da foto do picadeiro queimado, depois de terem se passado mais de cinquenta anos do ocorrido, nos faz pensar que ele possa estar associado ao fato de que, essa imagem comporta também os corpos queimados. É a dimensão do humano que se amalgama nas cinzas do circo. Uma imagem que angustia, pois traz a marca do sujeito tomado como um objeto de satisfação alienante ao outro. Ainda que não se possa afirmar, ao que tudo indica, alguns aspectos ainda não puderam ser elaborados para que, como nos diz Andrade (2002), as coisas findas possam ganhar outras formas de representação, permitindo que esse desastre possa conquistar um espaço diferente na memória da cidade.

Encerramos retomando a ideia de que a solidariedade é uma manifestação do amor em sua forma inibida, pois como afirma Freud (1921/1996t, p.150), “Todos os vínculos de que um grupo depende têm o caráter de instintos inibidos em seus objetivos”. Acrescentando que nesse tipo de vínculo os objetivos sexuais não são abandonados “(...) mas são impedidos, por resistências internas, de alcançá-los; contentam-se com certas aproximações à satisfação e, por essa própria razão, conduzem a ligações especialmente firmes e permanentes entre os seres humanos.” (Freud 1923/1996u2 p.273). Isso nos leva a pensar que se a pulsão comporta

tanto o amor quanto à agressividade, na solidariedade essa última seria inibida. Freud (1930/1996w) diz que a renúncia à agressividade favorece a vida em comunidade. Porém, se pensarmos nesse favorecimento pela via da civilização, isso poderia levar para um sentido moralizante de tais renúncias. Sobre esses sentidos moralizantes, que buscam circunscrever uma verdade a ser seguida, Freud (1930/1996w) adverte que o que eles podem oferecer são ilusões. Aqui novamente devemos seguir com cautela, pois Freud (1912/1996k2) afirma que “vemos as pessoas caírem enfermas tão frequentemente quando põem de lado um ideal quando buscam atingi-lo” (p.252). E no texto *Mal-estar na civilização* (Freud, 1930/1996w) ele acrescenta que a renúncia à agressividade aumenta a severidade do superego. Partindo dessa ideia, não há como não pensar nos caminhos que se abrem para analisar que tipo de satisfação o homem pode obter através dessa relação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar uma compreensão, a partir da psicanálise, do que seja o sofrimento psíquico ocasionado por um desastre, e como a solidariedade pode auxiliar em sua elaboração, foi o que motivou a realização dessa pesquisa. De acordo com Freud (1930/1996w) o sofrimento pode chegar ao homem por razões diversas como a deterioração e o envelhecimento do corpo, pela destruição causada pelas forças da Natureza e pelas relações humanas, uma vez que a vida em sociedade, regulada pela cultura, exige a renúncia à satisfação pulsional. Um desastre pode colocar o homem diante de todos eles e se torna traumático quando, de acordo com Freud (1920/1996s), desestabiliza a economia psíquica em tal proporção que dificulta a elaboração do sofrimento ocasionado por ele. Nessas condições as defesas psíquicas são colocadas em movimento e o princípio de prazer é posto de lado, uma vez que a prioridade do aparelho psíquico passa a ser a de dominar e vincular a excitação excessiva para desvencilhar-se dela.

Pela perspectiva da psicanálise, realizamos uma pesquisa teórico-conceitual sobre o trauma, privilegiando os textos freudianos que colaboraram para a compreensão do tema elencado. Trabalhar sobre as consequências econômicas do trauma nos levou a discorrer sobre como o pequeno humano, desde muito cedo, está às voltas com o trabalho de vincular a excitação que o invade devido às exigências da vida. Esse trabalho, que é movido pela busca do prazer e pelo evitamento da dor, está marcado pela presença do outro, uma vez que o bebê, em função de sua imaturidade e desamparo, não pode prescindir do outro e nem de seu amor. Por essas contingências, para a psicanálise, a constituição psíquica é marcada pela sexualidade que se distingue de uma ordem instintual, pois diz respeito à busca de satisfação pulsional que tem como objetivo o prazer. Porém essa satisfação nunca é completa, pois não existe um objeto que satisfaça totalmente a pulsão, e em si mesma ela é ambivalente, uma vez que nela estão mesclados o amor e agressividade. Isso faz com que o investimento nos objetos externos seja marcado tanto por um *quantum* de satisfação como de renúncia pulsional. É por esses investimentos que serão formadas as representações que constituem a malha psíquica, e a presença do outro não é sem importância, pois por não poder prescindir de seu auxílio para sobreviver, o medo de perder o seu amor guiará o pequeno humano na construção de um conjunto ideativo que irá orientar as suas futuras escolhas de objeto. Sobre esses investimentos Freud (1923/1996u1) afirma que o ego é formado por suas precipitações, permanecendo nele as histórias dessas escolhas. Uma situação traumática pode acarretar a ruptura dessas representações que são constitutivas do psiquismo, reeditando a situação de

desamparo original e se caracterizando como uma ferida narcísica. Para reorganizar a economia psíquica será imprescindível que o sujeito possa se valer dos elementos constitutivos do seu psiquismo. Esse direcionamento teórico nos levou ao trabalho de luto, como uma via de elaboração das perdas acarretadas pela vivência traumática, e a possibilidade de articular como a presença do outro, através da relação humana estabelecida na solidariedade, pode se constituir como ajuda para a elaboração de tais perdas.

É importante destacar que essa articulação foi influenciada pelas características do evento analisado nessa pesquisa, e que tal fato se estabeleceu como um recorte sobre essa temática. Assim, ainda que seja possível tal articulação, de acordo com Figueiredo e Minerbo (2006), é importante considerar que os resultados e conclusões das interpretações realizadas a partir de fenômenos sociais, além de terem um alcance limitado ao fragmento estudado, também são relativos, pois podem ser construídas outras interpretações sobre o mesmo fenômeno, sem que elas se invalidem.

Levando em consideração os aspectos elencados até aqui observou-se que o significado da palavra solidariedade comporta a ideia de uma ajuda mútua (Aurélio, 2014), e na perspectiva da filosofia traz a dimensão da alteridade (Abbagnano, 2007; Ferrater-Mora; 1978). Ainda que não se possa afirmar que, no desastre analisado, a ajuda mútua tenha acontecido, foi possível considerar essa perspectiva partindo da ideia de que um desastre pode acarretar consequências psíquicas tanto para as suas vítimas diretas quanto para aqueles que se mobilizam através da solidariedade. Seguindo as concepções desenvolvidas por Freud (1915/1996n4 - 1916/1996o1) temos que diante da morte do outro o homem se vê confrontado com a sua própria mortalidade. De acordo com Labaki (2006) quando o homem perde essa ilusão a impossibilidade de representação da morte deixa livre o afeto na forma de angústia. Assim nos parece que o ato solidário pode ser considerado como uma tentativa de vincular o afeto que ficou livre, e nele está presente o sujeito do inconsciente. Por essa perspectiva temos que o que mobiliza o sujeito diante do sofrimento do outro é o seu próprio sofrimento suscitado pela angústia frente ao seu desamparo. Dessa forma a ideia da ajuda mútua se ampara no fato de que em cada um dos casos, tanto do sujeito que recebe a ajuda, quanto naquele que ajuda através do ato solidário, está em processo a tentativa de elaboração das consequências psíquicas de tal vivência. Para as vítimas diretas a presença do outro pode ajudar na recuperação da confiança narcísica que será importante para o trabalho de luto. Pelo que se configura foi possível compreender que a ajuda ocorrerá a partir das condições que cada um terá de dispor de sua capacidade desejante, acionando os recursos internos para dar conta de sua angústia.

A ajuda humana para as vítimas de situações de desastre tem servido de tema para pesquisas na área da psicologia. A ênfase de tais pesquisas parece recair principalmente nos aspectos traumáticos que tais vivências acarretam para as vítimas diretas. Em alguns desses trabalhos os fatores do trauma psíquico são definidos pelas reações fisiológicas e se amparam em referencial teórico da medicina (Franco, 2005); (Melo & Santos, 2011). Franco (2005) analisa as consequências de tais eventos para a vida das pessoas envolvidas diretamente neles, asseverando que não se pode prever o tempo que será necessário para que o sobrevivente possa elaborar os efeitos psíquicos de um desastre e acrescenta que o atendimento psicológico nas emergências visa:

(a) restaurar a dominância do funcionamento cognitivo sobre reações emocionais; (b) facilitar a restauração do funcionamento das instituições sociais e da comunidade; (c) facilitar o reconhecimento cognitivo do que aconteceu (...) restaurar ou aumentar as capacidades adaptativas, por meio de: (a) oferecer oportunidades para as vítimas avaliarem e utilizarem apoio familiar ou da comunidade; oferecer educação sobre expectativas futuras e (b) oferecer oportunidade para os sobreviventes organizarem e interpretarem – cognitivamente – o evento traumático (Franco, 2005 p.179).

Melo e Santos (2011) consideram também o impacto que um evento como esse pode acarretar para aqueles que se envolvem direta e indiretamente, e propõem ações preventivas para o “equilíbrio psíquico” (Melo & Santos, 2011 p. 177). Essas ações são propostas na forma de orientações e instruções que podem ser realizadas em grupo, no sentido de conscientizar as pessoas sobre as repercussões emocionais que estarão influenciando a sua capacidade de realizar o seu dever. O que esses trabalhos indicam é a preocupação em estabelecer parâmetros que sirvam tanto para classificar os efeitos traumáticos quanto para, com base nesses mesmos parâmetros, estabelecer ações de prevenção e orientação privilegiam os aspectos cognitivos do psiquismo.

Pela perspectiva da psicanálise, Vieira (2005) e Vieira e Migliavacca (2005), amparadas em Freud e Ferenczi, propõe uma leitura psicanalítica do trauma nessas situações. Elas partem principalmente das concepções desses autores sobre compulsão à repetição e pulsão de morte. Amparadas nesses conceitos consideram que, pelos transtornos que as perdas decorrentes de tal vivência podem acarretar para o ego, o trauma nessas situações pode se configurar como uma ferida narcísica. Ressaltamos que essa leitura, mantém o foco nas vítimas diretas de tais vivências. Nesse sentido ao que tudo indica a pesquisa que realizamos, ao considerar a dimensão mútua do ato solidário, amplia o foco dado pelos trabalhos mencionados, o que permite incluir na análise os fatores que levam a mobilização para a ajuda através da solidariedade.

Á guisa de conclusão, ainda que tenha sido possível produzir tais articulações, destacamos que esse é um dos recortes que podem ser feitos sobre o conceito de solidariedade. Porém, mesmo não sendo um conceito da psicanálise, Shimizu (2011) assevera que, pela perspectiva da coesão grupal, o tema foi amplamente trabalhado por Freud (1920/1996s) em *Psicologia das massas e análise do ego* para explicar o funcionamento da solidariedade nos grupos sociais. Por essa perspectiva amplia-se ainda mais a possibilidade de análise da relação humana estabelecida na solidariedade. Uma vez que a relação que Shimizu (2011) faz em sua pesquisa, entre a solidariedade e a coesão de facções criminosas, nos lança novamente para a perspectiva das questões morais e éticas que perpassam esse conceito. Um recorte como esse, feito por Shimizu (2011) nos leva a pensar em que consiste a ajuda mútua que se estabelece nesses grupos. E se, pela perspectiva da psicanálise, o que nos interessa é analisar como a solidariedade pode se constituir como uma ajuda para as questões psíquicas, ao que tudo indica ainda há muito espaço para a pesquisa sobre as modalidades de satisfação pulsional que estão inscritas através do laço social estabelecido aí. Por essa perspectiva, em qualquer um dos recortes que possa ser feito sobre o tema, existe sempre algo comum, os fatores que dizem respeito a nossa constituição. Nesse sentido retomamos o que havíamos indicado no final do capítulo anterior, pois pensamos que no texto *Mal estar na civilização*, Freud (1930/1996w), ao fazer uma análise do que é a felicidade para o homem, abre novas possibilidades de se pensar como o mais além do princípio do prazer mobiliza o homem na busca de satisfação, e como esse aspecto poderia estar implicado na relação humana que se estabelece na solidariedade. Novas pesquisas que considerem a solidariedade em contextos diversos, além dos desastres, podem contribuir para aprofundar a compreensão teórica sobre esse tema. Também ressaltamos a importância de se produzir pesquisas que desvinculem a solidariedade do trauma, o que possibilitaria ampliar o diálogo com os trabalhos já realizados sobre essa temática.

## REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007) *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Andrade, C. (2002). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar
- Aurélio (2014) Dicionário do Aurélio on-line. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/> Acesso em: 25 abril 2014.(não paginado)
- BBC (produtor) (2013) *Rádio online da BBC de Londres*. Disponível em:<http://www.bbc.co.uk>. Acesso em 10 maio 2013 (não paginado)
- Carvalho, M.T.& Ribeiro, P.C. (2006). Modelos do trauma em Freud e suas repercussões na psicanálise pós-freudiana. *Revista Percurso*, n. 37, 33-44, 2º semestre.
- CFP – Conselho Federal de Psicologia. (2011) *Textos geradores – II Seminário Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres / Conselho Federal de Psicologia*. Brasília: CFP.
- Cordeiro, S.C; Prevot, A.; Marques, R. (2002). *Transcrição entrevista com Luis Carlos pereira Rodrigues*. Laboratório de história oral e imagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.
- Cruglack, C. (2001). *Clinica da identificação*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Deminicis, R; Marconi, C.E. (2002). *Transcrição entrevista com Ivo Hélcio Jardim de Campos Pitanguy*. Laboratório de história oral e imagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.
- EM (2013) Jornal Estado de Minas online. Disponível em:[http://http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/02/03/interna\\_nacional,348077/doi-sobreviventes-de-grandes-incendios-contam-como-enfrentaram-o-sofrimento-e-as-sequelas.shtml](http://http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/02/03/interna_nacional,348077/doi-sobreviventes-de-grandes-incendios-contam-como-enfrentaram-o-sofrimento-e-as-sequelas.shtml). Acesso em 15 de abril de 2013 (não paginado)
- Ferrater Mora, J. (1978). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote
- Ferreira, L.A; Luis M.A.V. (2002). A construção do processo que culminou num episódio de queimadura: relato da história de vida de pacientes queimadas. *Rev Esc Enferm USP* 2002; 36(2): 125-32.
- Figueiredo, L.C; Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006.
- Franco, M.H.P (2005). Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. *Estudos de Psicologia*, São Paulo, 10(2): 177-180.
- Freud, S.(1996a1). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 03, p. 37-52). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893)

- Freud, S.& Breuer. (1996a2). Casos Clínicos Caso 1. Stra. Anna O. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 02, p. 57-81). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893)
- Freud, S.(1996a3). Casos Clínicos Caso 2. Sra Emmy Von N. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 02, p. 82-133). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893)
- Freud, S.(1996a4). A psicoterapia da histeria. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 02, p. 271-316). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893)
- Freud, S.(1996b). Carta 18 In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p.233-234). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1894)
- Freud, S.(1996c1). Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p. 335-454). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S.(1996c2). Rascunho G. Melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p.246-253). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S.(1996c3). Estudos sobre a histeria. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.02, p. 13-31). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S.(1996d1). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 03, p. 159-183). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896).
- Freud, S.(1996d2). A hereditariedade e a etiologia das neuroses, In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 03, p. 141-155) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896)
- Freud, S.(1996d3). A etiologia da histeria In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 03, p. 187-215) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896)
- Freud, S.(1996d4). Carta 52 In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p. 281-286) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896)
- Freud, S.(1996e1). Rascunho L. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p. 297-300) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897)
- Freud, S.(1996e2). Carta 69. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p. 309-311) (J.Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. . (Original publicado em 1897)
- Freud, S.(1996e3). Carta 71. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 01, p.314-317) (J.Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. . (Original publicado em 1897)

- Freud, S.(1996f). A interpretação dos sonhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 05, 541-646) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S.(1996g). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p. 119-229). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S.(1996h). Delírio e sonho na “Gradiva” de Jensen. In: *Obras psicológicas completas e Sigmund Freud*. (Vol. 09, p. 15-88). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).
- Freud, S.(1996i1). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Obras psicológicas completas e Sigmund Freud*. (Vol. 11, pp. 73- 141) (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S.(1996i2). Cinco lições de psicanálise. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11, p.17-65). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910).
- Freud, S.(1996j). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, p.15-89). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S.(1996k1). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, p.123-133). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S.(1996k2). Tipos de desencadeamento da neurose. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, p.247-255). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).
- Freud, S.(1996l). Totem e tabu. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, p.13-163). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S.(1996m). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p. 81-108). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S.(1996n1). Repressão. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p. 147-162). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S.(1996n2). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p.117-144). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

- Freud, S.(1996n3). O inconsciente. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p.171-223). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S.(1996n4). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p.283-309). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S.(1996o1). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p.325-348). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916).
- Freud, S.(1996o2). Sobre a transitoriedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p.315-319). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916).
- Freud, S.(1996p1). Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, p. 245-263). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).
- Freud, S.(1996p2). Conferências Introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16, p. 251-463). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917).
- Freud, S.(1996q). História de uma neurose infantil. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.17, p.15-127). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1918).
- Freud, S.(1996r). Introdução a psicanálise e as neuroses de guerra. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.17). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919).
- Freud, S.(1996s). Além do princípio de prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.18, p.221-226). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S.(1996t). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.18, p.79-154). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).
- Freud, S.(1996u1). O ego e o id, e outros trabalhos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.19, p. 15-80). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S.(1996u2). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.18 p.251-274). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

- Freud, S.(1996v). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, p. 81-171). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926).
- Freud, S.(1996w). O mal-estar na civilização In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, p.67-148). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).
- Freud, S.(1996x). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 22, p. 13-154). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933).
- Freud, S.(1996y). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23, p. 153-221). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1938).
- Freud, S.(1996z). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23, p. 15-150). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1939).
- Garcia-Roza, L.A. (2002). *A interpretação do sonho*, 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L.A. (2004). *Artigos de metapsicologia; 1914-1917; narcisismo, pulsão, recalçamento, inconsciente*, 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L.A. (2005). *Freud e o inconsciente*, 21 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Green, A. (1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Globo (Produtor) (2006). *Linha direta justiça: o incêndio do Gran Circus Norte Americano*. Disponível <http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GIJ0-5257-229493,00.html>
- Guerrero, G.Z. (2008) Reacciones emocionales de los niños hospitalizados con quemaduras, así como de sus familiares. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 29-38, março 2008
- Knauss, P. (2007). A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea - o incêndio do Gran Circo Norte-Americano em Niterói, 1961. *Revista Brasileira de História*, vol.27, n.53, 25-54.
- Labaki, M.E.P. (2001) *Morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo (Coleção clinica psicanalítica)
- Mauad, A.M. (2002). *Palavras e imagens de um acontecimento: o incêndio do Gran Circo Norte-americano, Niterói, 1961*. X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Maurano, D. (2010). *Para que serve a psicanálise*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

- Melo, C.A.; Santos, F.A. (2011). As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. *Psicólogo InFormação* ano 15, n, 15 jan./dez.
- Mendlowicz, E. (2006). Trauma e depressão. In: Rudge, A.M.(org) *Traumas* (p. 51-60). São Paulo: Editora Escuta.
- Mezan, R. (2006). *Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 227-241.
- Michaelis (2013) *Dicionário online de português*. Disponível em: <http://www.michelis.uol.com.br/> Acesso em: 20 nov 2013. (não paginado).
- Monzani, L.R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pismel, M.C.de C.(2010) *A construção/desconstrução da subjetividade a caminho de uma identidade singular*. (Dissertação de mestrado em Psicologia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá) Retirado de [http://www.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM\\_2010\\_MClaudia.PDF](http://www.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM_2010_MClaudia.PDF)
- Rodrigues, A.C; Rezende, C.E.L; Lima, F;Brum, M; Andrade, M (2002). *Transcrição entrevista com Maria Pérola Sodré*. Laboratório de história oral e imagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.
- Rosa, J.G. (2008). O espelho. In: Rosa, J.G. Primeiras estórias (p.76-85). Rio de Janeiro: Mediafashion.
- Roudinesco, E. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar
- Rudge, A. M. (2013) *Trauma* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.(Psicanálise passo-a-passo)
- Shimizu, B.(2011) *Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas*. (Dissertação de mestrado em Direito apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Soalheiro, B. Grimauth, D.;Gonçalves, L.A; Ferraz, R.(2002) *Trabalho de História Oral : Luis Gomes da Silva*. Laboratório de história oral e imagem, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.
- Souza, P.(2009). *A construção do conceito de eu na obra de Freud (1895-1923)* (Dissertação de mestrado em Psicologia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá) Retirado de [http://www.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM\\_2009\\_Pricila.pdf](http://www.ppi.uem.br/Dissert/PPI-UEM_2009_Pricila.pdf)
- Turcatto, J.A. (2010). A solidariedade como um postulado da razão comunicativa e da ética do discurso. *Thaumazein*, Ano III, número 06, Santa Maria (Outubro de 2010), pp. 50-68.
- Uchitel, M. (2001) *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*, 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 218p. (Clínica psicanalítica).

- Ventura, M. (2011). *O espetáculo mais triste da terra: o incêndio do Gran Circo norte americano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vieira, C. M. S.(2005). A metapsicologia do trauma. In: Vieira Neto, O., & Vieira, C. M. S. (Orgs.) *Transtorno de estresse pós-traumático: uma neurose de guerra em tempos de paz*. São Paulo: Vetor.
- Vieira, C.M.S.; Migliavacca, E. (2005). A fixação no trauma e a teoria da libido. In: Vieira Neto, O., & Vieira, C. M. S. (Orgs.) *Transtorno de estresse pós-traumático: uma neurose de guerra em tempos de paz*. São Paulo: Vetor.